

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

Solimar Carnavalli Rocha

ENTRE BORDADOS, RODAS E PARTILHAS:

avanços e desafios do trabalho associado e do empoderamento das mulheres da vila

Belo Horizonte

2019

SOLIMAR CARNAVALLI ROCHA

ENTRE BORDADOS, RODAS E PARTILHAS:

avanços e desafios do trabalho associado e do empoderamento das mulheres da vila

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Geografia.

Área de concentração: Organização do Espaço

Linha de pesquisa: Produção, Organização e Gestão do Espaço

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rogata Soares Del Gaudio

Belo Horizonte

2019

R672e
2019

Rocha, Solimar Carnavalli.

Entre bordados, rodas e partilhas [manuscrito] : avanços e desafios do trabalho associado e do empoderamento das mulheres da vila / Solimar Carnavalli Rocha. – 2019.

182 f., enc.: il. (principalmente color.)

Orientadora: Rogata Soares Del Gaudio.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Instituto de Geociências, 2019.

Área de concentração: Organização do Espaço.

Linha de pesquisa: Produção, Organização e Gestão do Espaço.

Bibliografia: f. 107- 113.

Inclui anexos.

1. Geografia humana – Minas Gerais – Teses. 2. Mulheres – Emprego – Minas Gerais – Teses. 3. Economia social – Minas Gerais – Teses. 4. Artesanato – Minas Gerais – Teses. I. Del Gaudio, Rogata Soares. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Instituto de Geociências. III. . Título.

CDU: 911.3(815.1)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA




FOLHA DE APROVAÇÃO

**ENTRE BORDADOS, RODAS E PARTILHAS: AVANÇOS E DESAFIOS
DO TRABALHO ASSOCIADO E DO EMPODERAMENTO DAS
MULHERES DA VILA**

SOLIMAR CARNAVALLI ROCHA

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em GEOGRAFIA, como requisito para obtenção do grau de Mestre em GEOGRAFIA, área de concentração ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO.

Aprovada em 16 de agosto de 2019, pela banca constituída pelos membros:


Prof(a). ROGATA SOARES DEL GAUDIO - Orientador
UFMG


Prof(a). Doralice Barros Pereira
UFMG


Prof(a). Eliano de Souza Martins Freitas
UFMG

Belo Horizonte, 16 de agosto de 2019.

Dedico esta dissertação às Mulheres da Vila e em especial à memória de *Elizabete Alves da Silva Soares, à sua alegria, irreverência e luta.*

AGRADECIMENTOS

Ao meu companheiro de vida, Lucas, por ter sido o principal incentivador a me aventurar na submissão ao processo seletivo de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFMG e pela enorme paciência, compreensão e alento durante todo este período, principalmente nas horas mais difíceis.

À minha mãe e à minha família por sempre terem acreditado na minha capacidade em momentos que nem eu acreditava e por entenderem minhas ausências nos almoços e lanches na casa da minha vó. Agradeço ao meu tio e padrinho Marquinhos (in memoriam) por ter me ensinado a viver intensamente cada momento da vida. Saudades eternas!

À minha orientadora, Rogata Soares Del Gaudio, por ter confiado em mim e no meu projeto desde a primeira conversa, por todas as “orientapias”, por dividir comigo seu conhecimento, tempo e experiência.

A todas as integrantes da associação Mulheres da Vila por terem me recebido de braços abertos desde o primeiro contato, pelas trocas riquíssimas de conhecimentos e saberes. Sem vocês esta dissertação não existiria!

Às professoras da banca de seminário, Doralice Pereira e Marlise Matos, pelas sugestões e críticas fundamentais para a conclusão desta dissertação. À professora Valéria Roque pelas aulas e conversas.

Às e aos colegas do Programa de Pós-Graduação, em especial à Bruna, Denise e Karen, por compartilharem angústias, alegrias, ideias e desabafos ao longo desta caminhada, tornando-a mais leve e enriquecedora.

Às amigas e aos amigos pelo apoio e incentivo para que eu me submetesse, ingressasse e permanecesse no mestrado, e por compreenderem minhas ausências durante este período.

À secretaria do Programa de Pós-graduação pelo suporte e auxílio em todas as questões burocráticas e administrativas que aparecem ao longo do caminho.

Ao CNPQ pela bolsa de auxílio financeiro, que me possibilitou me dedicar integralmente à execução desta pesquisa.

“... nosso feminismo só será mesmo urgente se for inteiro palpável e real para a maioria das mulheres brasileiras e do mundo. Se for popular e verdadeiramente emancipador.”

(Talíria Petrone)

RESUMO

No século XXI, com a difusão cada vez maior de informações proporcionada pelo advento da internet, muitas discussões e conceitos das ciências humanas que antes se restringiam a determinados ambientes, como o acadêmico e o da militância, se popularizam e alcançam com mais facilidade pessoas e grupos não inseridos nesses ambientes. Um exemplo disto é o conceito de empoderamento, especialmente o de empoderamento feminino, o qual foi buscado na plataforma do Google quatro vezes mais em 2017 que em 2012 pela população brasileira com acesso à internet. Por outro lado, ainda que a partir dos anos de 1970 tenha aumentado significativamente a participação feminina no mercado de trabalho, as mulheres seguem ganhando menos que os homens e exercendo trabalhos mais precarizados e desregulamentados que eles. Isto posto, esta pesquisa trata do empoderamento feminino como instrumento de emancipação e sua relação com o trabalho associado de mulheres. O ponto central da problemática diz respeito ao questionamento sobre, em que medida, a atuação de mulheres das camadas populares em associações de trabalho favorece ou não a construção e/ou consolidação do empoderamento feminino e o engajamento comunitário e político. Portanto, o objetivo geral consiste em identificar possíveis articulações entre a participação de mulheres associadas com o processo de empoderamento feminino e o envolvimento político-social em suas comunidades. Para alcançar tal objetivo, como parte da metodologia, foi realizada pesquisa de campo por meio da observação participante, além de entrevistas semiestruturadas. Tais procedimentos ocorreram na associação Mulheres da Vila, um grupo de artesãs e bordadeiras moradoras da periferia de Belo Horizonte e da Região Metropolitana de Belo Horizonte, entre agosto de 2017 e abril de 2019. A observação participante teve lugar, na maioria das vezes, nos dias em que acontecia a atividade da roda de conversa, com periodicidade variável entre quinzenal, mensal ou a cada dois meses. Os dados coletados, tanto as notas de campo como as entrevistas semiestruturadas foram tratados por meio da Análise Crítica do Discurso, de modo a compreender as construções ideológicas, ou seja, as visões de mundo a respeito de sua condição de mulher e seus vários recortes possíveis, presentes no cotidiano das mulheres sujeitos desta pesquisa. Os resultados da investigação mostram que a concepção de mundo se revelou, em grande parte, nas trocas e confrontos a partir dos questionamentos e da curiosidade das interlocutoras a respeito de aspectos da vida da pesquisadora. O trabalho desempenhado pelas mulheres da associação permite a elas uma inserção precária na sociedade de consumo. Por outro lado, no âmbito pessoal, a associação

mostra-se como um espaço aberto, acolhedor e seguro para relatos e desabafos de situações vividas como mulheres pobres e periféricas. Observou-se também que a relação entre a sociedade e a associação é dinâmica, uma vez que as condições gerais do Brasil na atualidade vêm gerando instabilidade que ameaçam a manutenção financeira do grupo e a própria existência dele.

Palavras-chave: trabalho associado; mulheres; empoderamento.

ABSTRACT

In the 21st century, with increased dissemination of information provided by the advent of the internet, many discussions and concepts of the human sciences that previously were restricted to certain environments, such as academia and activism, have become popular and reach people and groups not inserted in these environments. An example of this is the concept of empowerment, especially that of female empowerment, which was been searched on Google's platform four times more in 2017 than in 2012 by the Brazilian population with access to the internet. On the other hand, although women's participation in the labor market has increased significantly since the 1970s, women continue to earn less than men and work more precariously and deregulated than men. That said, this research deals with the female empowerment as an instrument of emancipation and its relation with women associated work. The issue main point concerns questioning to what extent women from the grassroots classes acting in labor associations, favors the construction and / or consolidation of female empowerment and community and political engagement. Therefore, the general objective is to identify possible articulations between the participation of women associated with the process of female empowerment and the socio-political involvement in their communities. To reach this goal, as part of the methodology, field research was conducted through participant observation, in addition to semi-structured interviews. Such procedures took place in the association Mulheres da Vila, a group of artisans and embroiderers living in the outskirts of Belo Horizonte and the Metropolitan Region of Belo Horizonte, between August 2017 and April 2019. The participant observation took place, in most cases, in the days in which the conversation circles occurred, with variable frequency between fortnightly, monthly or every two months. The data collected, both the field notes and the semi-structured interviews were treated through the Critical Discourse Analysis, in order to understand the ideological constructions, that is, the worldviews regarding their condition of woman and its various possible approaches, present in the daily life of the women subject of this research. The results of the research show that the conception of the world was revealed, in large part, in the exchanges and confrontations based on the questionings and the curiosity of the interlocutors about aspects of the life of the researcher. The work carried out by the association's women allows them a precarious insertion in the consumer society. On the other hand, in the personal scope, the association shows itself as an open, welcoming and safe space for reports and outbursts of situations experienced as poor and peripheral women. It was also observed that

the relationship between the society and the association is dynamic, since the general conditions of Brazil today are generating instability that threatens the financial maintenance of the group and the very existence of it.

Key words: associated work; women; empowerment.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 METODOLOGIA.....	20
2.1 Pesquisa de campo.....	20
2.2 Análise crítica do discurso e gênero: tratamento dos dados de campo.....	26
3 FEMINISMO, CAPITALISMO E IDEOLOGIA: ALGUMAS REFLEXÕES.....	33
3.1 Patriarcado e a resistência das mulheres.....	34
3.2 Capitalismo patriarcal.....	47
3.3 Da crítica à ciência androcêntrica à geografia feminista.....	55
4 TRABALHO ASSOCIADO, ECONOMIA SOLIDÁRIA E DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO.....	59
4.1 Surgimento e consolidação da associação.....	59
4.1.1 Breve caracterização do bairro Vila Apolônia.....	63
4.2 Economia solidária e as mulheres da vila.....	65
4.3 Gênero, artesanato e divisão sexual do trabalho: aproximações.....	70
5 EMPODERAMENTO, POLÍTICA E SOLIDARIEDADE.....	87
5.1 O feminismo da segunda onda e a ascensão do Neoliberalismo.....	87
5.2 Empoderamento como instrumento de emancipação e autonomia das mulheres.....	91
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	105
REFERÊNCIAS.....	107
ANEXOS.....	114

1. INTRODUÇÃO

Início este texto trazendo um breve relato do contexto pessoal que direta ou indiretamente me levou a plantear as questões de pesquisa que serão levantadas mais adiante. Entendo esta pesquisa como o resultado, ou melhor, o estágio atual da construção de minha trajetória pessoal de mulher branca, vinda de uma família de baixa renda, nascida e residente em uma metrópole em se constituir como acadêmica feminista. Tal trajetória começa, aproximadamente há doze anos, antes mesmo que eu pudesse ser considerada e/ou me considerar acadêmica ou feminista. Na adolescência, durante o Ensino Médio, tive a oportunidade de, por meio de amigas, conhecer dentro do cenário musical e cultural punk, o movimento Riot Grrrl. Este movimento surgiu nos Estados Unidos (e depois chegou a outros países, entre eles o Brasil) na década de 1990, como uma forma de mulheres jovens se expressarem artística e politicamente contra o machismo não só da sociedade como um todo, mas também e contraditoriamente no meio underground e contracultural. Essa forma de expressão se relacionava a bandas e fanzines (publicações feitas à mão com recortes e colagens), que abordavam e denunciavam temas como violência sexual e doméstica, transtornos alimentares, sexualidade, padrões de beleza, entre outros.

O material que tive acesso foi produzido conforme os princípios do D.I.Y. (Do it yourself – Faça você mesmo), tanto as letras de músicas como os textos e imagens de fanzines, foi essencial para me ajudar a entender melhor e a colocar em palavras o incômodo e inquietação que eu vinha sentindo, além de me estimular a pesquisar sobre esses temas. Perceber que não só minhas amigas, mas meninas e mulheres de outros lugares do Brasil e do mundo tinham indignações e experiências similares às minhas me deu um senso de identidade e possibilitou me posicionar com mais segurança diante do cenário underground que eu participava. Com o tempo, descobri que o Riot Grrrl estava associado à terceira onda do feminismo¹, sendo considerado até mesmo como um dos marcos do início desta, o que despertou minha curiosidade e interesse no feminismo de maneira mais ampla. Assim, enquanto planejávamos formas de nos manifestarmos no Dia Internacional da Mulher do ano de 2008, eu e um grupo

¹A trajetória do feminismo, na história ocidental, é organizada por pesquisadoras e pesquisadores da área (embora haja controvérsias) em ondas, que são períodos históricos identificados para fins didáticos pelo conjunto de algumas pautas e demandas em comum para/das mulheres. De maneira geral, a primeira onda do feminismo tem como marco o movimento sufragista iniciado na Inglaterra no fim do século XIX. A segunda onda surge no fim dos anos 1950 e se caracteriza pela luta por direitos reprodutivos e pelos debates sobre a sexualidade (PINTO, 2010). Já a terceira onda se inicia nos anos 1990 com o movimento Riot Grrrl e com o surgimento dos estudos de gênero (MIGUEL et al, 2014).

de amigas conhecemos o núcleo belo-horizontino do movimento social feminista Marcha Mundial das Mulheres (MMM)², cujas integrantes também participavam de outras manifestações promovidas na cidade - como aquelas que reivindicavam o passe livre aos estudantes, das quais nós também participamos. As primeiras reuniões promovidas pela MMM em que compareci tinham como pauta o planejamento de ações no Dia Internacional da Mulher no ano de 2008. Após a realização do ato do dia 8 de março, continuei participando do grupo por meio de encontros para formação e discussão em/de temas variados relacionados às pautas levantadas pela MMM. Este convívio com integrantes da MMM me possibilitou ampliar, tanto na teoria quanto na prática, meu conhecimento sobre feminismo, passando a levar em conta a crítica anticapitalista e anti-neoliberal que a MMM incorporava à luta feminista, articulando-a às desigualdades socioeconômicas e de classe.

No início da minha graduação em Geografia, cursada entre 2008 e 2012, eu ainda não enxergava de maneira clara como poderia associar e aproximar as pesquisas sócio espaciais e as categorias de análise geográficas (espaço, território, lugar, região, etc) que vinha conhecendo e aprendendo na academia ao debate feminista e aos estudos de gênero. Em 2011, o núcleo belo-horizontino da MMM pretendia realizar um curso de formação feminista. As reuniões da MMM tinham um perfil bastante diversificado de mulheres, como militantes de esquerda, universitárias e donas de casa das camadas populares. Para construção do curso foram levantados os temas que mais interessavam às participantes e o tema mais citado, principalmente pelas donas de casa, foi a violência doméstica. Diante disso, decidi que este seria também o tema de pesquisa do meu TCC³, o qual teria que começar no semestre seguinte.

Para elaborar a revisão bibliográfica do TCC, que buscou identificar as correlações entre a violência doméstica contra a mulher e a fragilidade social na Região Metropolitana de Belo Horizonte utilizando-se técnicas de geoprocessamento, iniciei uma busca por trabalhos que relacionassem de alguma forma os estudos feministas e de gênero às questões geográficas e espaciais, os quais eu até então, desconhecia. Foi com grande alegria e alívio que encontrei durante essa busca, o Grupo de Estudos Territoriais (GETE), coordenado pela professora doutora Joseli Maria Silva, que vem desenvolvendo pesquisas sobre a relação em torno do

² A Marcha Mundial das Mulheres é um movimento social feminista internacional, que teve início no ano de 2000 como uma grande mobilização que reuniu mulheres de todo o mundo em uma campanha denunciando a pobreza e a violência sexista. Para mais informações, ver <<http://marchamulheres.wordpress.com/mm>> Acesso: 01 set 2018.

³ Trabalho de Conclusão de Curso.

espaço, gênero e sexualidades na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) desde 2003. Considero que a leitura do livro *Geografias Subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades* (2009) e a participação no I Seminário Latino-Americano de Geografia e Gênero (2011), ambos organizados pelo GETE, foram iniciativas marcantes, não só como contribuição teórica e epistemológica à construção do meu TCC defendido em 2012, mas na minha caminhada acadêmica como geógrafa feminista. Eles também foram a porta de entrada para meu constante aprofundamento e interesse nesta área de pesquisa.

Nos últimos anos, com a difusão cada vez maior de informações proporcionada pelo advento da internet, muitas discussões e conceitos das ciências humanas que antes se restringiam a determinados ambientes, como o acadêmico e o da militância, se popularizam e alcançam com mais facilidade pessoas e grupos não inseridos nesses ambientes. Um exemplo disto é o conceito de empoderamento, especialmente o de empoderamento feminino. Os resultados da pesquisa “*Dossiê BrandLab - A busca por diversidade no Brasil*” (2017) mostram que a busca pelo termo empoderamento feminino foi quatro vezes maior no Google em 2017 do que em 2012, o que evidencia um grande interesse e curiosidade da população brasileira, que possui acesso à internet, por esta temática.

A palavra empoderamento provém do vocábulo da língua inglesa *empowerment*. A origem de seu uso está ligada ao movimento negro dos Estados Unidos nas décadas de 1960 e 1970. A primeira conceituação formal do termo foi elaborada em 1976 por Barbara Solomon em seu livro *Black Empowerment: Social Work in Oppressed Communities* (1976). Para Solomon (1976), empoderamento diz respeito à agência e capacidade de pessoas na tomada de decisões sobre questões relacionadas a seu próprio grupo ou classe. O conceito remete, de maneira geral, à ideia de atribuir poder político a sujeitos e grupos oprimidos e marginalizados pela sociedade, sejam eles negros, pessoas LGBT, mulheres, indígenas, pessoas com deficiência, entre outras minorias políticas. Sobre o empoderamento feminino, em particular,

refere-se à potencialização educacional e profissional das mulheres, aumentando seu nível de informação, aguçando suas percepções e evidenciando ideias e sentimentos comuns. Seu objetivo mais amplo é fortalecer as capacidades, habilidades e disposições para o exercício legítimo do poder. (YANNOULAS, VALLEJOS, LENARDUZZI, 2000, p.441).

O educador brasileiro Paulo Freire (1986) também dedicou sua atenção ao termo empoderamento, concebendo-o não apenas como um processo de caráter individual ou psicológico, o que seria uma autoemancipação pessoal, mas principalmente coletivo, ou seja, o empoderamento de classe social. Para Freire (1986), não há autolibertação, pois a libertação

é um ato social. Assim, o empoderamento caracteriza um processo de ação coletiva que acontece por meio da interação entre indivíduos e que gera pensamento crítico sobre a realidade que possibilite transformações sociais.

Diante disto, a pesquisa aqui desenvolvida propõe tratar do empoderamento feminino como instrumento de emancipação e sua relação com o associativismo de mulheres. O ponto central da problemática diz respeito ao questionamento sobre, em que medida, a atuação de mulheres das camadas populares, vinculadas às associações de trabalho favorecem ou não a construção e/ou consolidação do empoderamento feminino e o engajamento comunitário. Como desdobramento desta questão, entendendo o empreendedorismo como um discurso neoliberal que incentiva o empoderamento feminino somente numa perspectiva individual(ista) . Dito isto, indaga-se sobre a possibilidade destas associações de mulheres serem uma forma pela qual estas se integrem ativamente em suas comunidades.

A abordagem feminista ou de gênero na Geografia tem muito a contribuir no sentido de ampliar a investigação das práticas espaciais visibilizando a atuação coletiva das mulheres como objeto de estudo. Silva (2011) aponta que as relações de gênero se revelaram para a ciência geográfica como importante elemento para a compreensão da realidade socioespacial contemporânea caracterizada por uma particular estruturação social e familiar, instituída nas relações de poder que estão, simultaneamente, nas esferas públicas e privadas. Sendo assim, compartilhamos do posicionamento de que tanto na Geografia, como nas ciências humanas e sociais em geral, trabalhar com conceitos feministas significa simultaneamente assumir um compromisso político com a transformação do mundo, como também assumir uma perspectiva teórico-metodológica que vise desvendar a suposta neutralidade de categorias e conceitos (SILVA, 2013).

Embora a categoria “mulher” possua como característica em comum que a une a realidade material do sexo, ela não é homogênea, pois existem muitas subdivisões internas. Neste sentido, é importante destacar a escolha por um recorte de classe, visto que falar sobre a categoria mulher de forma universal mascara intersecções como classe, raça e orientação sexual, as quais estabelecem uma hierarquia social mais complexa do que a de gênero, onde as opressões se sobrepõem e influenciam umas às outras (DAVIS, 2016). Para Silva et al (2011, p.32), a importância que as análises interseccionais trazem para a Geografia diz respeito à possibilidade de “criação de uma perspectiva analítica complexa das vivências

humanas, e também permitem escapar da armadilha do espaço fixo, dado e constituído por dinâmicas sociais pouco palpáveis no cotidiano das pessoas. ”

Sendo assim, reitera-se que neste estudo o enfoque será nas mulheres trabalhadoras, das camadas populares. Em uma análise histórica, Saffioti (2013), chama a atenção para o fato, muitas vezes desconsiderado, de que a mulher das camadas sociais diretamente ocupadas na produção de bens e serviços nunca foi alheia ao trabalho, inclusive nas economias pré-capitalistas. Ao contrário, ela sempre contribuiu para a subsistência de sua família e para criar riqueza social.

Nancy Fraser (2017) sustenta que a divisão entre produção econômica e reprodução social continua sendo a base estrutural da subordinação das mulheres na sociedade capitalista, ainda que suas formas tenham mudado significativamente ao longo do tempo. Segundo a autora, esta divisão não existia em outros períodos da história caracterizados por outros modos de produção e acumulação, em que as diferentes atividades ocorriam nos mesmos espaços de forma simultânea. Assim, para esta autora, para se alcançar a emancipação das mulheres, o enfoque de qualquer política feminista deve considerar o elo entre produção econômica e reprodução social se atentando para a sua profunda imbricação, e não apenas se concentrar em um desses polos.

No contexto das transformações no processo de produção e de trabalho que vem ocorrendo nas últimas décadas, Antunes (2009) ressalta como uma das principais consequências dessas transformações e de como afetam o mundo do trabalho, o aumento significativo do trabalho feminino. Este é caracterizado por ser, na maioria das vezes, precarizado e desregulamentado.

Neste sentido, Silva (2011) aponta que, no Brasil, refletindo uma tendência mundial, ocorre a partir da década de 1970 um aumento da participação feminina no mercado de trabalho. Entretanto, as mulheres, até os dias de hoje, tendem a ganhar menos que os homens e a exercerem a maior parte das atividades domésticas, vivenciando a chamada dupla jornada.

Esta situação se explica sob a ótica de ainda vivermos sob a égide do patriarcado. Este conceito tem um caráter polissêmico, já que pode tanto ser compreendido de maneira biologizante, como algo natural e de base weberiana, como também de maneira crítica, como é entendido pelas feministas que consideram a relevância do termo para explicar a dominação masculina existente na sociedade. Saffioti (2004) sintetiza e enumera seis razões pelas quais o

conceito de patriarcado, como regime atual de relações homem-mulher tanto no nível particular quanto no nível estrutural, os quais estão diretamente conectados, continua sendo relevante para a teoria feminista:

“1 – não se trata de uma relação privada, mas civil;

2 – dá direitos sexuais aos homens sobre as mulheres, praticamente sem restrição [...];

3 – configura um tipo hierárquico de relação, que invade todos os espaços da sociedade;

4 – tem uma base material;

5 – corporifica-se;

6 – representa uma estrutura de poder baseada tanto na ideologia quanto na violência.” (SAFFIOTI, 2014, p.57 – 58).

A definição dada pela geógrafa Joseli Maria Silva também demonstra a atualidade e a extensão do conceito de patriarcado. Para ela, o patriarcado é

um sistema de relações hierarquizadas no qual os seres humanos detêm poderes desiguais, com a supremacia da autoridade masculina sobre a feminina em diversos aspectos da vida social, abrangendo desde os sistemas econômicos e sistemas jurídico-institucionais até os regimes cotidianos do exercício da sexualidade. (SILVA, 2009, p. 33).

Além de incorporar o trabalho feminino de maneira desigual e diferenciada por meio da divisão sexual do trabalho, com salários mais baixos, menos direitos e condições de trabalho precárias, o capital também se apropria da polivalência e multiatividades do trabalho feminino, de sua experiência como trabalho reprodutivo e doméstico, em suas funções no trabalho remunerado, realizado fora de seu próprio ambiente doméstico (Antunes, 2009). Assim, ao invés dessas características - que resultam de sua socialização enquanto mulheres - se constituírem em uma vantagem para as mulheres, as quais poderiam proporcionar a emancipação parcial das mesmas, o capital as converte em uma fonte que intensifica a desigualdade existente, ampliando ainda mais a exploração de sua força de trabalho. (ANTUNES, 2009).

Outro ponto em que é possível perceber as desigualdades de gênero presentes na sociedade é a situação econômica das mulheres, de forma geral. As mulheres são ainda mais afetadas pela pobreza que os homens, visto que mundialmente elas ganham em média 50% a menos que eles, situação que tem sido chamada de “feminização da pobreza” (ONU, 2010). Assim, a autonomização da mulher é considerada um fator crucial para superar o ciclo da pobreza, ao

se proporcionar às mulheres o acesso a oportunidades econômicas e à educação, bem como a autonomia necessária para aproveitarem essas oportunidades (ONU, 2010).

Nos últimos anos, em paralelo à discussão da condição econômica das mulheres, o empreendedorismo feminino vem sendo colocado tanto pelo Estado, quanto pela iniciativa privada como uma alternativa de renda e, muitas vezes, como propulsor de empoderamento para as mulheres. Segundo o Anuário das Mulheres Empreendedoras e Trabalhadoras em Micro e Pequenas Empresas, elaborado pelo Sebrae em 2013, no Brasil entre 2001 e 2011 o número de mulheres empregadoras que trabalham por conta própria subiu de 5.785 para 7.025 (em 1.000 pessoas). Cabe refletir sobre as razões deste aumento, visto que ele pode estar diretamente relacionado ao desemprego, sendo não apenas um “desejo”, mas uma necessidade de buscar outras formas de trabalho que não o assalariado, o que pode levar ao aumento do trabalho precarizado e compor renda. Entende-se que a autonomia econômica das mulheres seja um passo fundamental no processo de empoderamento em seu cotidiano. Entretanto, somente esta condição não garante a efetivação deste processo, o qual também diz respeito a aspectos sociais e políticos, podendo até mesmo trazer conflitos e contradições nas relações familiares e afetivas.

Diante da complexidade desta temática, esta pesquisa orienta-se por uma compreensão feminista materialista da realidade, pensando o conceito de gênero como uma divisão hierárquica social e não somente uma simples distinção cultural (DELPHY, 1993).

O materialismo propicia uma análise crítica sobre as relações sociais, por meio de uma perspectiva de totalidade e de busca pela compreensão das mediações que tornam possível a elucidação da essência dos fenômenos sociais, e assim, indo além das suas expressões imediatas (KOSIK, 2002). Conforme Cisne (2018), vinculado aos estudos feministas marxistas, este método permite uma perspectiva teórica, assim como político-interventiva que visa desnaturalizar as particularidades das variadas desigualdades.

Cisne (2018) complementa afirmando que o patrimônio categorial da tradição marxista (a totalidade, a teoria do valor trabalho, a consciência e luta de classes e a perspectiva da revolução) elucida e desvela as bases concretas das determinações das explorações e opressões na emergência e desenvolvimento do modo de produção patriarcal-racista-capitalista. Ele nos permite ainda intervir para a organização e a atuação feminista classista e antirracista. Nessa direção, esse patrimônio categorial nos possibilita um

entendimento da condição da mulher no capitalismo, bem como aponta para a sua necessária participação política como integrante da classe trabalhadora na construção de um projeto societário emancipador (CISNE, 2018, p.214).

De acordo com a autora, esse cabedal teórico caracteriza-se pelo movimento do pensamento por meio da materialidade histórica da vida dos seres humanos em sociedade, isto é, trata-se de descobrir (pelo movimento do pensamento) as leis fundamentais que definem a forma organizativa dos homens e mulheres durante a história da humanidade. O princípio da contradição, presente nesta lógica, indica que para pensar a realidade é possível aceitar a contradição, caminhar por ela e apreender o que dela é essencial.

O materialismo pode ser considerado como uma interpretação moderna das relações sociais e de como elas são constituídas historicamente, sendo que entre estas relações estão as relações de exploração, de dominação e de opressão. Para Arruzza (2015), é dentro dessas relações sociais que as identidades e subjetividades são historicamente formadas e moldadas. Portanto, o método materialista é o oposto de determinismo biológico. Ele nega a existência de uma natureza feminina, o que não significa que fatores biológicos não interfiram nas relações sociais, porém não são um destino em si. O ato de engravidar, parir e amamentar, por exemplo, causam um impacto na materialidade e desempenham um papel dentro do sistema de opressão da mulher sob o capitalismo devido à maneira como as produções capitalistas se organizam, ou seja, a pressão de reduzir os custos da reprodução, de forma que estas produções não tenham que pagar os custos destas atividades.

Entretanto, para compreender a materialidade, não só é necessário debruçar sobre a estrutura social, mas também é importante analisar os contextos cotidianos e localizados nas vidas das mulheres, pois em certa medida, os dois se complementam. É necessário considerar a capacidade de ação e a subjetividade, padrões de interação generificada na vida cotidiana e as hierarquias institucionais nas quais eles acontecem. Faz-se imperativo ainda compreender as maneiras como tais interações são compostas de e configuradas por significados que elas têm para as participantes; os micros níveis em que o poder é instaurado e resistido, assim como o nível macro de dominação sistêmica. Tudo isso de modo a não reduzir todos os aspectos da vida das mulheres a um efeito da estrutura social e avaliar em que medida as estruturas sociais são perpetuadas por meio das práticas humanas (JACKSON, 2001). Tendo isso em conta, o objetivo geral desta pesquisa consiste em identificar possíveis articulações entre a

participação de mulheres associadas com o processo de empoderamento feminino e o envolvimento político-social em suas comunidades. Como objetivos específicos intentamos:

- Identificar e compreender as razões e finalidades da proposta e das atividades desenvolvidas na associação investigada;

- Verificar se, por meio da participação na associação, ocorre também aumento da atuação nas comunidades onde essas mulheres residem e/ou em movimentos sociais;

- Identificar as diversas articulações interescolares entre a associação e o entorno, bem como sua ação em escala regional e mesmo nacional - por exemplo, por meio da participação em feiras e eventos nacionais.

2. METODOLOGIA

Para alcance dos objetivos propostos, a metodologia escolhida é do tipo qualitativo. Entendemos que a forma de aproximação dos sujeitos pesquisados que mais se adequa às questões colocadas nesta pesquisa é a observação participante em campo. Esta implica uma interação do(a) pesquisador(a) com o grupo estudado durante um período de tempo longo em situações cotidianas, o que favorece a obtenção de dados de natureza mais íntima e subjetiva do que outras técnicas de pesquisa, sejam etnográficas ou não (ANGROSINO, 2009). Assim, intenciona-se amenizar o distanciamento acadêmico entre sujeito e objeto de pesquisa, pois

não basta a simples inserção de recortes sociais considerados incomuns no campo da geografia; é necessário construir um fazer científico que desestabilize a posição do(a) pesquisador(a) ao falar pelos(as) “outros(as) ausentes”. É fundamental considerar o ponto de vista dos grupos pesquisados, seus próprios saberes, o que, certamente, constitui uma rica fonte de novos problemas e recursos de pesquisa que vai além do nosso universo branco, asséptico e burguês instituído nos ambientes da pesquisa acadêmica universitária. (SILVA, 2009, p. 14).

Para definição do(s) grupo(s) a ser(em) estudado(s), inicialmente procedeu-se a uma busca por meio da internet por associações, cooperativas e grupos de trabalho compostos por mulheres em Belo Horizonte. Diante dos poucos grupos encontrados, chamou a atenção o site (figura 01) de uma associação de artesãs e bordadeiras, a Mulheres da Vila, devido a sua proposta diferenciada de ser mais que uma forma de geração de renda se constituindo como um espaço de convivência. A escolha também ocorreu dada a ênfase na busca por grupos relacionados às camadas populares, o que também é característica dessa associação, localizada na divisa das regionais Pampulha e Venda Nova⁴ (conforme pode ser observado na figura 02).

2.1 Pesquisa de campo

Para aproximação com as mulheres trabalhadoras, adotamos os procedimentos descritos a seguir. Estabelecemos um primeiro contato, o qual pode ser considerado como a entrada no campo, indo à Feira Espaço de Cidadania em julho de 2017, onde a Associação Mulheres da Vila possui um *stand* fixo. Esta feira é promovida pela Prefeitura de Belo Horizonte há 15

⁴ Outras associações encontradas se localizam em bairros com maior poder aquisitivo, e/ou na área central de Belo Horizonte. Como nosso interesse está relacionado às mulheres trabalhadoras das camadas populares, fizemos a opção pela Associação Mulheres da Vila, que será mais bem caracterizada mais à frente.

anos e conta com aproximadamente 200 expositores, constituídos por pessoas atendidas ou que possuem membros da família atendidos por políticas públicas do município (PBH, 2017). A feira ocorre às sextas-feiras das 8h às 17h e está localizada na Avenida Bernardo Monteiro entre a Rua Timbiras e a Avenida Brasil. Lá são comercializados produtos diversos, desde anéis, brincos e colares a lingerie, bolsas e bonecas.

Ao chegar à feira conversei com uma moça que estava no *stand* pertencente à associação, à qual me apresentei como estudante da UFMG e relatei meu interesse em conhecer o grupo como parte de uma pesquisa. Ela prontamente me convidou para ir à atividade chamada “Roda de Conversa”, que aconteceria na sede da associação dali a duas semanas. Compareci à associação no dia agendado e fui muito bem recebida pelo grupo, o qual consentiu com que eu continuasse participando das rodas de conversa. Dessa forma, abandonei a ideia de conhecer outros grupos identificados por meio de pesquisa na Internet, decidindo dedicar a pesquisa de campo exclusivamente à participação em atividades da associação Mulheres da Vila, nas quais minha presença foi permitida⁵.



Figura 01: Página Inicial do site da associação Mulheres da Vila.

Disponível em < <http://mulheresdavila.com.br/>> Acesso em 10 ago 2017.

Segundo Mélo et al (2007), do ponto de vista das práticas discursivas, Rodas de Conversa estabelecem discussões em torno de um tema, a fim de possibilitar tornar visíveis práticas relacionadas à interação cotidiana. Para o autor, ao dar início à atividade com a exposição de um tema pelo pesquisador ou pela pessoa responsável por conduzir a roda a um grupo

⁵ Após o aceite do grupo em participar da pesquisa, o projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa para execução. O número CAAE (Certificado de Apresentação para Apreciação Ética) do projeto é 99684818.3.0000.5149.

(selecionado de acordo com os objetivos da pesquisa ou da dinâmica planejada) e, com base nisso, os integrantes da roda apresentam suas elaborações sobre ele, sendo que cada um instiga o outro a falar, argumentando e contra-argumentando entre si, posicionando-se e ouvindo o posicionamento do outro. Como consequência desse processo, as pessoas envolvidas contam e buscam compreender suas histórias simultaneamente, através do compartilhamento do exercício de pensar, que permite a significação dos acontecimentos.

As rodas de conversa são realizadas, sempre que possível, quinzenalmente. Nesta primeira ida à associação, onde participei pela primeira vez da roda de conversa, meu número de telefone celular foi adicionado por uma das integrantes ao grupo de Whatsapp da associação, no qual sempre é informada a data da roda de conversa seguinte e solicitada a confirmação das companheiras que comparecerão no dia. Assim, sempre que uma das companheiras fazia tal comunicado, eu verificava com a mesma se eu poderia participar na data informada. Esta inclusão simbólica como integrante da associação foi fundamental para o início do estabelecimento de vínculos entre mim e elas, pois facilitou nossa comunicação.

Desde então compareci à associação vinte e duas vezes para participação em rodas de conversa e uma vez exclusivamente para ajudar na produção e organização de peças. Além disso, fui convidada e estive junto com algumas integrantes no recebimento de uma doação concedida⁶ pela Gabinetona (gabinete compartilhado das vereadoras Áurea Carolina e Cida Falabela do Psol) no dia 15 de março de 2018 e também auxiliei na exposição realizada por elas no IV Encontro Nacional de Agroecologia no Parque Municipal em 03 de junho de 2018.

Estabeleci como procedimento para a observação participante não utilizar nenhum tipo de gravador, nem realizar nenhuma anotação durante todo o período em que estive na associação ou em outros espaços acompanhada por integrantes da associação. Embora este procedimento possa levar ao esquecimento de algum fato significativo ou à não transcrição fiel de alguma frase marcante, ele foi adotado a fim de minimizar qualquer desconforto ou constrangimento que minha presença pudesse ocasionar entre elas, assim como evitar interrupção ou distanciamento na interação com o grupo, buscando a manutenção e fortalecimento dos vínculos e laços construídos entre mim e elas. A observação foi registrada em notas de campo, as quais são escritas o mais breve possível após a chegada do campo, caracterizando-se de

⁶ Tal doação foi concedida à associação e a mais 14 iniciativas, as quais foram selecionadas a partir de 303 iniciativas indicadas na chamada pública *Cê Fraga?*, promovida pelas vereadoras citadas, como resultado de seu compromisso espontâneo de reservar parte de seus subsídios mensais para a criação de mecanismos de reconhecimento a iniciativas sociais e culturais em Belo Horizonte. O valor da doação recebida foi de cinco mil reais, sendo este valor utilizado para quitar dívidas bancárias da associação.

acordo com a classificação de notas de campo definidas por Clifford (1993 apud Resende, 2008), como do tipo descrição, ou seja, uma interpretação da realidade observada, consistindo em um momento de isolamento da pesquisadora para reflexão e análise.

Como complemento à observação participante, foram realizadas entrevistas de tipo semiestruturadas no mês de setembro de 2018 com seis mulheres da associação, a fim de aprofundar o entendimento acerca de questões que tenham surgido nas observações de campo. Na roda de conversa do dia 22/08/18 foram agendadas entrevistas com aquelas mulheres que manifestaram interesse e disponibilidade em participar desta etapa da pesquisa. Entendemos não ser necessário entrevistar todas as cinquenta e duas mulheres que compõem a associação, pois além da não disponibilidade de tempo para a aplicação e para a análise deste total, é bem provável que com uma quantidade muito maior que a estabelecida haja uma saturação de informações. Diante da inviabilidade de realizar entrevistas com aquelas mulheres que não comparecem às rodas de conversa⁷, pelo próprio fato de não frequentarem a associação, o convite para participar das entrevistas foi feito apenas para as mulheres que haviam comparecido à roda de conversa do dia 22/08.

A fim de favorecer a maior diversidade de pontos de vista e perfis possíveis, elas foram classificadas a partir de três critérios estabelecidos por mim, com os quais elas concordaram: faixa etária⁸, tempo de ingresso na associação⁹ e tipo de função desempenhada¹⁰. Após a classificação, para a qual contei com a ajuda de algumas companheiras, o levantamento indicou a distribuição apresentada nas tabelas abaixo.

⁷ Em geral, aquelas que não comparecem são bordadeiras que enviam suas peças bordadas através de outras companheiras, por não terem disponibilidade ou meios para se deslocarem até a associação ou são mulheres encarregadas de cortar e costurar as peças a serem bordadas, trabalho que realizam em casa.

⁸ < de 20 anos, 20 a 29 anos, 30 a 39 anos, 40 a 49 anos, 50 a 59 anos, 60 a 69 anos e 70 a 79 anos

⁹ 1 a 4 anos, 5 a 8 anos e 9 a 12 anos.

¹⁰ facilitadoras, bordadeira de vestimentas, bordadeira de colchas e bordadeira de bolsas.

Faixa etária	Quantidade de mulheres
Até 29 anos	3
30 a 39 anos	2
40 a 49 anos	4
50 a 59 anos	7
60 a 69 anos	5
70 a 79 anos	1

Tempo de ingresso	Quantidade de mulheres
0 a 4 anos	4
5 a 8 anos	2
9 a 12 anos	17

Tipo de função	Quantidade de mulheres
Facilitadoras	5
Bordadeiras de vestimentas	9
Bordadeiras de colchas	4
Bordadeiras de bolsas	2

Tabela 01: Distribuição do perfil (faixa etária, tempo de ingresso e tipo de função) das integrantes frequentes da Associação Mulheres da Vila
 Autoria: Solimar C. Rocha, 2018

Cabe destacar que a classificação dos tipos de funções desempenhadas pelas mulheres foi elaborada informalmente por elas mesmas, já existindo previamente à definição das entrevistadas, tendo sido sugerida pelas mulheres que me auxiliaram como critério de seleção. Elas consideram como facilitadoras aquelas companheiras que trabalham na sede da associação de segunda a sexta entre 8 e 17h. Elas são responsáveis por produzir colares, brincos, broches, chaveiros, entre outros produtos chamados de “miúdos”. São elas que vão para os eventos onde participam como expositoras, seja em Belo Horizonte ou em outras cidades, sendo que uma delas está cadastrada como expositora representante da associação na Feira Espaço Cidadania. O trabalho de contabilidade é feito em conjunto pelo único homem integrante da associação (que é marido de uma integrante) e por uma das facilitadoras, os

quais têm outras atividades além desta. Elas também planejam as dinâmicas e elaboram as pautas para as rodas de conversa.

As demais mulheres são todas bordadeiras e comparecem às rodas de conversa, onde, ao final, recebem das facilitadoras peças para bordar e entregam as peças já bordadas. As bordadeiras de vestimentas produzem bordados em vestidos, saias, calças e/ou coletes previamente cortados e costurados. As bordadeiras de colchas produzem colchas a partir de retalhos de tecidos, as quais posteriormente são vendidas como tais ou são transformadas em peças de vestimentas a serem bordadas ou em bolsas bordadas por aquelas encarregadas dessa função.

Diante da distribuição observada, consideramos que as seis mulheres que participaram das entrevistas representam bem a diversidade de perfis e características do grupo. Segue abaixo o perfil de cada uma:

- 30 a 39 anos/ 0 a 4 anos de ingresso no grupo/ facilitadora;
- Até 29 anos/ 0 a 4 anos de ingresso no grupo / bordadeira de colchas;
- 60 a 69 anos/ 9 a 12 anos de ingresso no grupo / facilitadora;
- 60 a 69 anos/ 9 a 12 anos de ingresso no grupo / bordadeira de colchas;
- 50 a 59 anos/ 9 a 12 anos de ingresso no grupo / bordadeira de vestimentas;
- 60 a 69 anos/ 9 a 12 anos de ingresso no grupo / bordadeira de bolsas;

Após a realização das entrevistas, duas das mulheres entrevistadas se desligaram do grupo. Tentei fazer contato com elas para pedir autorização para manter seus depoimentos no texto. Uma delas concordou em continuar participando da pesquisa. Quanto à outra, não possuía nenhuma forma de contato via telefone, e por isso foi decidido retirar seus depoimentos do texto.

Em relação ao perfil das cinco mulheres cujos depoimentos foram mantidos no texto, no que diz respeito aos filhos, apenas uma das cinco não possui nenhum. Já as outras quatro possuem de 3 a 6 filhos.

Quanto ao estado civil, há maior heterogeneidade entre elas. Uma é viúva, uma divorciada, duas são solteiras e uma era solteira no momento da entrevista, tendo se casado semanas depois, já estando em uma união estável com o cônjuge há alguns anos.

Em relação ao grau de escolaridade, três delas não concluíram o Ensino Fundamental, tendo estudado até a “4ª série”, “7ª série ginásial” ou “8ª completa”, nas palavras delas. Uma das entrevistadas declarou ser analfabeta. Já a outra entrevistada afirmou ter iniciado graduação em Direito e ter parado.

Quando perguntadas sobre a cor que se autodeclaram, três delas disseram ser pardas, uma preta e uma morena. Porém, a maioria das respostas foi pouco assertivas:

“Eu sou parda pelos documentos antigos, né?” (Transcrição entrevista Rosa 03/09/18).

“Parda, né?” (Transcrição entrevista Ângela 12/09/18).

“Olga, né?” (Transcrição entrevista Cecília 14/09/18).

“Bom, dizem que eu sou branca... Eu me considero morena” (Transcrição entrevista Joana 12/09/18).

Sobre o local de nascimento, quatro das entrevistadas nasceram em cidades do interior de Minas Gerais. Destas quatro, três migraram para a capital ou para a região metropolitana na infância e uma já adulta. Apenas a entrevistada mais jovem nasceu em Belo Horizonte.

Por último, quanto ao local de residência das mulheres entrevistadas, três moram no município de Ribeirão das Neves e duas em Belo Horizonte, sendo que destas duas, uma reside no bairro Vila Apolônia. Este bairro está situado a aproximadamente 1 km da sede da associação e é de onde são as primeiras integrantes da associação, sendo que muitas das associadas atualmente são moradoras deste bairro.

2.2 Análise crítica do discurso e gênero: tratamento dos dados de campo

Os dados coletados, tanto as notas de campo como as entrevistas semiestruturadas, foram analisados por meio da Análise Crítica do Discurso de modo a compreender as visões de mundo a respeito de sua condição de mulher e seus vários recortes possíveis presentes no cotidiano das mulheres sujeitos desta pesquisa¹¹. Assim, intento visibilizar a existência cotidiana das mulheres e os significados que elas atribuem a suas vidas, sem perder de vista os

¹¹ Embora não seja comum na escrita acadêmica, ao longo do texto foi usado a primeira pessoa do singular e do plural. A justificativa para isto se deve ao fato de que as observações, e consequentes interações, no campo tiveram um caráter pessoal e subjetivo. Apesar disto, as reflexões e análises a partir das observações, dos depoimentos, assim como do referencial teórico, foram elaboradas em conjunto com minha orientadora, como também tiveram contribuição direta ou indireta das examinadoras da banca de seminário, professores/as e colegas.

padrões estruturais de dominação e de subordinação. O surgimento das pesquisas envolvendo Análise de Discurso, seja ela de matriz francesa ou anglo-saxã, com um novo enfoque da Linguística ampliou o estudo da linguagem para perspectivas que considerem não apenas a língua, mas o contexto social em que ela ocorre, demonstrando assim a não neutralidade ideológica da linguagem. A Análise Crítica de Discurso é uma linha de matriz predominantemente anglo-saxã. O enfoque desta linha é o discurso oral e a conversação cotidiana comum, tendo seu método baseado no interacionismo, na Psicologia e na Sociologia e sua origem na Antropologia (MAINGUENEAU, 1993). Portanto, podemos considerar que a Análise Crítica de Discurso é por essência interdisciplinar.

A Análise Crítica de Discurso possibilita a construção de pontes que aproximam o nível macro da vida social, caracterizado pelo poder, dominação e desigualdade entre grupos sociais e o nível micro da vida social, composto pelo uso da linguagem, o discurso, a interação verbal e a comunicação, conforme apontado por Dijk (2002). Estes dois níveis, embora teoricamente separados, são unificados na interação cotidiana. Por isso, a pertinência e relevância da observação participante como forma de coleta de dados para análise aqui proposta.

O contexto é de fundamental importância para a Análise Crítica do Discurso, visto que os discursos não acontecem no vácuo, mas são “produzidos e recebidos por falantes e ouvintes em situações específicas, dentro de um contexto sociocultural mais amplo.” (DIJK, 2002, p. 17). Desse modo, Dijk (2002) afirma que não é possível definir o discurso como apenas um evento cognitivo, já que as dimensões sociais do discurso interagem com as dimensões cognitivas.

Dijk (2002) propõe um modelo estratégico de processamento de discurso como uma ferramenta para Análise de Discurso Crítica que associe a linguística às ciências sociais, que se constitui em um prolongamento de seus trabalhos anteriores, sendo esse considerado por ele um modelo mais dinâmico que os demais. O autor apresenta os pressupostos teóricos do modelo, indicando suas principais noções e componentes. Esses pressupostos se dividem entre cognitivos, compreendidos como o processo de construção de representação mental de um acontecimento, e contextuais, que como o próprio nome indica diz respeito ao contexto sociocultural do discurso, entendendo que ele não ocorre *in vacuo* (DIJK, 2002). Um dos tipos de pressupostos contextuais é o situacional, que pode ser definido como as funções ou papéis dos participantes de uma conversa, as diferenças de local ou contexto, as regras específicas, convenções ou estratégias que determinam as interações. Aqui é possível perceber

claramente a influência do pensamento de Foucault na construção do modelo de Dijk, pois este pressuposto possui significativas semelhanças com o procedimento da interdição desenvolvido por Foucault (1996), já que ambos dizem respeito a não poder dizer qualquer coisa em qualquer situação.

Além do contexto, outra questão fundamental para a Análise Crítica de Discurso é a estrutura social ou realidade social na qual o discurso está inserido. Para Phillips e Hardy (2002, p. 2), “sem o discurso não há realidade social, e sem entender o discurso, nós não podemos entender nossa realidade, nossas experiências, ou nós mesmos”. Fairclough (2001) chama a atenção para a relação entre discurso e estrutura social, que considera como dialética, pois tanto a determinação social do discurso quanto a construção social dele devem ter a mesma ênfase. Esta relação não é simples ou estável, já que “a perspectiva dialética considera a prática e o evento contraditórios e em luta com uma relação complexa e variável com as estruturas, as quais manifestam apenas uma fixidez temporária, parcial e contraditória” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 94).

Na construção de um modelo de processamento do discurso, Dijk (2002) apresenta a noção de “episódio” como possível unidade de análise de discurso que seria constituído por

sequências coerentes de sentenças de um discurso, linguisticamente marcadas quanto ao começo e/ou fim, e definidas, além disso, em termos de algum tipo de “unidade temática” – por exemplo, em termos dos mesmos participantes, tempo, lugar, ou evento ou ação global (DIJK, 2002, p.99).

Nesse sentido, as rodas de conversa que acontecem periodicamente entre as integrantes da associação Mulheres da Vila poderiam ser caracterizadas como episódios tanto para fins de análise de discurso como também no discurso cotidiano, ou seja, aquilo que Dijk (2002) chama de noção intuitiva de “episódio”. Como aponta Dijk (2002), este termo também é utilizado como uma noção intuitiva seja para nos referirmos a um “episódio” de nossa vida, um “episódio” que tenha acontecido em uma festa ou um “episódio” da história de determinado país. De qualquer forma, um episódio se constitui como parte de um todo, tendo começo e fim, sendo que tanto a parte como o todo possuem sequências de eventos ou ações (DIJK, 2002). As rodas de conversa viriam, neste caso, a ser uma parte de um todo, que seria o conjunto de atividades desenvolvidas pela e na associação. Outra característica do episódio como unidade de análise do discurso, de acordo com Dijk (2002), é a independência relativa, ou seja, para se constituir como tal um episódio deve possuir identificação e distinção em

relação a outros episódios. Analisando as rodas de conversa é possível identificá-las e distingui-las com base não apenas na data em que ocorreram, mas também no assunto e/ou dinâmica de grupo trabalhada em determinada roda de conversa ou episódio.

A relação intrínseca entre discurso e ideologia em grupos sociais também é observada por Dijk (1998) pois,

Um grupo social que percebe que as ideias básicas não estão de fato representando os interesses de todos, então, um conjunto de ideias básicas comuns será declarado ideológico e atrelado a um grupo dominante específico. Da mesma maneira que as crenças grupais podem se tornar crenças culturais de diversas maneiras (normalmente pelo poder, hegemonia, inculcação e outras) também o contrário pode ser verdade, quando indivíduos formam um grupo que desafia crenças sociais aceitas de forma geral, desenvolve crenças opostas e desenvolvem assim, a sua própria ideologia de resistência. (DJK, 1998, p.51).

Portanto, como grupo social, a associação Mulheres da Vila, ao promover não só a possibilidade de geração de renda, ou pelo menos um complemento a ela, mas também um espaço aberto, acolhedor e seguro para relatos e desabafos de situações vividas como mulheres pobres e periféricas contribui para a construção de uma possibilidade de resistência, em oposição às ideias e crenças patriarcais, elitistas e individualistas da ideologia dos grupos dominantes.

Pensando na relação entre discurso e gênero, Kendall et al (2001) identifica algumas formas linguísticas por meio das quais a “linguagem feminina” enfraquece ou mitiga a força de um enunciado:

- palavras “mais brandos”;
- “trivializar” adjetivos;
- perguntas no final da frase usadas para expressar opiniões dos interlocutores (né não?, sabe?);
- aumentar a entonação em declarações (“qual é o jantar?”, “macarrão?”);
- mitigar pedidos (“você poderia abrir a porta por favor?” contra “abre a porta”).

Compreendemos que tal “linguagem feminina” não representa o modo como cada mulher fala. Entretanto, tal linguagem representa as normas que se espera que as mulheres sigam ao falarem.

De acordo com Kendall et al (2001), confirmando o slogan feminista dos anos de 1970 de que “o pessoal é político”, várias pesquisas realizadas nesta época mostraram que mulheres são muito mais interrompidas por homens do que vice-versa tanto em conversas no espaço doméstico, como em espaços públicos, concluindo que a dominação masculina é exibida tanto por meio do controle masculino de macro instituições na sociedade, como por meio do controle de pelo menos uma parte de uma micro instituição. Ou seja, as assimetrias em conversas cotidianas refletem e reproduzem assimetrias encontradas no ambiente social mais amplo.

A partir da participação nas rodas de conversa e em outros momentos na associação, pude perceber que o fato de que havia um número muito pequeno de homens participando das atividades (em geral, os homens presentes eram apenas o marido e os dois filhos adolescentes de uma das integrantes e o filho adolescente de outra integrante), facilitava a interação entre as mulheres, já que essas assimetrias não se manifestavam.

Para Kendall et al (2001), rituais de conversação comuns entre mulheres e que são aprendidos desde cedo se centram na intimidade, na dimensão da conexão. Já aqueles aprendidos por meninos e mantidos por homens costumam enfatizar a dimensão do status e da independência (KENDALL et al, 2001). Esta autora afirma que mulheres tendem a escolher opções linguísticas baseadas na simetria, como exemplo, um ritual de conversação comum entre mulheres consiste em “expor similaridades e experiências em comum”. No mundo inteiro, as mulheres criam laços por meio de conversas sobre problemas (KENDALL et al, 2001).

De acordo com Kendall et al (2001), um ambiente em que a linguagem de homens e mulheres podem ser analisadas são as “comunidades de prática”, as quais consistem em grupos de pessoas que se reúnem com a finalidade de engajamento mútuo em algum esforço comum. Para a autora, as pessoas que participam dessas comunidades desenvolvem padrões linguísticos na medida em que atuam nelas. Esses locais de engajamento são relevantes para a relação entre micro ações e estruturas macrossociais, pois a relação entre gênero e linguagem reside nos modos de participação disponíveis aos vários indivíduos dentro de várias

comunidades de prática como uma função direta ou indireta de gênero (KENDALL et al, 2001).

Há uma intensa discussão dentro das pesquisas de gênero e discurso onde se critica a divisão binária de discurso baseada no gênero comum nos primeiros trabalhos deste campo. Entretanto, não cabe descartar as oposições binárias baseadas em gênero do referencial teórico de gênero e discurso, já que muitas vezes os próprios dados de campo evidenciam a relevância deste binarismo para os falantes, sujeitos de pesquisa. Assim, ao invés de desconsiderar os padrões binários de gênero presentes no discurso dos sujeitos de pesquisa, deve-se sempre os analisar de maneira crítica.

Nesse sentido, o entendimento do discurso generificado como, simultaneamente, um recurso e uma restrição/obstáculo auxilia na resolução das persistentes tensões relativas ao papel do binarismo de sexo/gênero no modelo teórico de gênero e discurso. Por um lado, a concepção do discurso generificado como um recurso explica a diversidade dos estilos de fala. Exemplo disso é que muitas mulheres e homens não falam de modo que os associam ao seu sexo, ao contrário, muitas pessoas usam padrões de linguagem do outro sexo. Além disso, a categoria de gênero não existe em um vácuo: outras categorias socialmente construídas como raça e classe social interagem com ela. Por fim, feminilidades e masculinidades são criadas por indivíduos por vezes até mesmo contraditórias e as normas sociais não são apenas reproduzidas, mas também transgredidas, subvertidas e desafiadas por mulheres e homens (KENDALL et al, 2001).

Por outro lado, a compreensão do discurso generificado como uma restrição/obstáculo representa a intransigente realidade de que quando mulheres e homens não se comunicam de maneiras associadas ao seu sexo, geralmente são lidos como se falassem e se comportassem como o outro sexo, devido a própria visão binária de gênero da sociedade, e consequentemente são vistos de forma pejorativa (KENDALL et al, 2001). Exemplo disto são mulheres em cargos de chefia ou autoridade. Muitas vezes, quando seu comportamento corresponde aos padrões de feminilidade hegemônica são consideradas como sem competência ou confiança. Porém se se são assertivas, atributo este relacionado à masculinidade, são taxadas de muito agressivas e não femininas.

Após a realização das entrevistas, foi estabelecido um afastamento gradual do grupo pesquisado, necessário para o exercício de escrita, dando um intervalo maior entre as idas à

campo em relação ao período anterior. A partir deste momento, foram realizadas várias leituras minuciosas de todo o material reunido, a fim de selecionar os trechos mais significativos e elucidadores para comporem o texto da dissertação articulados ao referencial teórico.

3. FEMINISMO, CAPITALISMO E IDEOLOGIA: ALGUMAS REFLEXÕES

A partir do contato com a bibliografia nacional e internacional que diz respeito ao tema da ideologia, percebe-se o quanto é diversa e complexa sua conceituação. Apesar da forte associação existente entre este termo e o materialismo histórico-dialético é interessante ressaltar que sua origem não está relacionada a este. Curiosamente, foi o enciclopedista Destutt de Tracy o primeiro a utilizá-lo em 1801, tendo de fato “o inventado”, de acordo com Löwy (1991). Conforme exposto por Löwy (1991, p.11), pautado em um cientificismo materialista vulgar, de Tracy nomeou de ideologia ao “estudo científico das ideias, e as ideias são o resultado da interação entre o organismo vivo e a natureza; o meio ambiente”.

Entretanto, o significado mais comum e difundido de ideologia relacionado à ilusão e falsa consciência provêm de Marx por meio de seu livro *A Ideologia Alemã* (1846), que o retoma a partir do sentido pejorativo atribuído por Napoleão Bonaparte (LÖWY, 1991). Para Löwy (1991), Marx se refere à ideologia como ilusão, ou seja, a “consciência deformada da realidade que se dá através da ideologia dominante: as ideias das classes dominantes são as ideologias dominantes na sociedade” (LÖWY, 1991, p.12).

Um dos principais avanços na compreensão do conceito de ideologia realizado nas últimas décadas é o de que existem ideologias que não são exclusivamente de classes (THERBORN, 1991). Não há pretensão ou intenção em desconsiderar o papel fundamental que a chamada ideologia burguesa, como ideologia dominante, exerce na sociedade. Entretanto, entendemos, a partir das discussões apresentadas por Therborn (1991), que a ideologia não está relacionada apenas às classes sociais, mas também, que outras formas de dominação e exploração de determinados grupos em relação a outros, tais como o machismo, o racismo e a homofobia constituem ideologias que de certo modo, “atravessam” todas as classes sociais. Neste sentido, a hipótese de ideologia como “visão social de mundo” apresentada por Löwy (1991), mostra-se adequada, já que para ele, estas visões sociais de mundo seriam “todos aqueles conjuntos estruturados de valores, representações, ideias e orientações cognitivas. Conjuntos esses unificados por uma perspectiva determinada, por um ponto de vista social, de classes sociais determinadas” (LÖWY, 1991, p.13).

Therborn (1991) vai ao encontro dessa concepção mais ampliada de conceber a ideologia estabelecendo a função da ideologia como basicamente a “constituição e modelagem da forma em que os seres humanos vivem suas vidas como atores conscientes e reflexivos em um mundo estruturado e significativo” (THERBORN, 1991, p.13, tradução nossa). Esta definição

aprofunda a consolidada tese de Althusser (1996, p.133) de que “a ideologia interpela os indivíduos como sujeitos”, pois a partir da subjetividade há uma superação do enfoque meramente estruturalista.

3.1 Patriarcado e a resistência das mulheres

Apesar de não ser um consenso dentro do campo de estudos feministas, principalmente por parte das vertentes pós-modernas, concordamos com Saffioti (2011) de que o conceito de patriarcado ainda é relevante, coexistindo e complementando e não devendo ser substituído pelo conceito de gênero, para a compreensão das relações entre homens e mulheres, mas articular-se a ele para nos ajudar a compreender as variadas formas de dominação.

Saffioti (2011) aponta que o patriarcado teve início há aproximadamente cinco mil anos, tendo se consolidado após milênios de resistência das mulheres, há cerca de 2,6 mil anos, sucedendo sociedades igualitárias. Ela o compara a um bebê recém-nascido quando observada a idade da humanidade, estimada entre 250 mil e 300 anos. Por isso, considera sem sentido falar em um *patriarcado remoto*. A autora enumera seis razões para a permanência da relevância de tal conceito:

- 1 – não se trata de uma relação privada, mas civil;
- 2 – dá direitos sexuais aos homens sobre as mulheres, praticamente sem restrição [...];
- 3 – configura um tipo hierárquico de relação, que invade todos os espaços da sociedade;
- 4 – tem base material;
- 5 – corporifica-se;
- 6 - representa uma estrutura de poder baseada tanto na ideologia quanto na violência. (2011, p.57-58).

De maneira geral, a trajetória de vida das associadas é marcada por acontecimentos onde as características do patriarcado enumeradas acima se manifestam de várias formas. Em uma ida à campo, durante o período da realização da Feira Nacional de Artesanato em Belo Horizonte (ano), a associação recebeu, como convidadas, duas mulheres (mãe e filha) de uma associação de artesãs de Pernambuco, especializadas em bordado renascença, e que estavam em Belo Horizonte expondo seus produtos naquela feira. Integrantes das duas associações tinham se

conhecido em eventos anteriores e estabelecido contato, por isto, o convite. Neste dia, a roda de conversa foi conduzida por Simone, que propôs uma dinâmica, pedindo que todas as participantes da roda contassem um pouco sobre sua história de vida. Momentos como este são desafiadores na prática da observação participante, pois é muito difícil não ficar comovida diante das histórias compartilhadas. No caderno de campo, a primeira frase escrita por mim foi: não estava preparada para escutar histórias tão tristes, duras e injustas (Observação de campo 06/12/17). Ainda que cada trajetória de vida seja única, as falas possuem muitas semelhanças:

Os relatos da maioria das mulheres tinham como pontos em comum muitas dificuldades financeiras vivenciadas quando moravam na “roça”, jornadas de trabalho exaustivas no campo e/ou na cidade, pais e mães violentos e incompreensíveis durante a juventude, maridos negligentes e agressivos. (Observação de campo 06/12/17).

O trabalho, pautado pela exploração, remunerado ou não, é central na vida dessas mulheres. Além disso, as relações com os pais e maridos são permeadas por violência, seja ela física, psicológica, econômica e até sexual, como narrado por uma das mulheres:

Uma mulher da associação contou bastante emocionada e acelerada que fugiu da família na adolescência, pois o padrasto queria “fazer coisas com ela” e sua mãe não acreditava nela. Mudou-se da cidade interiorana onde morava com a família para a capital do estado, onde viveu durante algum tempo em “zona”. Depois disso conheceu o marido e teve filhos. Mais tarde se tornou alcoólatra, o que fez com que seus filhos ficassem “jogados” e que passassem fome. Outra mulher da associação, que é sua vizinha, a ajudava durante este período, levando-a para sua casa e cuidando das crianças. Conseguiu deixar o alcoolismo depois que foi acolhida e aceita na associação e que foi para a igreja. (Observação de campo 06/12/17).

O êxodo do campo para a cidade, além de ter motivos financeiros, para muitas mulheres, foi uma tentativa de obter algum grau de liberdade e independência sobre suas próprias vidas, de se livrarem de relações familiares abusivas. Entretanto, por meio de conversas informais nos dias de campo percebi que, ainda que em partes isto seja alcançado na cidade, em geral continuam enfrentando situações de submissão e violência por parte dos maridos ou de outros membros da família.

Quando esta transgressão feminina ocorre, quando se recusam a obedecer a certas normas sociais, foram e são punidas por isso (muitas vezes seus filhos também), por meio da violência e do abandono, tanto da família quanto do Estado.

Para Cançado (2001) a honra masculina apoia-se na conduta sexual feminina, principalmente na condição de conjugalidade. “O conceito de honra masculina é comumente associado à virilidade e o de honra feminina, à obrigação de salvaguardar o “espaço” de realização da virilidade masculina, ou seja, o corpo feminino” (SILVA, 2009, p.128). Quando a mulher não desempenha o papel instituído, profana a honra masculina e, muitas vezes, perde o respeito da coletividade (SILVA, 2009). No relato a seguir, dado por outra mulher na mesma ocasião, percebemos que o conceito da honra masculina, se aplica ao que poderíamos chamar de honra da família:

Outra mulher que compartilhou sua história de vida, contou que no interior, engravidou aos 15 anos de um menino de 16. A família a obrigou a se esconder em casa durante toda a gravidez. Para ela, um avião “jogava” o bebê desde o céu até o solo. Sua mãe não lhe “explicava nada”. Apenas uma tia, por vezes, lhe contava “como eram as coisas”. Seu pai ameaçou o pai de seu filho de morte. Por causa disso, ele decidiu fugir, convidando-a para ir junto com ele. Ela recusou, pois preferia a situação ruim que conhecia a uma vida desconhecida. Sua mãe dizia que ela tinha manchado a honra da família. Para lavá-la, casou-se com outro homem. Teve vários filhos com ele, que era um marido muito agressivo. Contou também que sua mãe “judiou” muito de sua filha mais velha, a quem considerava uma bastarda. Seu segundo casamento foi com um homem melhor (Observação de campo 06/12/17).

Para Federici (2017), o advento do capitalismo foi marcado pela regulação e coerção do Estado para expandir a força de trabalho, tendo sido a caça das bruxas, empreendida no final da Idade Média no continente europeu, uma tentativa de tirar das mãos das mulheres o controle sobre a procriação e a reprodução humanas, condenando qualquer forma de controle de natalidade e de sexualidade não procriativa. Esta perspectiva é amparada pelo fato de que, justamente neste período em que a Europa vivia uma profunda crise populacional e que se constituía uma ideologia que destacava a centralidade do trabalho na vida econômica, foram criadas as primeiras sanções rigorosas para punir as mulheres identificadas como culpadas por crimes reprodutivos, como contracepção e aborto, além do infanticídio (FEDERICI, 2017). A autora ainda destaca que este processo ocorreu também por meio da marginalização das parteiras, substituídas pela prática médica moderna, que reduziu o papel da mulher a um papel

passivo no parto. Federici (2017) compara a experiência da procriação contra a vontade da mulher como uma forma de alienação de seu próprio corpo muito mais profunda e intensa do que a sofrida por qualquer outro trabalhador:

Ninguém pode descrever, de fato, a angústia e o desespero sofridos por uma mulher ao ver seu corpo se voltando contra si mesma, como acontece no caso de uma gravidez indesejada. Isto é particularmente verdade naquelas situações em que a gravidez fora do casamento era penalizada com o ostracismo social ou, até mesmo, com a morte (FEDERICI, 2017, p.180).

A centralidade da maternidade é outro aspecto comum na vida da maioria das associadas, as quais assumem desde muito jovens a maior parte ou a totalidade da responsabilidade para com os filhos. Badinter (1985) afirma, ao explorar o mito do “instinto materno”, que na medida em que a maternidade biológica se transformou em maternidade social, estabeleceu-se uma estrutura de sentimentos em que os filhos são considerados filhos da mãe, de maneira que as mulheres assumem a centralidade das relações familiares. No relato de Virgínia sobre o início de sua vida adulta, ela conta sobre as mudanças que ocorreram quando se descobriu grávida pela primeira vez:

Quando foi com dezoito, eu me envolvi com um rapaz. Aí eu falei assim: “não, agora a vida muda, né? Agora eu vou ter minha casa, vou ter minhas coisa...” Com dezenove eu fui mãe, véi! Com dezenove veio o primeiro. Nossa! Sem nada! Aí eu te falo que é sofrido, porque com dezenove cê pensa: “meu Deus, tô no mundo sozinha, com filho pra criar, com uma pessoa na minha idade!” Então, imagina, dois irresponsável junto... que é o que eu pensava... “dois irresponsável junto, véi! Que que eu vou fazer?” Aí eu falei: “Ah, não, seja o que Deus quiser! Vão bora com a cara pro mundo, né?” Só que aí eu tava morando com minha vó. Aí minha vó foi e falou assim ó: “toma vergonha na sua cara, pega sua barriga e suas coisa e vai atrás desse homem! Põe juízo na cabeça desse homem!” (risos) Aí eu fui, cheguei com as coisa tudo, pus num carrinho de mão... eu morava lá no Santa Mônica e esse homem morava lá no, na Mãe dos Pobre [entre os bairros Santa Mônica e Piratininga]. Então... lugar bem distante um do outro. Então, imagina uma mulher com uma barriga pra quase ganhar menino... E, assim, peguei um carrinho de mão, coloquei tudo, o berço do menino, coloquei tudo que cê imaginar dentro desse carrinho e piquei da casa da minha vó pra casa desse homem. Chegou lá minha sogra fez da minha vida um inferno, Sol! (risos) Minha sogra era o cão chupando manga... (Transcrição entrevista Virgínia 14/09/18).

A responsabilização paterna do homem não acontece espontaneamente, e sim é imposta pela ação da jovem de, por iniciativa própria, se mudar para a casa da família dele. Esta mudança é incentivada pela avó dela, buscando garantir que as despesas do bebê sejam supridas pelo pai, além da preocupação de que ela não fosse uma mãe solteira e carregasse todo o estigma social proveniente deste termo.

O controle do corpo feminino se manifesta de diversas maneiras, como a maternidade compulsória e o casamento, seja ele por contrato formal ou não. Em relação ao espaço social, outra maneira em que o controle do corpo feminino é exercido é por meio da proibição masculina no que diz respeito à mobilidade das mulheres, ou seja, deslocamentos, locais e horários. Estas censuras “constituem códigos de honra que, em geral, são naturalizados e internalizados pelas próprias mulheres, que promovem um processo de autorregulação, apesar das queixas” (SILVA, 2009, p.129). Além da autorregulação, muitas vezes, as mulheres exercem uma regulação similar em relação às demais mulheres de seu círculo de convivência. Uma situação vivida em um dia de campo evidenciou este processo:

A tarde foi de muito trabalho. Encerramos as atividades às 19h30min (geralmente o expediente é até as 17h). Pouco antes de irmos embora, Nísia brincou que quando eu chegasse em casa, meu companheiro me mandaria de volta para a associação, devido a já estar “tarde”. (Observação de campo 09/03/18).

Este trecho demonstra como, ao longo da convivência estabelecida entre elas e eu, padrões de gênero internalizados e reproduzidos por elas foram refletidos em mim. A preocupação expressa pela associada que fez o comentário exposto no trecho acima não era tanto pelo risco ao qual eu estaria me expondo ao utilizar o transporte público e caminhar em via pública após o horário comercial, quando há uma menor circulação de pessoas e automóveis. O horário em que eu chegaria à casa se constituía em um problema por eu ter passado mais tempo do que o habitual na associação, chegando em casa após meu companheiro; por não estar presente para recepcioná-lo e desempenhar o trabalho doméstico necessário, principalmente o preparo da refeição.

De maneira geral, percebia interesse e curiosidade por parte de várias associadas em relação à dinâmica do meu relacionamento e da divisão das tarefas domésticas em minha residência, tendo em vista as diferenças de raça, classe e escolaridade entre nós. Diversas foram as vezes em que alguma delas me indagava se meu “marido” não me cobrava que eu engravidasse, que eu “lhe desse um filho”, quando após perguntada, eu respondia que tinha um relacionamento

de muitos anos. Embora um pouco espantadas pela ausência de cobrança pela geração de um filho por parte do meu companheiro, elas se mostravam contentes por eu não ter este tipo de cobrança, que para elas é bastante comum, praticamente uma regra em seus relacionamentos.

Entre as perguntas que me faziam sobre o meu dia a dia no relacionamento e em casa, uma das principais e mais frequentes era se eu preparava proteína animal (carnes, ovos, laticínios) para meu companheiro, devido ao fato de que apenas ele os consome. Eu explicava que havia um revezamento das tarefas domésticas entre nós, incluindo o preparo de refeições e que nem sempre ele comia uma refeição com proteína animal. Se eu preparava a refeição, e ele queria comer alguma proteína animal, ele mesmo a preparava. Se fosse ele o responsável pela refeição, escolhia entre prepará-la com ou sem proteína animal. Os comentários delas em relação a essa dinâmica expressavam alívio e surpresa por eu não ter essa obrigação. O espanto também ocorria pelo fato de ele fazer refeições sem proteína animal considerando que o consumo de carne é fortemente associado à virilidade e à masculinidade na sociedade moderna ocidental (ADAMS, 2012).

Em uma analogia interessante, Saffioti (2004) compara o patriarcado a uma máquina bem lubrificada, que opera incessantemente, como uma engrenagem quase automática, não sendo assim imprescindível que o operador seja sempre o mesmo. Isto quer dizer que para que se exerça a dominação masculina, não é necessária a presença de um homem. Ainda que continuem sendo vítimas da opressão estrutural do patriarcado, as mulheres podem desempenhar a função do patriarca ao legitimarem a naturalização da ordem patriarcal de gênero. Esta condição pode ocorrer, inclusive, na relação entre mães e filhas/os, já que como reprodutoras da ideologia patriarcal, mulheres cumprem, com relativa frequência e severidade, as funções do patriarca, ao disciplinarem filhos e outras crianças e adolescentes, de acordo com a lei do pai. Estabelece-se, dessa forma, uma situação complexa e dicotômica, pois se por um lado não possam ser consideradas cúmplices deste sistema, por outro o alimentam ao colaborarem com ele. Um exemplo deste tipo de situação aconteceu durante uma ida ao campo em que estive auxiliando as associadas “facilitadoras” na produção de chaveiros de tecido e miçangas:

Enquanto produzíamos os chaveiros, reunidas em torno da mesa da varanda, as mulheres compartilharam histórias da infância sobre situações rotineiras em que elas “aprontavam” e eram castigadas com violência física pelas mães. Elas comentaram que, apesar de na época ficarem com raiva das mães por causa disso, tanto pela dor física que sentiam quanto porque consideravam os castigos injustos às vezes, hoje se

pegam agindo de maneira similar quando os/as filhos/as não as obedecem por meio do diálogo, embora com um grau de violência menor que o aplicado por suas mães. Elas concordaram que hoje entendem melhor suas mães. Estes casos de infância foram contados, entre gargalhadas, com leveza e humor. (Observação de campo 21/12/17).

A minha presença na mesa, porém a não interação direta na conversa, foi percebida por elas:

Eu não consegui ver o assunto com tamanha descontração e por isso não juntei a elas nas risadas, tentando ao mesmo tempo não demonstrar espanto e praticar nenhum tipo de julgamento que as constrangessem. Apesar disso, elas notaram que eu não interagiu muito neste assunto e me perguntaram se eu não tinha nenhum caso parecido para contar, ao que não tive alternativa, mas responder que não, pois não era um hábito da minha mãe me castigar daquela maneira. Dessa vez quem ficou espantada foram elas, pois disseram que por mais que se esforçassem, havia ocasiões em que não viam outra forma de lidar com os/as filhos/as, ainda que desaprovassem as atitudes de suas mães para com elas durante a infância e adolescência. (Observação de campo 21/12/17).

O relato de Virgínia sobre a relação com sua mãe mostra como esta exerceu e ainda exerce a função do patriarca na criação da filha diante da ausência do pai ou de alguma figura masculina possuindo características ligadas ao autoritarismo e intransigência:

Eu, minha mãe, essa vida nossa aqui foi pra ser assim, sabe? É pra mim cuidar e obedecer, porque... (risos) não dá certo não... Minha mãe é muito complicada. Ela é um sargentim de saia. Os outro falava assim quando eu era pequena assim: “e a sua mãe?” “Minha mãe é um sargento de saia, gente! Não vai lá em casa não. Não passa na porta, que ela vai brigar com cês” (Transcrição entrevista Virgínia 14/09/18).

A coexistência de duas maneiras, dicotômicas e contraditórias, de enxergar a maneira de disciplinar as/os filhos pode ser mais bem compreendida a partir da passagem abaixo:

O novo e o velho coexistem até que prevaleça o primeiro, sem, contudo, desaparecer completamente o velho, que se apresenta de outras formas. Na família, coexistem novas e velhas relações até que as primeiras venham a ser prevalentes. As relações violentas devem ser trabalhadas no sentido de se tornarem igualitárias, democráticas, na presença, portanto, ainda que contidas, auto reprimidas, das antigas (SAFFIOTI, 2004, p. 67-68).

O cotidiano dessas mulheres é marcado pela violência, tanto no espaço privado, nas diversas formas em que a violência doméstica se manifesta, quanto no espaço público por meio da

violência estatal e policial. Seja por desabamento de paredes de casa devido a precipitações intensas ou por “acerto de contas” (duas situações que foram relatadas em rodas de conversa), mais de uma associada já teve que enterrar filhos ou parentes próximos que, em certos casos, não havia sequer chegado à idade adulta. Uma situação mais frequente é a morte de jovens vizinhos a elas:

Auxiliei as facilitadoras durante a tarde em algumas tarefas. Ao final do expediente uma das associadas recebeu uma ligação informando que tinha ocorrido uma operação da Polícia Militar na Vila Apolônia, onde ela reside, e que um jovem tinha sido atingido por tiros e não resistiu. Elas conheciam a família dele e ficaram abatidas pela notícia. Ficaram preocupadas com a possibilidade de não conseguirem entrar na comunidade, pois a polícia poderia haver fechado as entradas e saídas da comunidade, porém a pessoa que ligou disse que a entrada estava sendo permitida para moradores. (Observação de campo 14/09/18).

A violência permeia as relações cotidianas de tal maneira que se banaliza e é empregada até mesmo de maneira carinhosa utilizando uma ameaça de violência como forma de demonstrar afeto. Durante a entrevista, Virgínia contou sobre a conversa recente que havia tido com sua avó, que mora no Jequitinhonha, sobre estar planejando levar seus filhos para visitá-la no final do ano, visto que havia muito tempo que não havia podido fazê-lo:

Aí ela: “ô, minha Nenzinha! Na hora que cê chegar aqui, eu vou pegar um pau, vou te meter na sua cabeça, que cê não mandou os menino pra mim nas férias...”
(Transcrição entrevista Virgínia 14/09/18).

A perspectiva da existência de diversos tipos de ideologias, sejam elas de classe ou não, a exemplo do machismo, assim como as articulações entre os tipos de ideologia, (vinculadas à religião, nacionalismo, raça/etnia, etc), é desenvolvida por Therborn (1991). Para este sociólogo sueco, “nas sociedades de classe todas as ideologias existem em formas históricas de articulação com diferentes classes e ideologias de classe” (THERBORN, 1991, p. 32, tradução nossa). A complexidade da questão fica evidente no caso do machismo, o qual ele afirma que

“deveria ser entendido – e, desde uma perspectiva não sexista, combatido – em sua relação com os diferentes modos de existência, práticas e discursos ideológicos de classe. Porém, isso não significa que o machismo seja uma ideologia e uma prática dos membros de uma só classe.” (THERBORN, 1991, p. 32, tradução nossa).

Concordamos com o autor citado, na medida em que o machismo perpassa todas as classes sociais, manifestando-se, muitas vezes, de maneiras diferentes em cada uma delas. A forma como se tem acesso a um procedimento de aborto é um grande exemplo disso. Em geral, apenas as mulheres com alto poder aquisitivo têm acesso às clínicas particulares, e às mulheres das camadas populares restam métodos caseiros, que as colocam em maior risco de vida. Por isso, mostra-se insuficiente falar sobre a categoria “mulher” de forma universal, pois esta concepção pode, muitas vezes, mascarar intersecções como classe, raça e orientação sexual, as quais estabelecem uma hierarquia social mais complexa do que a de gênero, onde as opressões se sobrepõem e influenciam umas às outras.

O conceito de gênero é aqui compreendido como de caráter relacional, como a construção histórica, cultural e social dos papéis desempenhados por homens e mulheres, de acordo com a perspectiva desenvolvida por Scott (1990). Sendo assim, ela não está limitada ao sexo biológico - podendo muitas vezes não corresponder a ele - e sim a padrões definidos socialmente em relação a comportamentos, modos de pensar, estilos de vida, entre outros aspectos. Esta perspectiva fornece elementos que permitem romper com a ideia da naturalização dos papéis sociais de homens e mulheres imposta pela ideologia patriarcal, cujos desdobramentos vão desde assédio moral e sexual, passando por violência doméstica, estupro e feminicídio.

Naquela roda de conversa, em que as mulheres compartilharam suas histórias de vida com duas convidadas, também artesãs, um trecho do relato de uma das associadas chamou a atenção:

Rita contou que quando morava na roça ajudava os pais em todas as tarefas cotidianas. Fala que seu pai se referia a ela como “menina e menino”, pelo fato de que ela trabalhava na roça com o pai e em casa com a mãe (Observação de campo 06/12/17).

Esta ideologia patriarcal é concebida por Saffioti (2001) como o projeto masculino de exploração-dominação, ou seja, o processo de sujeição da categoria social mulher pela categoria social homem. Exploração e dominação são, nesta perspectiva de análise, duas dimensões complementares do mesmo projeto ou processo. Consideramos a partir das concepções de Saffioti (2001), que a exploração pode ser não apenas de caráter econômico, mas, sobretudo sexual. Já a dominação se manifesta através da violência, seja ela física ou simbólica e pode levar a exploração.

Dessa forma, percebe-se a incongruência do termo “ideologia de gênero” que vem sendo utilizado de maneira simplista e pejorativa por setores conservadores da sociedade brasileira ligados a instituições religiosas e partidos políticos. Eles parecem ignorar que a cada 11 minutos uma mulher é estuprada (FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2017); a cada 90 minutos uma mulher é assassinada (IPEA, 2011); e que as mulheres brasileiras ganham 20,5% menos do que os homens (IBGE, 2019), verificando-se uma analogia entre esta situação atual e aquela vivenciada à época de de Tracy e Napoleão. Fica evidente a apropriação e deturpação de caráter reacionário¹² realizado por estes grupos a um campo científico em constante desenvolvimento, como são os estudos de gênero, e que possui uma vasta pluralidade teórica e prática, expressa através das diferentes vertentes do feminismo, como por exemplo, o feminismo radical, o feminismo liberal e o feminismo interseccional, entre outros.

O cenário atual brasileiro de crise político-econômica ajuda a explicar o (re)surgimento de tais ideias conservadoras¹³. Embora estas ideias sejam, de certa forma, estruturais da formação social brasileira, assumiram grande preponderância nos últimos tempos. Para Žižek (2011, p. 28),

Embora as crises realmente sacudam o povo para fora de sua complacência, forçando-o a questionar os aspectos fundamentais da vida, a primeira reação, a mais espontânea, é o pânico, o que leva ao “retorno ao básico”: as premissas básicas da ideologia dominante, longe de ser questionadas, são reafirmadas com ainda mais violência. (ŽIŽEK, 2011, p. 28).

Saffioti (2001, p.129) evidencia esta questão afirmando que para as vertentes do feminismo “o único consenso existente sobre o conceito de gênero reside no fato de que se trata de uma modelagem social, estatisticamente, mas não necessariamente, referida ao sexo”. Assim, concorda-se com esta socióloga brasileira em que “não há, portanto, um modelo feminista; há uma perspectiva feminista que se traduz por diversos modelos” (SAFFIOTI, 2001, p. 129).

¹² Para Cunha (2016, p. 2), movimentos reacionários são aqueles que se opõe às mudanças sociais em curso e se esforçam para restabelecer situações ultrapassadas (CUNHA, 2016, p. 2).

¹³ De acordo com Sepulveda et al (2016) o conservadorismo é uma categoria histórica dentro do campo do debate da política. A retórica conservadora busca “evitar qualquer transformação na ordem social ou melhorias reais para as classes trabalhadoras, ou para qualquer grupo minoritário”, com vistas à continuidade da desigualdade social (SEPULVEDA et, 2016, p. 144).

Outro ponto levantado por Saffioti (2001) para contra-argumentar a acusação de um suposto caráter ideológico do feminismo, no sentido pejorativo do termo, pode também ser utilizado para mostrar a incoerência conceitual e epistemológica dos tais denunciadores da suposta “ideologia de gênero”. Este termo que surgiu, pela primeira vez, em um documento eclesial elaborado pelo ultraconservador monsenhor Oscar Alzamora Revoredo, Bispo Auxiliar de Lima em 1998 (REVOREDO, 1998). De maneira geral, os adeptos da crítica e denúncia ao termo se referem a ele como “uma forma de “doutrinação neototalitária”, de raiz marxista e ateia, e ainda mais opressiva e perigosa do que o marxismo, camuflada em discursos sobre emancipação, liberdade e igualdade” (JUNQUEIRA, 2017, p. 30). Este argumento conservador representa um grande retrocesso, ou no mínimo um desconhecimento, pois leva a uma crença em uma ciência neutra em oposição à ideologia. Ao contrário desta aparente dualidade, Chauí (2000) mostra como, na modernidade, a própria ideologia dominante transformou-se no discurso neutro da ciência. Este discurso, enquanto conhecimento instituído, “tem o papel de dissimular sob a capa da cientificidade a existência real da dominação” (CHAUÍ, 1978, p. 23). Neste sentido, questionamos se o científico seria apenas aquilo produzido por e para um sujeito universal, o homem branco, ocidental e heterossexual, que seja “a verdade” a ser pactuada por todos.

Apesar da força da ideologia, neste caso da patriarcal exercida sobre mulheres e homens de maneira diferenciada, por meio dos discursos e das práticas materiais, entendemos que a coerência ideológica opera mediante lacunas ao “universalizar o particular pelo apagamento das diferenças e contradições” (CHAUÍ, 1978, p.15). A partir destas lacunas, é possível pensar a resistência que as mulheres podem oferecer ao processo de exploração-dominação pelo qual passam diariamente, nas diversas intersecções de opressão relacionadas ao gênero, seja de raça/etnia, classe, sexualidade, etc (SAFFIOTI, 2001).

A reprodução de valores conservadores pautados pelo machismo, como a culpabilização da mulher em caso de violência de gênero e o controle social do corpo feminino, se evidenciou em diversos momentos ao longo do período de observação participante. Entretanto, sendo a sede da associação um espaço de acolhimento e diálogo, muitas vezes comentários machistas dão lugar a conversas em que mulheres com opiniões diferentes se manifestam, podendo até mesmo apontar soluções para situações de violência sofridas por elas mesmas ou por mulheres do seu entorno:

A Lélia falou de uma vizinha que vivia apanhando do marido, mas continuava com ele, e por isso segundo ela, a vizinha gostava da situação. Outra mulher disse que uma vizinha dela também está apanhando frequentemente dos filhos e que gostaria de ajudá-la. Simone sugeriu que ligasse para o 181, instruindo-a a realizar uma denúncia anônima. Algumas mulheres comentaram que não sabiam que era possível fazer tal tipo de denúncia. (Observação de campo 20/09/17).

A partir de um comentário aparentemente despretensioso sobre uma situação de violência doméstica vivida por uma vizinha da mulher que iniciou a conversa narrada acima, mesmo que carregado de julgamento, abriu-se espaço para que outra mulher relatasse conhecer uma situação similar, a qual, por sua vez, demonstrou preocupação para com a vizinha. A intervenção de uma terceira mulher, que deu a informação desconhecida por várias mulheres sobre o número de contato para registro de denúncias, inclusive anônimas, sobre casos de violência doméstica, permitiu que elas pudessem usufruir desta informação, caso precisem.

Sobre a culpabilização da mulher em caso de violência de gênero, no diário de campo relatei uma situação que me chamou a atenção:

Cecília [que estava ocupada limpando a cozinha após o almoço] me perguntou quem era a moça [que havia ido trocar um sapato que havia comprado] e indagou o porquê dela estar “pelada” daquele jeito [a moça havia ido de bicicleta e estava vestindo camiseta e short esportivos curtos e justos]. Disse que “depois reclamam quando são estupradas”. (Observação de campo 28/03/18).

A lógica de que a utilização de determinadas roupas ou a apresentação de certos comportamentos justifiquem o crime do estupro ainda é algo presente no imaginário de boa parte da população e não escapa a algumas mulheres integrantes da associação. Em 2016 uma pesquisa realizada pelo IPEA¹⁴ mostrou que 30% dos brasileiros e 30 % das brasileiras concordam com a frase “A mulher que usa roupas provocativas não pode reclamar se for estuprada”. Já a frase “Mulheres que se dão ao respeito não são estupradas” teve a concordância de 42% dos homens e 32% das mulheres. É importante destacar que a cada onze minutos uma mulher é estuprada no Brasil (FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2017). Assim, evidencia-se nos relatos ora a concordância com determinados pressupostos do machismo; ora verifica-se a possibilidade de a ele se contrapor de algum

¹⁴ A pesquisa foi divulgada pelo Datafolha e encomendada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) e entrevistou 3.625 pessoas (<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2016/09/1815301-um-terco-dos-brasileiros-culpa-mulheres-por-estupros-sofridos.shtml>). Acesso em 23/09/2016.

modo. Todavia, observamos nos relatos que o machismo, enquanto ideologia, se faz presente sob as mais variadas formas e independe tanto da classe, quanto, neste caso, do gênero.

O controle social do corpo feminino acontece de diferentes maneiras em espaços públicos e privados. Há uma divisão clara entre o que é permitido ao corpo, especialmente o feminino, nestes dois espaços. Embora fosse comum que durante momentos de descontração nos dias de roda de conversa as mulheres falassem sobre casos amorosos, preferências em relação à parceiros e até mesmo sobre posições sexuais, essa abertura não acontece no que diz respeito à exibição do corpo feminino com pouca ou nenhuma roupa em espaços públicos. Diante disso, em geral, as associadas se mostraram bastante conservadoras, reproduzindo o pensamento da maioria dos brasileiros e brasileiras:

Peguei o mesmo ônibus que a Cláudia, da Estação Pampulha até a associação, e fomos conversando durante o trajeto. Em certo momento da conversa, quando entramos no tema de sexualidade, ela contou sobre uma vez em que recebeu um vídeo via Whatsapp de um grupo de mulheres nuas no campus Pampulha da UFMG. Pelo que ela relatou, acredito que a nudez coletiva tenha acontecido no contexto de alguma performance artística ou espetáculo de teatro. Ela disse ter achado um absurdo que aquilo acontecesse dentro de uma universidade, que era uma “pouca vergonha”, uma falta de respeito, pois corpos nus devem estar restritos a ambientes íntimos e privados. (Observação de campo 11/04/18).

Therborn (1991) ao identificar os principais tipos de mecanismos de submissão ideológicos pelos efeitos de dominação e obediência que produzem, planteia que um deles seria a adaptação, a qual diz respeito a uma certa conformidade dos sujeitos dominados em relação aos dominadores. Para os primeiros existiriam aspectos do mundo mais importantes que sua atual submissão e a possibilidade da transformação social, tais como o trabalho, o ócio, o consumo e outros. Por outro lado, a dominação ideológica materializada através de um sistema de afirmações e sanções, de acordo com o proposto por Therborn (1991), também pode se manifestar por meio de uma oposição adaptada. Este mecanismo estaria baseado em uma seleção de determinados aspectos a serem aceitos, enquanto outros não, na medida em que as demandas dos sujeitos em questão sejam satisfeitas. Um exemplo que o autor traz deste mecanismo é o que ele chama de feminismo “apolítico”.

Este tipo de feminismo mencionado por Therborn (1991) pode ser considerado como uma consequência da apropriação do feminismo, como movimento social, por parte do capitalismo, em que se faz uma leitura tendenciosa e rasa desta discussão dissociando-a

oportunamente da luta de classes, à difusão e fortalecimento do chamado feminismo liberal e feminismo *mainstream*. Esse, por exemplo, distorceu e banalizou o sentido do conceito de empoderamento para uma perspectiva meramente individual(ista) e muitas vezes apenas estética, como se vê em muitas campanhas publicitárias de marcas de cosméticos. Este tema será abordado com maior profundidade no capítulo 3.

3.2 Capitalismo patriarcal

Eu nasci de uma mulher guerreira, mas pobre... quando meus pais separou meu irmão era... nem tinha nascido... o caçula. Viemos de uma situação... né? Bem triste... Moramos de baixo de lona, no atoleiro, não tivemos aquela infância de uma criança... Quer dizer, eu não tive. Tive que criar meus irmãos a partir dos 7 anos. Então eu fui a dona da casa. Então por isso que eu falo que é sofrida. É... cresci num, num, numa vila, onde o córrego passava... aí era o córrego no meio e os barranco nas laterais. Então se chovia, tinha que correr... (Transcrição entrevista Virginia 14/09/18).

A associação entre capitalismo e patriarcado não é algo recente, apenas toma formas diferentes em períodos históricos distintos. Em uma análise histórica, Saffioti (2013), chama atenção para o fato, muitas vezes desconsiderado, de que a mulher das camadas sociais diretamente ocupadas na produção de bens e serviços nunca foi alheia ao trabalho, inclusive nas economias pré-capitalistas. Ao contrário, ela sempre contribuiu para a subsistência e reprodução de sua família, seja pela manutenção da linhagem, seja criando a riqueza social, permitindo a acumulação de capital.

A dupla sujeição da mulher diante do patriarcado e do capitalismo evidencia-se logo no advento do segundo, o qual surge trazendo condições extremamente adversas à mulher (SAFFIOTI, 2013). O modo de produção capitalista tendo como uma de suas principais características o processo de individualização dos sujeitos, apresenta uma desvantagem social de dupla dimensão para as mulheres:

no nível superestrutural, era tradicional uma subvalorização das capacidades femininas traduzidas em termos de mitos justificadores da supremacia masculina e, portanto, da ordem social que a gerara; no plano estrutural, à medida que se desenvolviam as forças produtivas, a mulher vinha sendo progressivamente

marginalizada das funções produtivas, ou seja, periféricamente situada no sistema de produção. (SAFFIOTI, 2013, p. 65-66).

Remetendo a Engels e sua obra *Origem da família, da propriedade privada e do Estado (1984)*, Davis (2016) aponta que a desigualdade sexual, da maneira como a conhecemos atualmente, surgiu somente depois do advento da propriedade privada. A divisão sexual do trabalho era complementar e não hierárquica, já que para a sobrevivência da comunidade, caçar animais selvagens e colher vegetais eram atividades igualmente essenciais. Sendo assim, as mulheres eram consideradas membros da comunidade tão produtivos quanto os homens.

A própria definição de tarefas domésticas é algo que possui muitas variações geográficas e históricas. De acordo com Davis (2016), no período colonial norte-americano, as tarefas domésticas das mulheres não eram centradas na limpeza frequente da casa e das roupas e na variedade e dedicação na preparação das refeições. Neste período, o trabalho doméstico consistia, em primeiro lugar, na produção da maioria dos artigos de sua família necessitava: fios, tecidos, roupas, pães, manteigas, velas, sabão, queijos, entre outros. Além disto, elas tinham um papel essencial na saúde da família e da comunidade atuando como médicas, enfermeiras e parteiras.

Federici (2017) explica que o processo de desvalorização do trabalho feminino e a construção do papel da “dona de casa” teve início quando o Estado, na Europa ocidental durante a transição do feudalismo para o capitalismo, negou o controle das mulheres sobre seus próprios corpos por meio da degradação da maternidade à condição de trabalho forçado, ele as privou da condição fundamental de sua integridade física e psicológica. Além disto, o confinamento das mulheres à atividade reprodutiva ocorreu de uma maneira desconhecida por sociedades anteriores.

Esta nova divisão sexual do trabalho se complementa com a redução das mulheres a não trabalhadoras no final do século XVII. Segundo Federici (2017), neste período, ganha espaço a ideia de que as mulheres não deviam trabalhar fora de casa, somente ajudar seus maridos na produção realizada por eles, ou seja, o trabalho executado por elas, sendo para a família ou não, passou a ser considerado “trabalho doméstico” ou “tarefas de dona de casa”. Mesmo que o trabalho fosse feito fora de casa, o valor pago era menor do que aquele pago a um homem, sendo insuficiente para a sobrevivência da mulher. Esta impossibilidade de sobreviver por conta própria tornou o casamento inevitável e necessário.

De acordo com Federici (2017), a proibição da prostituição neste período histórico, resultante do aumento desta atividade em decorrência do empobrecimento das mulheres como um todo, está relacionada ao processo de expulsão das mulheres do espaço de trabalho organizado, descrito no parágrafo anterior. A partir destes dois processos surge a figura da dona de casa e se redefine a família como lugar para a produção da força de trabalho.

É importante destacar que o processo de separação da mulher do mundo do trabalho produtivo tem implicações de classe e raça, tendo ocorrido de maneira muito mais marcante para as mulheres burguesas e brancas. Para as mulheres negras nunca houve um afastamento do mundo do trabalho produtivo, já que com o fim da escravidão, elas apenas passaram do trabalho compulsório para o trabalho precarizado e mal remunerado (DAVIS, 2016).

Analisando este fenômeno nos Estados Unidos a partir do século XIX, que ocorreu de maneira similar em outras partes do mundo, incluindo o Brasil, por influência cultural, Davis (2016) afirma que a popularização e disseminação da ideologia da feminilidade – um subproduto da industrialização –, por meio das novas revistas femininas e dos romances, teve papel fundamental para que as mulheres brancas fossem completamente separadas do mundo do trabalho produtivo. Segundo Davis (2016, p. 230), as mulheres foram perdedoras em duplo sentido, quando “seus trabalhos tradicionais foram usurpados pelas fábricas em expansão, toda a economia se deslocou para longe da casa, deixando muitas mulheres em grande parte despojadas de papéis econômicos significativos”.

A partir daí, a divisão simbólica e geográfica entre economia doméstica e economia pública, promovida pelo capitalismo industrial, foi responsável por instituir a ideia da inferioridade das mulheres por meio da propaganda vigente. “Mulher”, então passa a ser sinônimo de “mãe” e “dona de casa”. Esta ideologia foi e ainda é tão eficiente que adestrou e subjugou inúmeras mulheres, as condenando a alienação e mal-estar no mundo. Para Davis (2016, p. 228),

Nas sociedades capitalistas avançadas [...] o trabalho doméstico, orientado pela ideia de servir e realizado pelas donas de casa, que raramente produzem algo tangível com seu trabalho, diminui o prestígio social das mulheres no geral. No fim das contas, a dona de casa, de acordo com a ideologia burguesa, é simplesmente a serva de seu marido para a vida toda.

A transformação econômica radical da definição do trabalho doméstico como forma inferior de trabalho, em comparação à atividade assalariada capitalista, fez surgir a “dona de casa”

como um subproduto ideológico (DAVIS, 2016). Entretanto, esta ideologia já nasce repleta de contradições, visto que ser apenas “dona de casa” não era algo que a maioria das mulheres pudesse ser, pois muitas vezes, para as mulheres da classe que vive do trabalho, sua condição financeira e de sua família não lhes permitiam não ter algum tipo de trabalho remunerado. Assim, a “dona de casa”, longe de ser uma realidade abrangente, era um símbolo da prosperidade econômica das classes médias emergentes, tendo raízes nas condições sociais da burguesia. Apesar disto, a figura da mulher como “dona de casa” e “mãe” foi colocada pela propaganda como modelos universais de feminilidade e como uma vocação. Sendo assim, aquelas mulheres que precisavam trabalhar de forma assalariada passaram a sofrer ainda mais discriminação e exploração, encarando jornadas de trabalho extensas, condições de trabalho precárias e salários menores que aqueles pagos a homens.

Entretanto, este fenômeno não é observado da mesma maneira entre as mulheres negras e pobres e/ou escravas, pois estas são associadas a características como força e resistência física. Uma vez que,

Os arranjos econômicos da escravidão contradiziam os papéis sexuais hierárquicos incorporados na nova ideologia. Em consequência disso, as relações homem-mulher no interior da comunidade escrava não podiam corresponder aos padrões da ideologia dominante. (DAVIS, 2016, p. 24-25).

A questão racial não foi algo abordado com frequência nas rodas de conversa, ainda que a maioria das mulheres possa ser identificada como negra. Em uma ocasião uma mulher amiga da associação, e que participa de uma associação de mulheres que confeccionam bonecas pretas de pano, que também faz parte do Fórum Mineiro de Economia Popular Solidária, conduziu a roda de conversa, buscando trabalhar com as demais mulheres esta questão:

A Dandara, da associação Imani Anna, foi a responsável por conduzir a roda. Ela disse que também havia ido ao Fórum Social Mundial [assim como algumas integrantes da associação Mulheres da Vila] e que lá houve atividades em homenagem à escritora Carolina Maria de Jesus. Ela contou brevemente sua história às outras mulheres, as quais não a conheciam. Ela disse que foi montado um barraco, imitando o que Carolina morava, de acordo com suas descrições [em sua obra literária], e lá dentro havia poemas e textos dela nas paredes. Um dos poemas lhe lembrou das Mulheres da Vila e ela o leu para todas. (Observação de campo 28/03/18).

O poema narrado por ela é do livro *Antologia pessoal* escrito por Carolina Maria de Jesus e publicado em 1996:

[Muitas fugiam ao me ver]

Muitas fugiam ao me ver
Pensando que eu não percebia
Outras pediam pra ler
Os versos que eu escrevia

Era papel que eu catava
Para custear o meu viver
E no lixo eu encontrava livros para ler
Quantas coisas eu quiz fazer
Fui tolhida pelo preconceito
Se eu extinguir quero renascer
Num país que predomina o preto

Adeus! Adeus, eu vou morrer!
E deixo esses versos ao meu país
Se é que temos o direito de renascer
Quero um lugar, onde o preto é feliz.

(JESUS, 1996)

Todas as mulheres disseram não conhecer a escritora. Nísia disse que acreditava que havia um livro dela na biblioteca do Eduardo, mas não tinha certeza. Dandara finalizou atentando para o fato de que, apesar de todo o preconceito e discriminação, Carolina não gostaria de voltar branca e sim negra sob um cenário favorável à população negra. (Observação de campo 28/03/18).

O pouco interesse demonstrado pelas mulheres com a história e o poema de Carolina Maria de Jesus leva a crer que elas se reconhecem muito mais a partir de seu papel social como dona de casa de mãe do que a partir de identidades relacionadas à raça e à classe.

A ideologia burguesa da “dona de casa” é algo tão enraizado na sociedade moderna ocidental que mesmo as facilidades da vida moderna, cada vez mais acessíveis à população, como os produtos alimentícios congelados e instantâneos e os diversos eletrodomésticos, não são suficientes para que todas as mulheres que usufruem dessas facilidades diminuam o tempo gasto na execução do trabalho doméstico e busquem algum tipo de trabalho remunerado fora do lar. Saffioti (2013) aponta que:

O consumo, sobretudo dos aparelhos domésticos, em vez de libertar a mulher dos trabalhos não produtivos e levá-las a um enriquecimento de seu eu através da ocupação remunerada fora do lar, está, cada vez mais, tornando-se um substituto da personalidade feminina. Convenientemente manipuladas pela propaganda das

indústrias de artigos domésticos, as mulheres americanas encontram na compra e posse de tais artigos um paliativo para a insatisfação causada por uma vida restrita e sem perspectivas (SAFFIOTI, 2013, p. 126).

A fala de Virgínia sobre o cotidiano doméstico da vida de casada é bastante ilustrativo da centralidade que as funções de “dona de casa” e “mãe” têm em sua vida:

É, é lava, passa, enxuga, filho, casa e marido. Lá em casa ainda são seis cachorro, dois papagaio e um cágado (risos) (Transcrição entrevista Virgínia 14/09/18).

Quando perguntada, durante a entrevista, se ela via diferenças entre o trabalho exercido na associação, como facilitadora, e os trabalhos que ela já havia tido anteriormente, ela responde da seguinte maneira:

Não, Sol... pra mim é... igual não é, porque cada um foi uma coisa, né? Aqui não tem como falar que é igual, é totalmente diferente do que eu já fiz. Limpar casa é aquela rotina, né? Cê lava, passa, cozinha, tira pó e pronto. É... cuidar de idoso é outra coisa, cê tá cuidando de uma criança grande, velha, numa idade já que precisa de cuidado. E aqui não, aqui é de tudo um pouco, aqui é usar a cabeça, a imaginação... sua imaginação te manda, ela é pequena pra tanta coisa que cê pode criar. E às vezes cê se pega, assim, perdido... Igual eu tô perdida hoje (risos), “o que que eu vou fazer?” Então aqui é melhor do que as outras coisa que eu já fiz. É trabalhar um pouco mais a cabeça... (Transcrição entrevista Virgínia 14/09/18).

Todos os trabalhos desempenhados pela interlocutora antes de integrar a associação estavam relacionados a atividades consideradas afazeres domésticos: faxina, cuidado de crianças e de idosos, os quais, além disso, possuem baixo prestígio social. Para ela, o maior diferencial entre eles é a necessidade do uso da criatividade nas atividades que desenvolve na associação, seja para criar um produto novo, para planejar uma dinâmica para a roda de conversa ou mesmo para produzir uma peça, já que todas são exclusivas. Os adjetivos utilizados por Davis (2016, p. 225) para definir a natureza das tarefas domésticas ilustram bem a diferença entre os trabalhos, sendo estas: “Invisíveis, repetitivas, exaustivas, improdutivas e nada criativas...”. De certo modo, isso se expressou na própria contraposição que Virgínia fez entre as atividades domésticas e aquelas desenvolvidas por ela na Associação.

O afastamento da mulher enquanto dona de casa do mundo do trabalho assalariado implica não apenas na desvalorização do trabalho doméstico desempenhado por ela e no desprestígio social da mulher, mas também na sua exclusão da esfera pública e conseqüentemente em um confinamento doméstico. A responsabilização para com o lar e os filhos (e por vezes os netos)

gera amarras invisíveis que criam uma restrição da mobilidade destas mulheres, confinando-as ao espaço doméstico na maior parte do tempo ou até mesmo, em tempo integral. Para muitas das integrantes da associação Mulheres da Vila, o único lugar que elas frequentam é a sede da associação nos dias de roda de conversa. Durante as entrevistas, foi perguntado se elas frequentavam algum outro grupo, de qualquer tipo, além da associação Mulheres da Vila, todas responderam que não o faziam:

Não, porque, assim, eu fico muito em casa... então, assim, no momento não tem outro grupo que fosse... (Transcrição entrevista Joana 12/09/18).

Mesmo aquelas que exercem a função de facilitadoras e por isso têm uma jornada de trabalho diária de 8 horas na sede da associação, nos dias úteis, relatam não terem qualquer tipo de lazer aos fins de semana:

Daqui pra minha casa e da minha casa pra aqui a semana inteira. Sábado e domingo eu tô lá em casa, entendeu? Eu faço uma coisinha ali, faço outra ali até eu... passa domingo... sábado e domingo eu nem mexo! (Transcrição entrevista Cecília 14/09/18).

O relato da Rosa mostra como o confinamento doméstico nas metrópoles e seu entorno ocorre de uma maneira muito mais intensa do que em cidades menores e interioranas, onde não há uma separação entre espaço público e privado, ou entre a comunidade e a casa tão nítida quanto nas primeiras:

Lá a minha janela era na calçada assim... O dia que eu demorava de abrir a janela, tinha um batendo “Roosaa, que que tá acontecendo?”. Minhas máquina de costura era na sala, então do alto do morro lá o pessoal... eu morava na baixa... eles viam minha movimentação em casa. Então assim, eu morei um tempo só, que meus filho vieram embora, espalharam mesmo, mas eu não me sentia só porque a comunidade inteira me acolhia. Então quando eu cheguei aqui eu senti isolada. (Transcrição entrevista Rosa 03/09/18).

A falta de comunicação e convivência com os vizinhos foi algo expressado por todas as entrevistadas, em maior ou menor medida. Além disso, ainda quando desejam participar de alguma atividade oferecida pelo poder público à comunidade, não havia regularidade e constância na oferta das atividades:

Olha eu, até hoje, tem muitos anos que eu tô morando lá, acho que tem uns 6 anos que eu tô lá, até hoje eu não vi isso... cê não conhece ninguém, cê não comunica com ninguém, cê não tem acesso à ninguém, cê não tem acesso à nada... é tudo,

assim, tudo parado no tempo. Cê não tem... igual tinha o CRAS, eu participava no CRAS, né? Que tinha, que tinha os curso lá na época, aí eles começaram a falar que tinha acabado os curso, aí a gente... quer dizer... fica em Justinópolis... aí a gente parou de ir no CRAS, porquê? Porque diz que não tinha mais nada pra fazer lá, aí parou tudo... (Transcrição entrevista Joana 12/09/18).

As contradições do feminismo como ferramenta para a transformação social visando a igualdade de gênero levam ao questionamento se o movimento possui ainda hoje um caráter revolucionário, ou se tornou apenas um protesto reformista. Para Rorty (1994), ainda que este movimento social seja mais reformista que revolucionário em seu aspecto político, ele é o movimento “que mais nos aproxima – a nós, intelectuais de esquerda das democracias ricas – desse partido e desse programa [revolucionário]” (RORTY, 1994, p. 228). Porém o autor acredita que para que o feminismo possa ser comparado ao comunismo do século XIX, ele deve superar sua atual limitação a uma questão de reformas específicas, como o combate e prevenção à violência contra a mulher e à busca e implantação de igualdade de oportunidades, sem menosprezar de maneira alguma a importância destas pautas.

A dificuldade em romper as amarras ideológicas do capitalismo, sejam elas materiais ou não, é vivenciada não só pelo movimento feminista, mas também praticamente por todos aqueles que buscam questionar injustiças e problemas sociais, tais como o movimento antirracista, o movimento LGBT e o movimento ambiental. Tal dificuldade decorre do fato de o capitalismo “se reproduzir por meio da autorrevolução constante, por meio da superação constante de seu próprio limite” (ŽIŽEK, 2011, p. 109) e penetrar nos poros mais recônditos da vida. O desafio está, então, em quebrar esta reprodução, de forma que as pautas destes movimentos não sejam cooptadas e adestradas pela ideologia dominante.

Já em 1969, Saffioti também sinalizava esta característica do capitalismo, ao que chama de elasticidade:

O sistema capitalista tem-se revelado bastante maleável, permitindo e mesmo estimulando mudanças institucionais às quais se opunham a tradição e o estilo de vida, por exemplo, na família. Entretanto, a elasticidade que o sistema capitalista de produção imprime às soluções para os problemas que gera encontra sério limite no próprio capital. Cabe, pois, indagar se à mulher, enquanto membro da categoria de sexo sempre dependente e submissa, o sistema em questão chegaria a oferecer plenas possibilidades de integração social. (SAFFIOTI, 2013, p. 61).

Em relação ao trabalho e ao discurso do empreendedorismo vigente na mídia e que ganha cada vez mais espaço em diversos ambientes da sociedade, até mesmo nas universidades, percebe-se que há um incentivo e uma visão otimista. Em contrapartida, não tem sido feita uma discussão sobre as causas da crise econômica, motivo pelo qual muitas pessoas têm buscado ou tem sido levadas a esta “alternativa”. Para Valentim e Peruzzo (2017), no atual cenário de aumento do desemprego estrutural e das desregulações trabalhistas, o empreendedorismo é uma das grandes ideologias do capital, funcionando como uma resposta a estes problemas. As autoras apontam também que os discursos do empreendedorismo situam o indivíduo empreendedor além da questão de classe, ocultando-a, já que ele não seria nem um trabalhador nem um capitalista. Tavares (2007) complementa destacando que, no contexto nacional, esta ideologia estimula a ênfase individual por meio de uma formação que potencialize recursos individuais para gerar “empreendedores de sucesso”. A contradição disto está no fato de que no modo de produção capitalista não há trabalho para todos, fato que tal ideologia compromete-se a superar, sendo, portanto, funcional ao capital.

Ainda que tenham características e funções relacionadas ao indivíduo capitalista - como autonomia sobre a produção, ser proprietários dos meios de produção e possuir empregados - pequenos empreendedores e microempreendedores individuais não podem ser vistos como capitalistas e sim como trabalhadores, já que sua produção continua sendo subordinada e expropriada pelo grande capital no processo de acumulação (VALENTIM E PERUZZO, 2017).

Concordamos com Žižek (2011) quando este denuncia a transformação e legitimação do capitalismo como projeto igualitário, pois este sistema econômico “ao acentuar a interação autopoietica e a auto-organização espontânea, acabou usurpando da extrema esquerda a retórica da autogestão dos trabalhadores, transformando o lema anticapitalista em capitalista” (ŽIŽEK, 2011, p. 53).

A desvalorização e invisibilização das mulheres são práticas que ocorrem em todas as esferas da vida social, seja nas relações de trabalho, como também no âmbito das pesquisas científicas, ainda que sob condições diferentes, conforme será abordado no subcapítulo seguinte.

3.3 Da crítica à ciência androcêntrica à geografia feminista

Como principal expoente da segunda onda do feminismo, a filósofa francesa Simone de Beauvoir discute em seu livro *O Segundo Sexo* como a mulher é vista historicamente como o Outro, tomando como base a dialética do senhor e do escravo de Hegel. Para Beauvoir (1980), a relação que os homens mantêm com as mulheres é de submissão e dominação, onde as mulheres são consideradas como objetos e os homens, como sujeitos. Segundo a filósofa, esta categoria do outro é antiga e comum; nas mais remotas mitologias e sociedades primitivas já se encontrava presente uma dualidade: a do Mesmo e a do Outro.

Na medida em que a mulher é considerada o Outro absoluto, isto é – qualquer que seja sua magia – o inessencial, faz-se precisamente impossível encará-la como outro sujeito. As mulheres nunca, portanto, constituíram um grupo separado que se pusesse para si em face do grupo masculino; nunca tiveram uma relação direta e autônoma com os homens (BEAUVOIR, 1980, p. 90).

Esta questão se reflete e é reproduzida em todos os aspectos da sociedade, sejam econômicos, sociais, políticos, culturais e também científicos. Nas últimas décadas, as feministas vêm elaborando uma crítica à ciência moderna, junto aos grupos e movimentos antirracistas, anticolonialistas, contraculturais, ecológicos, entre outros, refletindo a respeito da produção do conhecimento científico, o qual excluía, e ainda exclui de diversas maneiras, as mulheres de sua produção, assim como outras minorias, sendo um domínio “reservado” aos homens (HARDING, 1996). Assim, a partir da crítica feminista, não é mais admitida a existência de um sujeito universal, seja ele o sujeito pesquisador ou pesquisado, sendo geradas mudanças que produzem novas perspectivas e modos de ver e analisar o mundo.

Entretanto, não há uma pretensão de completa unidade teórica e metodológica por parte das epistemologias feministas, as quais possuem alguns pontos de divergência entre si, além de tenderem a incorporar teorias e métodos científicos já existentes, complementando-os e ampliando-os.

Para a Geografia, o cotidiano também tem um papel importante, pois é nele que o espaço banal pode ser compreendido em sua totalidade, nas três dimensões do ser humano: a corporeidade, a individualidade e a socialidade (SANTOS, 1996). Silva (1998) complementa destacando que estas dimensões são permeadas também por relações de gênero que perpassando a sociedade como um todo e articulando-se com outras relações sociais, tais como classe e raça/etnia, podem construir diferentes espaços geográficos. As pesquisas

envolvendo o cotidiano podem, a sua maneira, tornar evidentes as desigualdades socioeconômicas e espaciais entre mulheres e homens expondo as possibilidades de cada indivíduo não só a partir de sua relação com o espaço, mas também das relações de gênero. A complexidade das práticas cotidianas reside no paradoxo de que elas não apenas reforçam hábitos que podem manter as desigualdades de gênero, como também são capazes de transcendê-las ou até mesmo superá-las, o que demonstra seu caráter contraditório.

Silva (2009) afirma que “a ciência geográfica hegemônica é marcada por privilégios de sexo e de raça, características que dificultaram a expressão das espacialidades dos grupos das mulheres, dos não brancos e dos que não se encaixam na ordem heterossexual dominante” (SILVA, 2009, p. 26). Portanto, o objetivo da Geografia Feminista passa por “desafiar a crença fundamentalista da universalidade do saber geográfico estabelecido, por meio de reivindicações de novas versões científicas que pudessem trazer para a visibilidade grupos sociais repudiados pelo conhecimento hegemônico.” (Silva, 2009, p.26). No livro *Geography and Gender* publicado por geógrafas britânicas fundadoras do *Women and Geography Study Group* em 1982, a geografia feminista foi definida como

(...) uma geografia que de forma explícita considera a estrutura de gênero da sociedade e assume um compromisso com o objetivo de atenuar a curto prazo as desigualdades baseadas no gênero e eliminá-las a longo prazo através da transformação / mudança social. (Silva 2013 apud WGSG, 1984, p. 21)

Susan Hanson (1992) afirma que, de forma geral, a Geografia e o Feminismo são duas forças intelectuais poderosas que possuem mútua influência enriquecedora. Ela aponta três pontos teóricos centrais que são comuns nas atuais vertentes do pensamento geográfico e feminista: a busca de significado na vida cotidiana; o reconhecimento da importância do contexto; e a reflexão sobre a diferença. A perspectiva feminista pode auxiliar a pesquisa geográfica, em um primeiro momento, a analisar os diferentes (e desiguais)¹⁵ papéis desempenhados por cada sexo em relação ao espaço vivido. Nos últimos anos, as produções acadêmicas pautadas pela Geografia Feminista têm se aprofundado cada vez mais, buscando identificar e analisar a maneira como as relações de gênero constituem um processo da sociedade contemporânea determinante nas distribuições espaciais da atividade humana, nas desigualdades regionais, na configuração do espaço social, no uso dos recursos naturais, entre outros. Na medida em que a Geografia e o Feminismo vão se abrindo e aprendendo um/a com o/a outro, eles podem não

¹⁵ Desigualdades são diferenças hierárquicas, evitáveis e moralmente injustificadas (THERBORN, 2010, p.146).

apenas se transformar mutuamente, mas também contribuir para a construção de novas visões de mundo (HANSON, 1992).

4. TRABALHO ASSOCIADO, ECONOMIA SOLIDÁRIA E DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO

Os nossos dons em multidão repartimos com amor no dia a dia, e agora com você! É com esse sentimento lindo que nós, mulheres, mulheres da vila, nos encontramos todos os dias. Aqui nossas ideias e ideais se juntam, se amarram, se enrolam e se reciclam entre agulhas, linhas, retalhos e contas... azuis, amarelas, lilás, verdes, vermelhas... e nesse papo vai... (vai levando nossas angústias, tristezas, solidão, dificuldades, medos) papo vem... (vem trazendo alegrias, encanto, esperança, possibilidades, mudanças, socializações, cidadania) a gente vai rompendo o dia nessa costura, bordando a realidade com sonhos, cores, trouxinhas, caracóis, contas, contos e encantos. (Disponível em <<http://mulheresdavila.com.br>> Acesso 10 mai. 2017).

4.1 Surgimento e consolidação da associação



Figura 02: “Maloca” construída pelas mulheres da associação, onde são realizadas as rodas de conversa.

Autora: Solimar Carnavalli Rocha

Na minha primeira ida à campo, fui convidada a participar da atividade da roda de conversa promovida pela associação Mulheres da Vila entre suas integrantes. Entre outros assuntos debatidos durante a roda, elas me contaram a história da associação de forma breve, após eu ter me apresentado. Segue o registro de campo:

Olga e Cecília contaram que a associação começou em 2005 com colares de miçanga. Depois começaram a fazer roupas, sapatos, colchas e bolsas. Hoje a associação conta com cinquenta e duas mulheres. Muitas delas saíram ao longo tempo. Uma vez ao ano, elas realizam o que chamam de “partilha solidária”, onde dividem o lucro (subtraído de todas as demais despesas) da comercialização das peças entre todas as integrantes. Sobre as peças que produzem, acreditam que o resultado de cada produto expressa os sentimentos de quem o fez. (Observação de campo, 23/08/17).

O surgimento da associação também foi narrado por Cecília, uma das fundadoras da associação, quando entrevistada individualmente. Quando perguntada sobre como conheceu a associação, ela conta que já conhecia a Simone, moradora da casa sede da associação, antes que formassem o grupo:

Simone, eu conheço a Simone há muitos ano... A mãe dela mora lá. Não mora bem dentro do Apolônia não, mas lá perto. E aí nós ficou conhecendo assim: nós era muito amiga... (Transcrição entrevista Cecília 14/09/18).

A partir desta amizade, veio o convite da Simone para formarem um grupo:

... quando foi um dia, ela chegou lá em casa e falou comigo assim: “Cecília, eu quero falar com cê. Eu tô enfiando as bolinha. Vamos enfiar as bolinha?” Falei: “ah, Simone! Tenho paciência pra isso não, véi!” Ela falou: “vai lá, boba! Vai lá! Vai lá passear e vamo tentar que ocê vai ver...” (Transcrição entrevista Cecília 14/09/18).

As bolinhas a que ela se refere são as miçangas coloridas com as quais faziam e ainda fazem bijuterias diversas. Ela conta que pensou muito no convite e após quinze dias resolveu aceitá-lo. Nas palavras dela:

E nós começou a brincar... nós brincava o tempo inteiro.

Com essa brincadeira, amiga, nós tamo aqui até hoje!

Aí nós ia batendo papo e fazendo esses colarzim. (Transcrição entrevista Cecília 14/09/18).

LOCALIZAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO MULHERES DA VILA E DA FEIRA ESPAÇO CIDADANIA - BELO HORIZONTE, MG

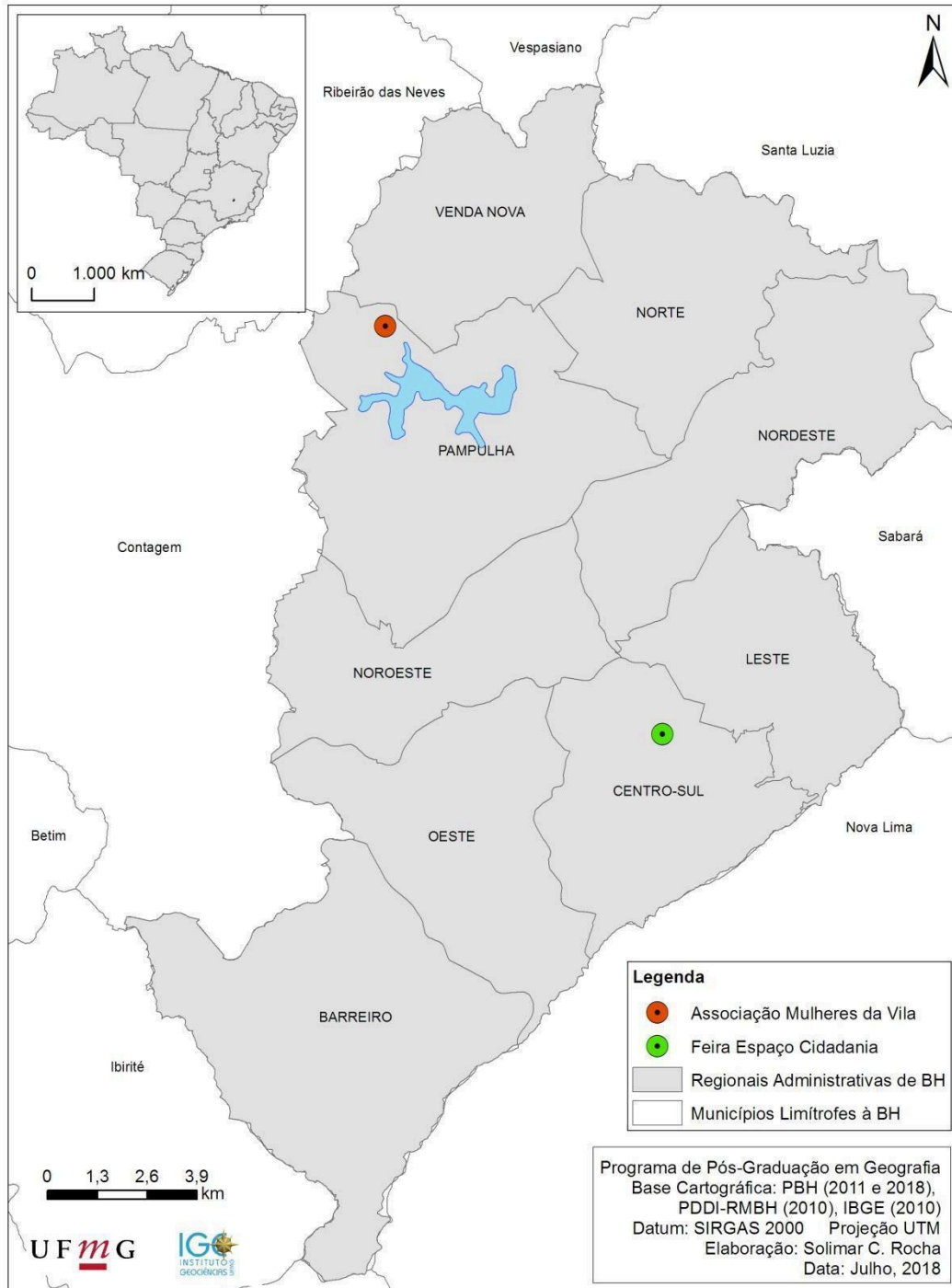


Figura 03: Mapa de localização da Associação Mulheres da Vila e da Feira Espaço Cidadania

Fonte: Elaborada pela autora

Ao longo dos anos, o quadro de integrantes foi se modificando bastante. Os motivos de desligamento do grupo, em geral, estão relacionados à busca ou obtenção de um trabalho assalariado que possibilite uma renda maior do que a alcançada como bordadeira na associação. Cecília relata que isso acontecia principalmente no início do grupo:

aí depois de um ano, já passou tantas mulheres por aqui... “Nós vamos tentar remar nós.” Mas é só nós pra remar, as novas todas foram embora. Aqui na casa nós era quatorze e de quatorze restou três... Todo mundo deu no pé.. que quando chegava no fim do mês, meu Pai do Céu, (risos) num tinha muita coisa pra receber... entendeu? (Transcrição entrevista Cecília 14/09/18).

No ano de 2015, o trabalho desenvolvido pela associação Mulheres da Vila foi reconhecido por meio da contemplação do Prêmio BNDES de Boas Práticas de Economia Solidária, junto a outras três iniciativas do estado de Minas Gerais, de um universo de quarenta e oito iniciativas em todo o país. Do total de iniciativas contempladas em Minas, três delas, incluindo a associação Mulheres da Vila, foram empreendimentos econômicos solidários (EEEs) e uma delas, foi uma rede de EEEs. A cerimônia de premiação aconteceu no município de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, durante a 22ª Feira Internacional de Cooperativismo (Feicoop 2015) e a 11ª Feira Latino-Americana de Economia Solidária (EcoSol 2015). As iniciativas premiadas também receberam um troféu, em forma de uma boneca de pano, intitulado Sandra Magalhães, em homenagem à assistente social e economista falecida em 2013 e que foi uma das fundadoras do Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FBES).

Os objetivos do prêmio buscam, de acordo com o BNDES, reconhecer os esforços e ampliar a visibilidade de empreendimentos econômicos solidários que desenvolvam os princípios da autogestão, solidariedade e cooperação. Intentam incentivar a mobilização de atores sociais a partir de experiências e ações de referência para a sociedade e também aprofundar o conhecimento sobre o tema no País, melhorando o diálogo, a construção e a implementação de políticas públicas de apoio e investimento aos EESs (BNDES, 2015).

O recebimento deste prêmio foi citado pelo Eduardo durante a assembleia anual da associação Mulheres da Vila, quando ocorreu a prestação de contas dos anos de 2016 e 2017,

como essencial para que tenham sobrevivido financeiramente à crise de 2016, em que muitas associações fecharam às portas por falência. Ele destacou que o valor foi utilizado para abonar dívidas contraídas pela associação por meio de empréstimos realizados para cobrir as despesas da mesma, de modo que as contas não ficassem no vermelho. (Observação de campo 23/05/18).



Figura 04: Troféu Sandra Magalhães - “Prêmio de Boas Práticas em Economia Solidária” concedido pelo BNDES à associação Mulheres da Vila em 2015

Autora: Solimar Carnavalli Rocha

4.1.1 Breve caracterização do bairro Vila Apolônia

Há uma estreita relação entre a associação Mulheres da Vila e a Vila Apolônia, visto que as primeiras integrantes da associação são moradoras da Vila Apolônia e ainda hoje muitas das associadas residem em tal bairro. Por isso, cabe trazer um breve contexto socioeconômico e espacial do bairro.

LOCALIZAÇÃO DO BAIRRO VILA APOLÔNIA - BELO HORIZONTE, MG

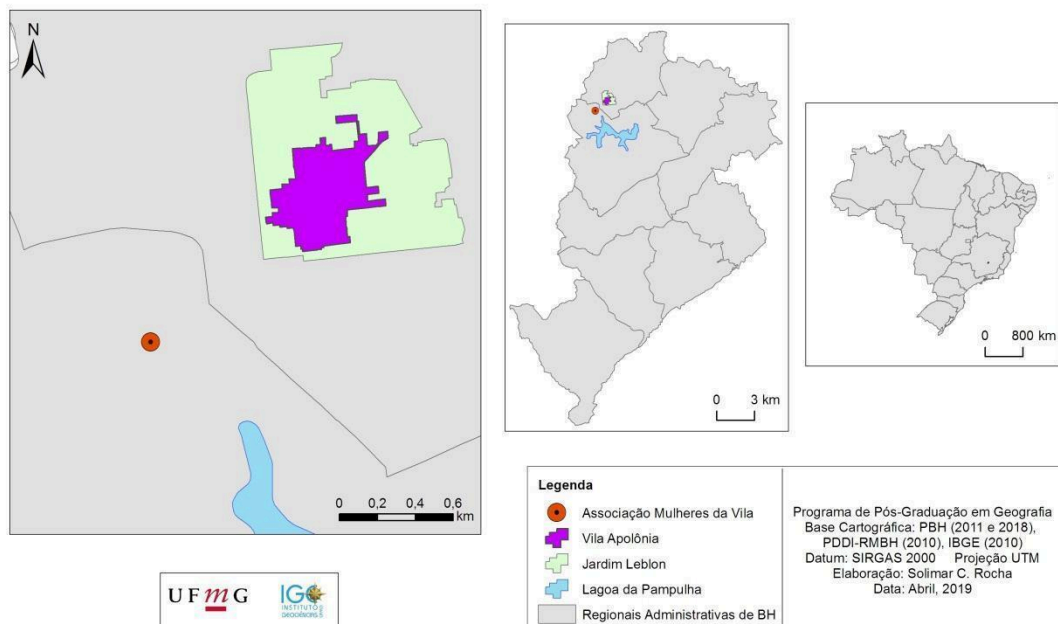


Figura 05: Mapa de localização do bairro Vila Apolônia – Belo Horizonte, MG

Fonte: Elaborado pela autora

A Vila Apolônia é um bairro pertencente ao município de Belo Horizonte e está situado na Regional Venda Nova. Sua extensão territorial é relativamente pequena, de 0,23 km². Tem uma população de 6.568 habitantes e possui 1.897 domicílios. Logo, a densidade domiciliar é de 3,46 hab/domicílio e a densidade demográfica é de 28.956 hab/km², aproximadamente quatro vezes mais alta que a densidade demográfica do município de Belo Horizonte de 7.167 hab/km² (PBH, 2010).

O bairro faz limite em todo seu perímetro com o bairro Jardim Leblon, já que se está contido dentro deste bairro. O bairro Jardim Leblon por sua vez é limítrofe aos bairros Céu Azul e Vila dos Anjos à oeste, Copacabana à sul, Santa Mônica e Universo à leste, Rio Branco e Piratininga à norte.

De acordo com as informações publicadas pelo Censo 2010 do IBGE, em 79% dos domicílios da Vila Apolônia¹⁶ os rendimentos não ultrapassam o valor de 01 (um) salário mínimo¹⁷. Deste montante, em 2,4% dos domicílios os rendimentos são inferiores a 1/8 de um salário mínimo, em 9,7% variam entre 1/8 e 1/4 de um salário mínimo, em 29,2% estão entre 1/4 e 1/2 salário mínimo e em 37,5% vão de 1/2 a 1 salário mínimo (CENSO, 2010).

Os domicílios com rendimentos de 1 a 2 salários mínimos representam 15% do total. Há apenas 2,6% domicílios com rendimentos entre 2 e 10 salários mínimos. Os domicílios que se declararam sem rendimentos superam os anteriormente citados, constituindo 3,3% do total. Nenhum domicílio possui rendimentos acima de 10 salários mínimos.

Ainda segundo o Censo 2010, 41,6% dos domicílios têm uma mulher como responsável, ou seja, como chefe de família.

4.2 Economia solidária e as mulheres da vila

A associação Mulheres da Vila¹⁸ faz parte do Fórum Mineiro de Economia Popular Solidária (FMEPS), integrando a regional Metropolitana. O fórum conta com dez regionais, além da Metropolitana, sendo elas: Norte, Sul, Médio-Piracicaba, Zona da Mata, Vale do Mucuri, Vale do Rio Doce, Campo das Vertentes, Noroeste, Triângulo e Vale do Jequitinhonha. Por sua vez, o FMEPS compõe junto aos fóruns das demais unidades da federação, o Fórum Brasileiro de Economia Solidária – FBES. A criação do FBES foi consolidada em 2003 durante a III Plenária Brasileira de Economia Solidária, tendo iniciado sua articulação na oficina “Economia Popular Solidária e Autogestão” do I Fórum Social Mundial realizado em Porto Alegre no ano de 2001 (SECRETARIA EXECUTIVA DO FÓRUM BRASILEIRO DE ECONOMIA SOLIDÁRIA, 2011). Como Empreendimento Econômico Solidário, a associação Mulheres da Vila participa semanalmente das reuniões promovidas pelo Fórum Metropolitana no Centro Público de Economia Solidária de Belo Horizonte - CEPES¹⁹.

Conforme consta no Plano Estadual de Desenvolvimento da Economia Popular Solidária, documento resultante da III Conferência Estadual de Economia Popular Solidária (Coees), que ocorreu em junho de 2014,

¹⁶ Para obtenção dos números descritos foram somados os resultados de todos os setores censitários que compõem o bairro Vila Apolônia.

¹⁷ À época o salário mínimo vigente era equivalente a R\$510,00.

¹⁸ A associação Mulheres da Vila foi objeto de pesquisa como experiência de economia popular solidária na RMBH na dissertação de Mestrado de Carlúcia Maria Silva em 2009.

¹⁹ O CEPES é uma parceria entre a Prefeitura e o Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) e está situado na Avenida dos Andradas, 367.

a Economia Popular Solidária se baseia na ideia de uma economia plural, salientando a união do econômico com o social e os laços de reciprocidade. Relaciona-se com o tema da inclusão social e desenvolvimento local em contraposição à mundialização imposta pelo capitalismo contemporâneo. Trata-se de um poderoso instrumento de combate à exclusão, na medida em que se torna viável a geração de trabalho e renda de forma associativa e sustentável. (CONSELHO ESTADUAL DA ECONOMIA SOLIDÁRIA –CEEPS/MG, 2015, p. 16).

Esta definição tem inspiração no conceito de Economia Solidária presente na carta de princípios do Fórum Brasileiro de Economia Solidária, ocorrido em 2003 e nos documentos síntese da IV e V Plenária de Economia Solidária, que aconteceram em 2008 e 2012, em que se afirma que:

A Economia Popular Solidária é fruto da organização de trabalhadores e trabalhadoras na construção de novas práticas econômicas e sociais fundadas em relações de colaboração solidária, inspiradas por valores culturais que colocam o ser humano como sujeito e finalidade da atividade econômica, em vez da acumulação privada de riqueza em geral e de capital em particular. Esta nova prática de produção e consumo privilegia o trabalho coletivo, a autogestão, a justiça social, o cuidado com o meio ambiente e a responsabilidade com as gerações futuras (FÓRUM BRASILEIRO DE ECONOMIA SOLIDÁRIA, 2008, p. 3).

No contexto estadual, em 2004 foi criada uma legislação referente ao fomento à Economia Popular Solidária. De acordo com a Lei estadual nº. 15.028/04:

Art. 2º - A Economia Popular Solidária constitui-se de iniciativas da sociedade civil que visam à geração de produto ou serviço, por meio da organização, da cooperação, da gestão democrática, da solidariedade, da distribuição equitativa das riquezas produzidas coletivamente, da autogestão, do desenvolvimento local integrado e sustentável, do respeito ao equilíbrio dos ecossistemas, da valorização do ser humano e do trabalho e do estabelecimento de relações igualitárias entre homens e mulheres (Minas Gerais, 2004).

O artigo 5º estabelece que as características dos empreendimentos econômicos solidários devam ser:

- I - a produção e a comercialização coletivas;
- II - as condições de trabalho salutaras e seguras;
- III - a proteção ao meio ambiente e a todas as formas de vida;
- IV - a equidade de gênero;

V - a não-utilização de mão-de-obra infantil;

VI - a transparência na gestão dos recursos e a justa distribuição dos resultados;

VII - a prática de preços justos, sem maximização de lucros nem busca de acumulação de capital;

VIII - a participação dos integrantes na formação do capital social do empreendimento;

IX - a participação dos integrantes nas deliberações, na forma do parágrafo único do art. 6º desta Lei.

§ 1º - Consideram-se empreendimentos de Economia Popular Solidária as empresas de autogestão, as cooperativas, as associações, os pequenos produtores rurais e urbanos, os grupos de produção e outros que atuem por meio de organizações e articulações locais, estaduais e nacionais.

Art. 6º - Parágrafo único - Para os efeitos desta Lei, a gestão democrática da empresa pressupõe:

I - a participação direta e indireta dos associados em todas as instâncias decisórias, por meio de voto em assembleias ou institutos similares específicos e legais, em eleições e na representação em conselhos;

II - a garantia de voto do associado, independentemente da parcela de capital que possua;

III - a rotatividade de, no mínimo, um terço dos integrantes dos órgãos decisórios - diretoria e conselhos a cada mandato;

IV - a contratação eventual de trabalhadores não associados limitada a, no máximo, 10% (dez por cento) do total de trabalhadores associados;

V - a adoção do trabalho como base para o sistema de remuneração e de distribuição dos resultados (Minas Gerais, 2004).

De acordo com os dados gerados pelo II Mapeamento de Economia Solidária no Brasil, realizado pela Secretaria Nacional de Economia Solidária (Senaes) em parceria com o Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FBES), entre 2009 e 2013, por meio do Sistema Nacional de Economia Solidária (SIES), existem no Brasil 19.708 Empreendimentos Econômicos Solidários (EES). O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada define a economia solidária como

um conjunto das atividades, sob diversos formatos organizacionais, que contribuem para a democratização econômica a partir do engajamento de grupos de indivíduos. Sua ideia traz consigo princípios que perpassam em diferentes graus a busca pela

satisfação das necessidades, a igualdade de oportunidades, a preservação do meio ambiente e a luta por justiça social e garantia dos direitos fundamentais dos cidadãos (IPEA, 2016, p. 13).

Do total de EES levantados no mapeamento citado, 3.228 deles (16,4%) se localizam na Região Sudeste. Ao todo participam 1.423.631 pessoas, sendo 620.258 (43%) mulheres e 803.373 (57%) homens. É interessante observar que entre os tipos de EES, as cooperativas possuem a maior proporção de homens (63,8%) que demandam diversas exigências para formalização. Em relação aos grupos informais, estes se constituem com média superior de mulheres (63,2%). O próprio documento do IPEA traz uma reflexão sobre essa relação inversa entre predominância de mulheres nos grupos informais e de homens em cooperativas, relatando que

Embora não conste no questionário do Sies a pergunta sobre quantidade de horas trabalhadas semanalmente no empreendimento, as experiências empíricas do mundo do trabalho permitem supor que parte dessa realidade é explicada pela necessidade de muitas mulheres buscarem uma ocupação em tempo parcial que lhe permita uma complementação da renda familiar e que ela possa conciliar com outros afazeres que ainda são majoritariamente desempenhados pela população feminina, como os cuidados do lar e da família. Isso explica parte da razão de um alto percentual de mulheres em empreendimentos informais, por exigirem dinâmicas administrativas mais simples e serem mais fáceis de serem desfeitos em caso de uma eventualidade. (IPEA, 2016, p. 24).

Embora componha uma associação formal (conforme anexo), a associação Mulheres da Vila possui traços de informalidade que a assemelha, em alguns aspectos, a um grupo informal de economia solidária. Um exemplo é o fato de a motivação da maioria das mulheres em participar de tal associação estar relacionado a “obter uma fonte de renda complementar” e a “uma alternativa ao desemprego”, predominantemente associada a grupos informais segundo o relatório citado.

Na entrevista realizada com Virgínia²⁰, uma das facilitadoras, a respeito da razão para ter entrado na associação, é possível observar tais motivações:

Ah, Sol... foi financeiro [o motivo de ter entrado na associação]. Meu marido um dia chegou e falou assim: “não tá dando mais... é muita coisa pra minha cabeça, eu tô

²⁰ Na ida à campo do dia 03/04/19, fui informada pelas associadas que Virgínia tinha se desligado da associação. Segundo elas, ela já não podia conciliar a jornada de trabalho na associação como facilitadora (segunda a sexta das 8h às 17h) com o cuidado dos quatro filhos. Virgínia me autorizou a manter seus relatos no texto.

ficando doido...” “Mas eu já te falei com cê... cê vai liberar eu para trabaíá?” Que diz ele que depois que Pedro nasceu que eu não podia trabalhar porque tinha o Pedro, né? Então... “cê vai dar atenção pro Pedro, que cê não deu atenção pros grande, mas esse aqui cê vai poder, porque eu te sustento...” Aquela coisa do machismo, né? “Eu te sustento, eu dou tudo que você quer...” Eu falei: “Ah, então tá... Então vão ficar, vão ver até quando cê aguenta”, falei comigo... “vão ver quanto cê aguenta...” Aí quando cê vê que cê tem quatro filhos e mais uma, que é a que ele dá pensão que é a filha dele, pra quem é assalariado, cê se vê numa sinuca de bico, né? Água, luz, internet, comida e pensão. Cê se vê apertado. Aí ele falou: “não aguento!” Aí um dia eu cheguei ni mãe: “ô, mãe, lá em casa não tem nem arroz” E não tinha mesmo! Aí ela falou assim: “Leva o arroz que tá aí e vai lá na Simone, vê se cê arruma qualquer coisa pra fazer, faxina, qualquer coisa...” Por incrível que pareça, no dia que eu cheguei tinha uma moça saindo. Não sabia também que ela tava saindo... Aí virei pra Simone e falei: “Simone, tô precisando trabalhar.” Ela: “Ah, mas que que cê sabe fazer?” “Cê sabe que eu sei de tudo um pouco, né? Que que cê quer que eu faça?” Ela: “não, vão chamar as menina e vão ver...” Aí chamou Olga, chamou Nísia, nós sentou aqui na Maloca mesmo, fomo parar pra conversar... mas, assim, cê tá dando um pulo no escuro... “não tenho valor pra te dar, não sei que que a gente pode fazer... cê quer aceitar?” Minha mãe me ensinou desde pequena que é melhor pingar do que faltar... nessas situações... Já tinha um ano que eu tava procurando serviço também, tinha um ano que eu já tava entregando currículo, que eu já tava correndo atrás... Que fosse de faxineira, que fosse de qualquer coisa, não tinha problema pra mim! Questão de serviço, eu nunca corri de serviço. Aí... “não, então cê entra então, vão ver o que que vai dar...” No “vão ver que que dá”, em outubro agora tem um ano. Aí comecei a vim... aí Cora também já tava doente, aí no começo eu pegava mais Cora pra levar pro médico, né? Que quem ficou com essa parte fui eu. Aí depois vai, cê desenvolve vassoura, cê desenvolve tudo... Virgínia já fazia mandala em casa... porque quando aqui ficava muito cheia, aí mãe gritava: “Socorro! Tem um monte de mandala pra passar voltinha! Passa a voltinha, Virginia!” Então, Virgínia sentava e mandava bronca nas voltinha.. Aí, aqui agora, eu faço um tiquinho de cada, né? (Transcrição entrevista Virgínia 14/09/18).

Além disso, faz-se presente a necessidade de uma atividade econômica fora de casa, mas que permita às mulheres da associação conciliar o trabalho e os afazeres domésticos²¹. O IPEA aponta que dos quatro formatos organizativos de empreendimentos econômicos solidários (EES) – associações, cooperativas, grupos informais e sociedades mercantis – as associações são predominantes, representando 60% do total de empreendimentos mapeados.

²¹ Na Pesquisa Amostral do Segundo Mapeamento Nacional de Empreendimentos Solidários no Brasil constata-se que 88,3% das mulheres de EES também realizam atividades domésticas como cozinhar, lavar e limpar a casa; 75,5% cuidam de filhos menores e/ou dependentes (SILVA; KAPPES, 2016).

Esta situação ficou evidente desde o primeiro dia de campo, quando na mesma conversa, elas falaram sobre a estrutura da associação e os desafios financeiros que enfrentam individualmente e como associação:

Um menino²² explicou que a associação é registrada em cartório e faz parte da Economia Solidária atualmente, mas que antes disso o grupo era formalizado como empresa. Nísia disse que elas procuram incentivar as mulheres mais jovens a buscarem trabalho remunerado, pois o que recebem pelo trabalho é pouco e instável. Contou também que possuem um stand na feira da Bernardo Monteiro e que embora já tenham vendido montantes alto lá chegando a 3 mil reais em um dia, hoje há vezes em que vendem 10 reais e gastam 50 com despesas em um dia. Segundo ela, “em BH não tem espaço”. Por isso, o que garante a manutenção do grupo é a participação em feiras e congressos em outros estados comercializando seus produtos. Como forma de reduzir os custos das viagens, elas adotam o que chamam de hospedagem solidária²³. (Observação de campo, 23/08/17).

4.3 Gênero, artesanato e divisão sexual do trabalho: aproximações

A nossa vida é na favela. Nós moramos lá onde tod@s estão junt@s e enfrentam lutas, violência, discriminação, desemprego e carência... Partilham sonhos e mutirões e se alegram com pequenas vitórias. Às vezes falta tudo, dá vontade de sumir..., mas tem @s menin@s pra cuidar... Alguém aparece, traz uma novidade, é a luz de uma saída... Como a lagarta que virou borboleta e nunca mais vai voltar a ser lagarta! Assim é a nossa vida... Com nosso artesanato, que é a nossa única fonte de renda, fazemos mágica. A nossa vida se transforma numa história melhor de se viver e compartilhar. (Disponível em <<http://mulheresdavila.com.br>> Acesso 10 mai. 2017).

Pensando na necessidade de conciliação do trabalho remunerado com as tarefas domésticas, uma destas tarefas para grande parte das mulheres da associação é o cuidado, muitas vezes

²² Neste dia ainda não sabia quem era o jovem interlocutor. Ele é filho da Simone e do Eduardo, mora na casa que é sede da associação e possui 15 anos atualmente. Normalmente, participa das rodas de conversa junto com seu irmão mais novo.

²³ A hospedagem solidária se baseia em uma rede de contatos em várias cidades do país (familiares, amigos, integrantes de outros empreendimentos) que se disponibilizam a acolher as mulheres da associação em suas residências durante sua passagem ou estadia na cidade. Elas dão a seus anfitriões uma contribuição espontânea em dinheiro, que é significativamente inferior ao custo de uma hospedagem tradicional. A associação MV também recebe integrantes de empreendimentos de outras cidades na sede da associação.

integral, dos filhos e netos. Em muitas idas à campo, nos dias de roda de conversa, foi possível observar que várias mulheres haviam levado filhos ou netos para a associação, pois não havia mais ninguém para ficar com eles:

Hoje, como em outras vezes, a Lélia levou seu filho de aproximadamente 1 ano para a associação. Outra moça levou sua filha de mais ou menos 2 ou 3 anos e sua irmã também foi com o filho de 1 ou 2 anos. Uma senhora levou sua neta de uns 5, 6 anos. (Observação de campo, 04/10/17).

Para algumas delas, o fato de a sede da associação ser um ambiente acolhedor para seus filhos e netos, sem nenhum tipo de restrição a que elas os levem quando precisam é fator essencial para sua permanência no grupo. Isto pode ser observado na fala da Joana durante a entrevista realizada com ela, cuja filha tem Síndrome de Down:

porque se fosse um caso que eu não pudesse trazer ela, não me encaixava, porque eu acho assim, não dá pra ela, não dá pra mim. (Transcrição entrevista Joana 12/09/18).

Segundo Bruschini (2000), sendo as mulheres ainda as principais responsáveis pelas tarefas domésticas e cuidados com os filhos e demais familiares, a realização de atividades econômicas traz uma sobrecarga para aquelas que as desempenham. Bruschini (2000) atenta também para o fato de que a constante necessidade de conciliar papéis familiares e profissionais restringe a disponibilidade da mulher para o trabalho remunerado, pois este depende de uma complexa combinação de características pessoais e familiares, como o estado conjugal e a presença de filhos, relacionados à idade e à escolaridade da mulher trabalhadora, assim como as características do grupo familiar que ela compõe.

As bordadeiras e aquelas que produzem as colchas de retalhos têm a casa como espaço de produção e reprodução social, simultaneamente utilizada para fins de moradia e como espaço de trabalho. Dessa maneira, a produção artesanato se mistura com o trabalho doméstico, alterando de maneira intensa as relações na esfera privada, já que elas enfrentam uma dupla, por vezes, tripla jornada de trabalho no espaço doméstico. Assim, devido à produção ser realizada em casa, a reprodução dos papéis sociais de gênero se mantém, pois grande parte das tarefas domésticas, cuidados com a família, filhos e idosos permanece como atribuição das mulheres.

A feminização do trabalho implica em determinações significativas para a produção e a reprodução do capital, na medida em que possibilita uma superexploração sobre o trabalho e

sobre as atividades desempenhadas pelas mulheres, seja no espaço público ou privado (CISNE, 2015). Por um lado, no espaço público, a superexploração ocorre por meio do uso e responsabilização da mulher na reprodução social, a qual permite que a produção social tenha um custo menor. Já no espaço privado, a superexploração ocorre por meio da desvalorização, subordinação, exploração intensificada e desprestígios na esfera produtiva.

Entre os empreendimentos urbanos que se concentram na Região Sudeste (61%), as atividades variam entre produção e prestação de serviços em setores de alimentação, confecções e calçados, artesanato, indústria de transformação, coleta e reciclagem e, ainda, crédito e finanças. A maioria das mulheres (19,6%) está na fabricação de produtos têxteis, bem como em atividades como costura, produção de alimentos e de bebidas.

A presença maior de mulheres do que de homens no setor têxtil, como também no alimentício, contribui para um reforço da divisão sexual do trabalho baseada em papéis de gênero tradicionais e hierárquicos que caracterizam a sociedade patriarcal. Neste sistema, embora tenha havido muitos avanços nas últimas décadas, a remuneração das mulheres ainda é vista como complementar e sua presença é mais importante na



Figura 06: Peças e acessórios produzidos pelas associadas expostos no interior da sede da Associação Mulheres da Vila. Autoria: Solimar Carnavalli Rocha

reprodução social, enquanto aos homens continua a caber o papel de provedores da família. Assim, quando as mulheres trabalham como assalariadas, no âmbito do espaço público, estão predominantemente nos setores de serviços e comércio e nas atividades informais, temporárias e precárias ou em setores de atividades formais, mas de baixa remuneração e que são frequentemente uma extensão do trabalho reprodutivo, no âmbito do espaço doméstico e privado, relacionadas com idade, a escolaridade e o tipo de arranjo familiar (SILVA, 2013). Na fala de Virgínia descrevendo os trabalhos anteriores ao que exerce na associação, percebemos que todos fazem parte desta extensão do trabalho reprodutivo:

Fui faxineira, fui babá, já trabalhei com uma senhorinha cuidando de idoso... É, acho que... é, e faxina. (Transcrição entrevista Virgínia 14/09/18).

Grande parte das mulheres da associação já exerceu ou ainda exerce atividades de limpeza de residências, seja como diaristas ou como empregadas domésticas. Muitas delas deram início à atividade ainda na infância, como relata Joana:

Eu, a vida inteira, eu desde a idade de... 8 anos que eu trabalhava com empregada doméstica. Então assim, foi muitos anos trabalhando como empregada doméstica (Transcrição entrevista Joana 12/09/18).

Outra atividade exercida por algumas mulheres diz respeito ao trabalho de cuidado de idosos. Virgínia narra as dificuldades que enfrentou enquanto realiza este trabalho, em relação ao seu incômodo com atitudes e falas racistas da idosa a quem cuidou durante algum tempo:

Não... ela era racista. Tinha que ter paciência mesmo diferente... (risos) Ela: “ah, eu não gosto de negro” (risos). Eu falava: “ô dona Nabila, não fala isso não... cê fica com esse racismo...” Porque era muito velhinha, então o tempo... eu não consegui não tirar isso da cabecinha dela, sabe? E aí ela tomava remédio controlado, então mesmo que ela fosse lúcida, eu não conseguiria tirar aquilo da cabecinha dela. Então, na hora que ela via um negro, ela olhava: “nossa, odeio negro!” E, assim, era um custo eu segurar ela! “Não pode, não pode falar isso. Dona Nabila, negro é igual a senhora, tem sangue, tem tudo...” Ela: “Não... igual eu não é não. Eu... eu sou rica, eu tenho tudo. Eu sou eu.” Aí sabe, aquela coisa... (Transcrição entrevista Virgínia 14/09/18).

A desigualdade entre homens e mulheres não está presente apenas no tipo de atividades desempenhadas por elas e eles. Conforme pode ser observado no quadro abaixo, as mulheres negras das regiões metropolitanas totalizam a maior porcentagem de pessoas desocupadas (15,5%). Por outro lado, os homens não negros das regiões metropolitanas possuem o menor percentual de pessoas desocupadas (7,2%). Este contraste se reflete diretamente na remuneração e no orçamento familiar, demonstrando a importância de se considerar o recorte de classe, raça e sexo de maneira integrada nas análises.

Sexo	Cor/raça	Metropolitano		Não metropolitano	
		Ocupados	Desocupados	Ocupados	Desocupados
Homens	Negros ⁽¹⁾	91,1	8,9	94,0	6,0
	Não negros ⁽²⁾	92,8	7,2	95,3	4,7
	Total ⁽³⁾	91,9	8,1	94,6	5,4
Mulheres	Negras ⁽¹⁾	84,5	15,5	88,7	11,3
	Não negras ⁽²⁾	88,7	11,3	91,5	8,5
	Total ⁽³⁾	86,7	13,3	90,1	9,9

Brasil, distribuição PEA (em %) por condição de ocupação, segundo cor/raça, sexo e localização do domicílio, 2009.

Fonte: IBGE. Pnad / Elaboração: DIEESE - Anuário das Mulheres Brasileiras

Nota: (1) Pretos e pardos (2) Brancos e amarelos (3) Inclui indígenas e sem declaração de cor/raça

De acordo com Saffioti (2000), as mulheres pobres sempre trabalharam, inclusive antes do advento do capitalismo, quando não havia uma separação clara entre o ambiente doméstico e o ambiente de trabalho e conseqüentemente entre reprodução social e produção. A partir da Revolução Industrial, a grande mudança que ocorre é a incorporação delas no mundo do trabalho remunerado, por meio do emprego. Conforme ressalta Saffioti (2000, p. 73), “o capitalismo abriu as portas sim, mas do emprego, pois as mulheres já trabalhavam, havia muito tempo, mais que os homens. A realidade social é contraditória, comportando avanços e retrocessos”.

As mulheres trabalhadoras de baixa renda são as mais impactadas pelo modelo econômico e cultural da sociedade, sendo elas exploradas, oprimidas e discriminadas tanto por serem mulheres, quanto por sua condição socioeconômica, ou seja, pelo sexo e pela classe (CISNE, 2015). Estas mulheres, muitas vezes, vivem no limite da sobrevivência no que diz respeito às suas necessidades básicas, até mesmo de alimentação. Quando as mulheres pobres, muitas vezes chefes de famílias monoparentais femininas ficam impossibilitadas de trabalhar com remuneração por motivo de doença, toda a família se vê afetada. Esta situação extrema foi relatada por Joana, uma das entrevistadas:

Depois que eu tive o câncer, aí eu tive que parar, né? Deve ter o que... uns dez anos atrás. Aí eu tive o câncer, aí a maioria das patroa me mandou embora, porque tinha que fazer... tinha que correr pra um lado, correr pra outro... fazer um monte de exame, né? Aí amputou a mama, eu fiz reconstrução e graças a Deus eu tô bem. [...] aí depois disso eu fiquei em busca de algo, porque assim mesmo eu em cima da cama com dois dreno eu fazia coisas de crochê e pedia minha menina pra vender... os meninos pra vender, porque tinha que comprar alguma coisa pra comer, né? E assim, ganhava cesta básica, meus menino ia, buscava, né? Então assim, eu sempre fui uma batalhadeira, nunca me abati por nada. (Transcrição entrevista Joana 12/09/18).

O relato de Virgínia sobre a forma como ocorreu a aquisição de sua primeira casa própria, praticamente por conta própria, embora estivesse casada à época, é um exemplo da condição real e efetiva de ser mulher trabalhadora das classes populares:

Um rapaz tinha saído da casa e aí um pessoal tentou invadir essa casa dele na vila... Aí ele me perguntou se eu queria, como que eu poderia pagar ele essa casa... 4 mil que ele taria vendendo... mas como eu poderia pagar, né? “O único modo que eu posso te pagar é cem reais por mês, pode ser?” Ele: “não, melhor você ficar com a casa, que eu te conheço, do que os menino invadir”. Foi assim que foi. Comprei minha casa. Foi assim... em quatro anos... 4 mil pagando cem reais por mês. E com dois menino pequeno. Então era faxina, o homem trabalhava, quando trabalhava também... porque chegou uma época que ele começou a beber demais, o vício já não deixava ele trabalhar, não tinha condições... Então o dinheiro do acerto, pegava e dava... Pra te falar a verdade, o único acerto que eu vi foi quinhentos reais que ele deu pra entrada e depois disso até a última parcela quem pagou foi eu... (Transcrição entrevista Virgínia 14/09/18).

A escassez ou até mesmo ausência de recursos financeiros advinda do desemprego e das baixas remunerações por subempregos precarizados fica evidente no relato da Cecília sobre os primeiros anos em que residiu na Vila Apolônia:

A vida lá na Vila Apolônia foi dura pra mim! Foi muito dura... Tinha dia que meus filho não tinha nem o que comer dentro de casa... Eu morando debaixo duma lona... Morei três ano debaixo de uma lona! (Transcrição entrevista Cecília 14/09/18).

Também no relato da Cecília, observamos que a necessidade de se obter uma renda mínima que permita fornecer alimentação aos/às filhos/as chegou até mesmo a ser um impeditivo para a permanência de algumas das primeiras associadas no início da associação, quando os valores obtidos com a comercialização dos produtos eram baixíssimos:

minha cumadi, trabalhou aqui quase um ano e depois ela saiu fora... foi embora... porque nós ganhava tão pouco, mas tão pouco, mas tão pouco, que não dava pra comprar nem um pão... e ela tinha sete menino (risos), era muito menino!! (Transcrição entrevista Cecília 14/09/18).

Por outro lado, a melhoria na qualidade e quantidade da alimentação fornecida aos filhos é sinalizada por Virgínia como a principal mudança que ocorreu em sua vida desde que passou a integrar a associação:

De eu ter vindo pra cá, lá em casa olha... **nós come melhor hoje**, meus filhos hoje... eu não vou falar com cê que eu sou aquela mãe que fala assim: “me dá!” E eu dou. “Não dou não! Você vai fazer por merecer? Se você fazer por merecer, eu te dou. Se ocê não fazer, eu não te dou não”. Então assim, quando eles merece, não ligo, sabe? O que posso fazer, que tá dentro das minhas condições, eu faço, entendeu? (Transcrição entrevista Virgínia 14/09/18, sublinhado nosso).

Conforme aponta Kergoat (2003), o conceito de divisão sexual do trabalho tem origem na etnologia, surgindo para denominar uma divisão “complementar” das tarefas entre os homens e as mulheres nas sociedades estudadas pelos pesquisadores desta área da antropologia. De acordo com a autora, esta denominação teve como um dos principais representantes Lévi-Strauss, que fez dela o mecanismo explicativo da estruturação da sociedade em família. Porém, explica a autora, as primeiras a lhe conferirem um novo sentido foram as antropólogas feministas, quando mostraram que tal conceito não se tratava apenas de uma complementaridade de tarefas, e sim de uma relação de poder dos homens sobre as mulheres. Assim, a divisão sexual do trabalho, enquanto conceito, passou a ser compreendida a partir de seu caráter analítico, pois

[...] a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais de sexo; essa forma é adaptada historicamente e a cada sociedade. Ela tem por características a destinação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apreensão pelos homens das funções de forte valor social agregado (políticas, religiosas, militares etc). (KERGOAT, 2003, p. 55-56).

Tal forma de divisão sexual do trabalho possui dois princípios organizadores: o princípio da separação, ou seja, há trabalhos de homens e trabalhos de mulheres; e o princípio da hierarquização, já que um trabalho de homem tem mais valor que um trabalho de mulher. A aplicação destes princípios ocorre por meio do que Kergoat (2003) define como “ideologia naturalista” que atua como um processo específico de legitimação dos mesmos. Dessa forma, o gênero é rebaixado ao sexo biológico e as práticas sociais são reduzidas a “papéis sociais” sexuados. Por outro lado, a autora pontua, a partir da teorização da divisão sexual do trabalho, que as práticas sexuadas são construções sociais, as quais resultam, por sua vez, das relações sociais. Neste sentido, Antunes complementa apontando que:

As relações entre gênero e classe nos permitem constatar que, no universo do mundo produtivo e reprodutivo, vivenciamos também a efetivação de uma construção social sexuada, na qual os homens e as mulheres que trabalham são, desde a infância e a escola, diferentemente qualificados e capacitados para o ingresso no mercado de trabalho. E o capitalismo tem sabido apropriar-se desigualmente dessa divisão sexual do trabalho (ANTUNES, 1999, p. 109).

Assim, a divisão sexual do trabalho é resultado de um sistema patriarcal capitalista que atribui às mulheres um baixo prestígio social e as submete aos trabalhos mais precarizados e desvalorizados, sendo uma das formas centrais para a exploração do capital sobre o trabalho (CISNE, 2015).

O artesanato enquanto atividade historicamente construída e relacionada à produção de bens, aos poucos, foi se feminizando e assumindo um caráter complementar quanto à composição da renda familiar. De acordo com Rios (1980), a divisão sexual do trabalho manifesta-se claramente na atividade de artesanato ao longo da história ocidental. Esta atividade tem origem na necessidade humana de produção desde bens de uso cotidiano a ornamentos, e traduz a capacidade criativa humana como forma de trabalho manual por meio da produção de objetos (RIOS, 1980). Pereira (1979) mostra que, embora tenha tido seu apogeu na Idade Média, esta atividade já existia na Antiguidade, sendo que na Grécia Antiga o trabalho de

fiação, tecelagem, costura, bordado e tapeçaria eram desempenhados apenas por mulheres. Já a marcenaria e a confecção de calçados eram atividades exclusivamente masculinas.

Para Davis (2016), entretanto, foi a partir da Revolução Industrial que o artesanato deixou de ter o valor social e econômico precedente passando a ser realizado pelas mulheres no espaço doméstico, consistindo principalmente em tecido, bordado e agulha. Desde então, os ofícios de tecer e bordar passaram a ser reconhecidos como femininos e desvalorizados em relação a atividades de cunho industrial. Davis (2016) demonstra esta situação a partir da experiência dos Estados Unidos no período pré-Guerra Civil onde, com o processo de industrialização, “a experiência de realizar um trabalho produtivo foi roubada de muitas mulheres brancas. As fábricas têxteis tornaram obsoletas suas máquinas de fiar” (DAVIS, 2016, p. 24).

Saffioti (1980) também aborda a tendência à marginalização do trabalho das mulheres decorrente da transição da manufatura de tipo artesanal para a grande indústria no contexto brasileiro. Sobre a divisão sexual do trabalho na indústria têxtil e de confecções, e a relação entre gênero e tecnologia, ela aponta que em geral,

as indústrias de baixa densidade tecnológica, intensivas em trabalho, tendem a utilizar maciçamente a mão-de-obra feminina, enquanto as indústrias de alta densidade tecnológica, intensivas em capital, apresentam uma acentuada tendência a absorver maiores contingentes masculinos. A sofisticação tecnológica da indústria tem minado, grandemente, a ideologia de que a mulher apresenta mais habilidade manual para o desempenho de tarefas minuciosas, do tipo das que têm lugar em indústrias têxteis de baixa densidade de capital. (SAFFIOTI, 1980, p. 21).

No Brasil, historicamente as mulheres são maioria entre os/as trabalhadores/as das indústrias têxteis e manuais. Saffioti (1980) o demonstra remontando ao primeiro censo brasileiro realizado em 1872, em que, embora ainda apenas 5,3% das mulheres declarassem trabalhar, elas representavam 96,2% dos/as trabalhadores/as das indústrias têxteis. Já entre os trabalhadores definidos pelo censo como manuais, sejam costureiras ou operários, as mulheres correspondiam a 84,9% do total daquele censo. Entretanto, esta predominância da participação das mulheres nas atividades manufatureiras diminuiu drasticamente em comparação ao censo de 1970, época da industrialização do Brasil.

Em 1872, a participação feminina nas atividades propriamente industriais era maior que o registrado no censo de 1970, sendo de 27,6% e 12% respectivamente. Saffioti (1980) argumenta que ainda que tenha havido um aumento da participação das mulheres no setor

terciário em comparação à participação masculina, este é um setor composto por ocupações bastante heterogêneas, podendo ser desde serviços domésticos remunerados à presidência de uma grande empresa. Portanto, a substituição de força de trabalho por tecnologia, que começou a ocorrer na década de 1970, se reflete de maneira diferenciada entre homens e mulheres, já que o aumento das mulheres no setor terciário não repara a diminuição das mesmas nas manufaturas artesanais (SAFFIOTI, 1980).

Comparando os dados do censo de 1872 ao de 1920, onde as mulheres representam 65,1% da mão de obra da indústria têxtil e 69,7% do setor de confecções, Saffioti afirma que

as mulheres perderam terreno no setor têxtil à medida que o artesanato de tecidos foi se transformando em indústria. No que tange à indústria de confecções, é muito possível que, dadas as peculiaridades desta indústria, tenha ela absorvido grande número das mulheres que, antes, trabalhavam autonomamente como costureiras. O fato é que em ambos os setores aqui focalizados as mulheres representavam cerca de dois terços dos trabalhadores, posição seriamente ameaçada pela penetração da tecnologia. (SAFFIOTI, 1980, p. 23).

Analisando a situação da indústria têxtil no estado de São Paulo entre a década de 1950 e a década de 1970, onde o crescimento desta indústria por meio das inovações tecnológicas não acompanhou a geração de emprego, Saffioti (1980) compreende que na medida em os teares manuais foram substituídos por teares mecânicos e os teares mais simples por máquinas mais sofisticadas, a força de trabalho feminina foi também trocada pela força de trabalho masculina.

Assim, acompanhando o entendimento daquela autora, ocorreu uma expulsão da mão de obra feminina conforme as empresas artesanais transformaram-se em empresas fabris modernas. Esta mão de obra foi sendo realocada, segundo Saffioti (1980, p. 29), “nas ocupações desenvolvidas a domicílio ou nos postos sub-privilegiados do baixo terciário”. Por postos subprivilegiados do baixo terciário, podemos compreender como trabalhos informais de baixa produtividade do setor terciário inferior, como por exemplo, vendedores ambulantes. De qualquer maneira, estas mulheres - sejam elas costureiras, bordadeiras, cerzideiras, tricoteiras, crocheteiras, empregadas domésticas, dentre outras ocupações autônomas -, na maioria das vezes, não usufruem os “benefícios sociais distribuídos pela generalização das relações capitalistas de produção” (SAFFIOTI, 1980, p. 30).

Diante deste contexto de informalidade e precarização, o caso da indústria têxtil ilustra de maneira objetiva o fenômeno da substituição da mulher pelo homem conforme as empresas se modernizam tecnologicamente. Saffioti (1980) o demonstra expondo que, entre 1950 e 1970, foram demitidas cerca de um quarto das mulheres trabalhadoras da indústria têxtil, ao passo que a quantidade de homens empregados na mesma indústria aumentou mais de 60%.

Relacionada à divisão sexual do trabalho pautada pela separação e hierarquização, a força de trabalho feminina é desvalorizada e explorada em relação à força de trabalho masculina, estando concentrada em “guetos” femininos. Neves aponta que

conforme o relatório sobre Desenvolvimento Humano no Brasil, as mulheres representam 48% da força de trabalho do setor terciário e apenas cerca de 20% nos casos da agricultura e indústria. Em 16 ocupações do setor formal, elas comparecem com mais de 50% ressaltando-se alguns deles como verdadeiros guetos femininos, como: costura 94%, magistério do 1º grau 90%, secretariado 89%, telefonia/telegrafia 86%, enfermagem 84%, recepção 81%. (NEVES, 2000, p. 174).

Esta desvalorização acontece no espaço público, em relação ao trabalho remunerado, mas também no espaço privado, em relação ao trabalho doméstico não remunerado. Este sofre de uma desvalorização ainda maior por não ser sequer reconhecido socialmente como trabalho, sendo um trabalho não pago. Há uma relação direta entre o trabalho doméstico e o salário mínimo, visto que o cálculo deste último é baseado, principalmente, nos custos necessários à reprodução da força de trabalho, os quais não incluem restaurantes, lavanderias e escolas públicas em tempo integral que atendam a toda a classe trabalhadora (CISNE, 2015). Assim, o processo de naturalizar as atividades domésticas como uma obrigação da mulher e a não remuneração deste trabalho torna possível que o salário mínimo seja menor ao que deveria ser.

Uma das razões difundidas como justificativa para a subordinação das mulheres no mundo do trabalho é sua suposta qualificação inferior quando comparada à dos homens. Entretanto, Cisne (2015) expõe que esta subordinação está relacionada à naturalização de papéis e ao desenvolvimento de habilidades consideradas femininas que vão ao encontro dos interesses do capital. A falta ou pouca qualificação das mulheres trabalhadoras não se deve à má formação escolar ou educacional, e sim à maneira como são socializadas: primeiro por formação obtida por um aprendizado (a ‘profissão’ de futuras mulheres durante a infância) e depois por uma

‘formação contínua’ (trabalhos domésticos). Portanto, não há má formação e sim uma formação no conjunto do trabalho reprodutivo (KERGOAT, 1989).

Neste sentido, se estabelece uma exigência social de que as mulheres possuam qualidades como destreza, minúcia, rapidez, como se estas características fossem naturais e não tivessem sido aprendidas e reforçadas permanentemente ao longo de toda sua vida (CISNE, 2015). Diante disso, o bordado, assim como a costura, o crochê e outras técnicas manuais, é um trabalho que demanda as características citadas para seu desenvolvimento. Observamos que as mulheres entrevistadas percebem quase como algo natural sua habilidade em bordar, às vezes como algo inerente a elas mesmas,

Não... Eu sempre bordei pra fora, mas eu bordava era com pedraria, né? Eu amava bordar com pedraria, até hoje eu gosto, né? Mas, assim, depois eu... minha irmã... nós arrumamo um lugar lá e a gente bordava, mas a gente não conhecia as outras pessoas... (Transcrição entrevista Joana 12/09/18)

Aqui? Ah, eu... onde eu frequentava, né? (risos) Negócio de Umbanda lá, eu conheci uma menina lá... “Ah, eu quero conhecer”, que eu gosto de costurar, eu sei. Aí ela me trouxe... através dela fiquei conhecendo a turma, gostei e fiquei... ela saiu e eu fiquei... uns doze ano, né? De dez a doze, eu acho... (Transcrição entrevista Ângela 12/09/18)

Já, já. Toda vida eu fiz artesanato. Esse trabalho com fuxico, crochê... É, toda vida, arte, culinária... (Transcrição entrevista Rosa 03/09/18).

Nos três trechos percebemos que possuir conhecimentos e habilidades relacionados à confecção e ao artesanato é para elas algo trivial, quase que natural, como se não tivesse havido um processo constante de aprendizado ao longo de toda a vida, por meio da transmissão destes conhecimentos e habilidades por suas antepassadas. Mais do que isso, notamos que muitas vezes elas nem mesmo reconhecem a atividade que desempenham como trabalho.

Analisando o perfil, a trajetória e a produção de alguns artesãos grupos e cooperativas de comunidades de Belo Horizonte, Santos (2007) aponta o artesanato como uma oportunidade de desenvolvimento econômico e social para diversos grupos, cooperativas e associações em todo o país. Para ela, esta atividade propicia a geração de renda para artesãos e artesãs, assim como um resgate da autoestima, ao explorar seus potenciais criativos. Os processos criativos e

produtivos do artesanato, em geral, são marcados pelo uso de matérias-primas naturais e/ou materiais alternativos.

Esta particularidade do artesanato tem ganhado reconhecimento nas últimas três décadas devido ao valor que produtos feitos à mão representam atualmente diante do modo de produção industrial da maior parte dos processos produtivos (e criativos) da economia contemporânea (SANTOS, 2007). A autora ainda afirma que a legitimidade alcançada pelo artesanato como expressão cultural e identitária de grupos que o desempenham diz respeito a um processo cultural de valorização de saberes e ofícios que indicam visões de mundo, crenças, afetos e referências estéticas singulares.

Além disso, o artesanato também pode ser compreendido por seu caráter de resistência, sendo um modo de produção mais humano que tem a capacidade de “conciliar a geração de renda e a preservação das identidades; valor agregado de marca e a exploração de potenciais criativos; o uso de materiais sustentáveis e a preservação e valorização de técnicas diferenciadas de produção” (SANTOS, 2007, p. 10).

A associação Mulheres da Vila representa bem esses aspectos do artesanato, apresentando várias das características descritas acima. As primeiras peças de roupas produzidas pela associação eram feitas a partir do reaproveitamento de retalhos de tecido doados a elas, com os quais uma associada, já falecida, confeccionava colchas, técnica desenvolvida por ela mesma, como descreve Cecília:

Aí ela levou uns pedacinho de pano. Uma muié que tem uma fábrica lá em cima, deu nós uns retaim de pano. Nós foi lá ir buscar. Foi até eu mais a Olga de carrinho. Aí Alexandra pegou esses retaim de pano e levou pra dona Bertha. E de lá ela fez uma colchinha... aqueles retaim de pano feio... (risos) É tanto que até hoje Simone tem essa saia! Aí... “É com isso mesmo que nós vão fazer...” Cê entendeu? E aí começaram, retaim de pano vai lá pra, retaim de pano vem pra cá, retaim de pano vai lá pra, retaim de pano vem pra cá... Depois nós começou a colocar umas... Simone fez uns cartãozim e nós resolveu sair no bairro colocando nas casa das pessoa. Entendeu? Aí as pessoas via, pegava e lia os cartãozim nosso... E aí começou a aparecer... um telefonava pra dar nós um pedaço de pano, outros tornava a telefonar pra dar nós pedaço de pano... E Eduardo trabaiano e correndo atrás dos retaim de pano... (Transcrição entrevista Cecília 14/09/18).

Embora atualmente também comprem tecidos para confeccionarem as peças de roupas, a técnica de confecção a partir de retalhos de tecido ainda é executada por uma parte das

associadas, sendo que algumas delas são familiares da associada pioneira nesta técnica e a aprenderam diretamente com ela. As colchas obtidas a partir dos retalhos se transformam em diversos tipos de peças de roupa, como saias, calças e coletes, ou em bolsas. Após esse processo, as peças, sejam elas compostas de retalhos ou não, são encaminhadas para as bordadeiras. Nos últimos anos, as doações de retalhos têm sido cada vez mais escassas, gerando a necessidade de comprarem os retalhos, o que apesar de encarecer a produção, continua sendo uma forma de aproveitamento de tecidos.

Eu fico triste que não tem muito retalho pra ter... pra ficar colorida. Não gosto de nada na mesmice...

Teve, teve [mais retalho antigamente]! Nó, várias cor, ficava muito colorida...

É, já... Agora diminuiu muito... (Transcrição entrevista Ângela 14/09/18).

Independente das técnicas envolvidas no processo de produção, as peças finalizadas são sempre exclusivas, já que as associadas têm a liberdade de realizarem desenhos próprios por meio do bordado. Em geral, as bordadeiras costumam dar preferência para desenhos de flores, espirais e formas geométricas, sempre utilizando uma grande diversidade de cores de linhas.

É, vestido, saia, blusa, calça, né? Então, assim, eu faço com o maior carinho. Eu gosto de tudo muito cheio, bem enfeitado... Agora, assim, tem vez até que eu faço pouco, mas faço mais bem feitinho, né? (Transcrição entrevista Joana 14/09/18).

O autorreconhecimento e valorização pelo trabalho artesanal realizado pelas associadas raramente é algo do que elas falem durante os encontros, nas rodas de conversa. Entretanto, percebemos que existe um considerável reconhecimento público por parte das pessoas que veem e conhecem os produtos, as quais expressam grande valorização e admiração pelo trabalho das associadas. Muitas foram as vezes que presenciei isto, seja nos *stands* de comercialização em eventos ocorridos em Belo Horizonte²⁴ onde me juntei a elas como parte do trabalho de campo, seja na própria sede da associação no dia da roda de conversa, onde elas já receberam clientes antigos e novos, assim como um representante da fábrica de linhas que elas utilizam.

²⁴ II Festival de Arte e Cultura da Reforma Agrária e FAN - Feira da Arte Negra, ambos ocorridos em outubro de 2017 e nos quais compareci brevemente; Feira Nacional de Artesanato, que aconteceu em dezembro de 2017 e que também estive por um período curto de tempo; IV Encontro Nacional de Agroecologia, em junho de 2018, onde participei auxiliando nas vendas e prestação de informações.



Figura 07: Stand da Associação Mulheres da Vila na 12ª Feira Internacional de Artesanato – Brasília, 2018

Autoria: Luciano Difanti

O reconhecimento público se manifestou até mesmo em ocasiões em que os produtos não estavam sendo expostos. Na ocasião em que algumas das associadas compareceram à Gabinetona para recebimento de um prêmio, fruto da chamada pública “Cê Fraga?”, fui convidada pela Simone a me juntar ao grupo, caso tivesse interesse em acompanhá-las. Tendo aceitado o convite, participei da conversa ocorrida entre uma funcionária da Gabinetona e as associadas, quando outra funcionária de lá nos interrompeu após ser informada por seus colegas da presença das associadas:

Uma advogada de lá foi até nós e disse admirar muito o trabalho desenvolvido pelas mulheres da associação Mulheres da Vila. Disse que há muitos anos o conhece. Também elogiou bastante. (Observação de campo 15/03/18).

É interessante notar que no dia a dia a maioria das associadas não faz uso das peças de roupas e acessórios resultantes de seu trabalho. Porém nesta mesma ocasião citada anteriormente, notei que elas as traziam consigo:

Todas estavam usando uma ou mais peças produzidas por elas (colares, arco, saia), uniformizadas de certa forma, as quais geralmente não usam no dia a dia. As peças poderiam ser vistas como sua identidade para olhares externos. (Observação de campo 15/03/18).

CIDADES ONDE A ASSOCIAÇÃO MULHERES DA VILA EXPÔS EM EVENTOS 2017 e 2018

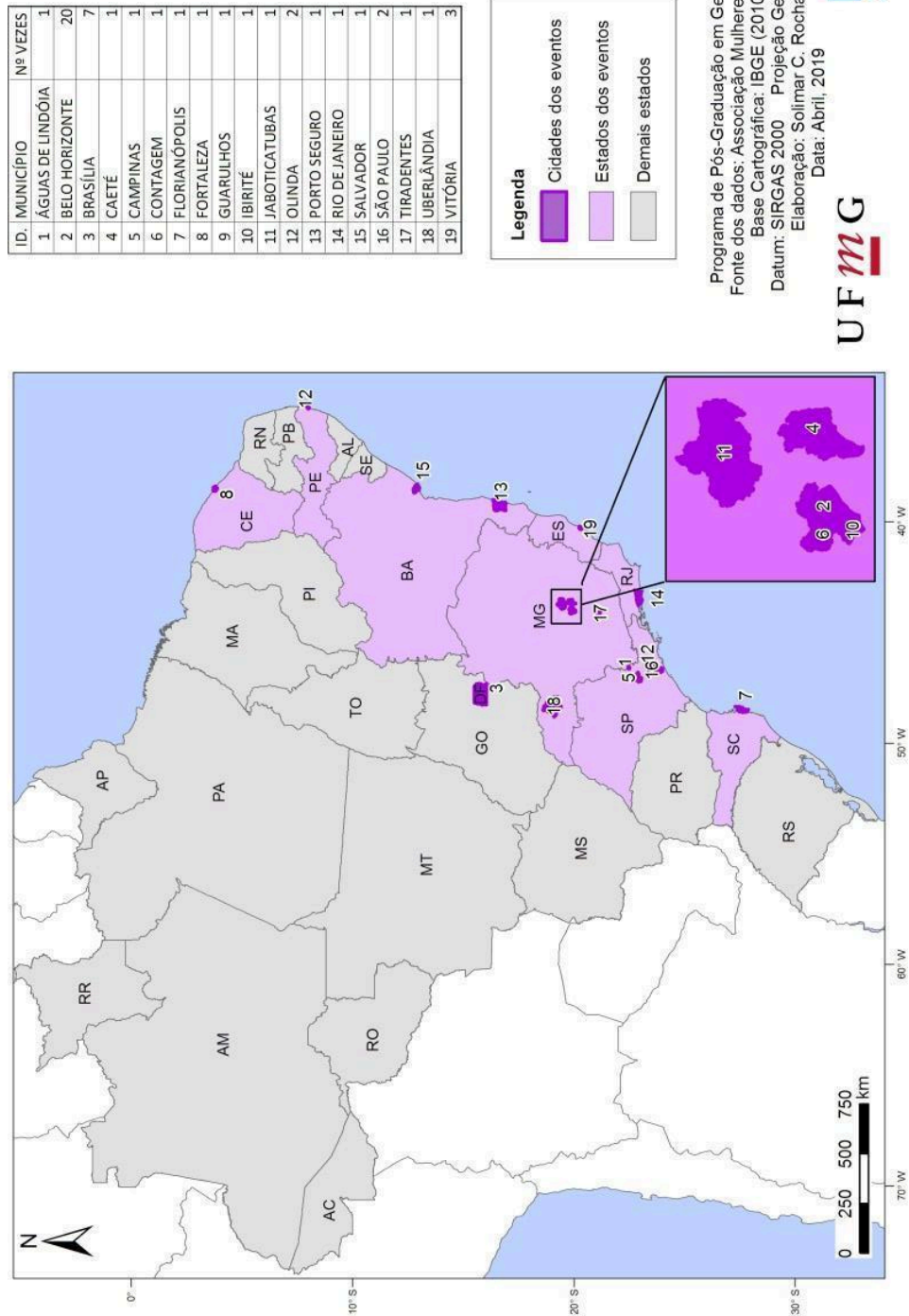


Figura 08: Mapa das cidades onde a Associação Mulheres da Vila expôs em eventos de janeiro de 2017 a julho de 2018

Fonte: Elaborado pela autora

5. EMPODERAMENTO, POLÍTICA E SOLIDARIEDADE

“Nós somos sete filhas de uma mulher guerreira que nos ensinou a ter fé, confiar em Deus para enfrentar todas as batalha da vida. A gente chora, reclama, balança mas não cai. Se caímos, levantamos mais forte para lutar novamente. Retroceder sim, render nunca.” (Transcrição entrevista Ângela 12/09/18)

“É, [a fala] foi pra nós todas, todas as mulheres no mundo, nós somos guerreira, nós somos guerreira, apesar de que somo discriminada... as mulher faz a mesma coisa que o homem e ganha menos que ele, tá errado! Mulheres muito mais capazes que o homem ganha bem menos... não pode, né? Ser humano é tudo igual, não importa a cor, a altura, não importa nada, é o coração e a cabeça que manda, a inteligência tá ali.” (Transcrição entrevista Ângela 12/09/18)

5.1 O Feminismo da segunda onda e a ascensão do neoliberalismo

O grande e conhecido lema das feministas da segunda onda, “o pessoal é político”, simboliza bem as pautas que elas levantavam, que iam desde uma escala micro a uma escala macro, abrangendo aspectos econômicos, políticos, sociais, reprodutivos e sexuais. Para Fraser (2009), unidas a outros movimentos emancipatórios, elas recusaram a relação exclusiva de injustiça com má distribuição entre classes e assim, romperam com o imaginário restritivo e economicista do capitalismo organizado pelo Estado. Segundo a autora, ao politizarem “o pessoal”,

elas expandiram o significado de justiça, reinterpretando como injustiças desigualdades sociais que tinham sido negligenciadas, toleradas ou racionalizadas desde tempos imemoráveis. Rejeitando tanto o foco exclusivo do Marxismo na economia política quanto o foco exclusivo do liberalismo na lei, elas desvendaram injustiças localizadas em outros lugares – na família e em tradições culturais, na sociedade civil e na vida cotidiana. (FRASER, 2009, p.18).

As feministas socialistas, negras e anti-imperialistas da segunda onda foram as primeiras a rejeitarem tanto a classe como o gênero, como categorias privilegiadas e exclusivas na opressão e dominação das mulheres, mostrando a importância da raça, sexualidade e nacionalidade, como eixos que também abrigam a injustiça (FRASER, 2009). Assim, elas são consideradas pela autora como precursoras de uma alternativa “interseccionista”, hoje aceita e difundida.

Trazendo à tona temas até então tidos como pertencentes ao espaço privado como sexualidade, serviço doméstico, reprodução e violência contra mulheres, as feministas da segunda onda não só expandiram o campo de ação da justiça, como também expandiram o próprio conceito de injustiça, de maneira que ele passasse a incluir as hierarquias de status e assimetrias do poder político e não somente as desigualdades econômicas (FRASER, 2009). Desta forma, para Fraser (2009, p. 18), “elas substituíram uma visão de justiça monista, economicista por uma compreensão tridimensional mais ampla, abrangendo economia, cultura e política”.

De acordo com Arruzza et al (2019), o radicalismo feminista que se originou nos anos 1970, durante a segunda onda do feminismo, questionou toda a base estrutural da ordem existente, pois surgiu num contexto social mais amplo de lutas anticoloniais contra a guerra, o racismo e o capitalismo, tendo assim participado do espírito revolucionário de tais lutas. Entretanto,

a ascensão do neoliberalismo transformou o contexto geral no qual as correntes radicais tiveram de operar, enfraquecendo todos os movimentos favoráveis à classe trabalhadora enquanto fortaleciam alternativas propícias às corporações – entre elas, o feminismo liberal (ARRUZA et al, 2019, p. 120).

No processo de cooptação do movimento feminista pelo capitalismo, grande parte da insubordinação característica deste período se transformou em institucionalização, pois concessões foram feitas para manter a sociedade de classes (licença maternidade, programas de transferência de renda, educação pública gratuita, entre outras). Entretanto, no capitalismo não existe mal menor para as mulheres, sempre somos duplamente atingidas pela crise, seja ela política, social, econômica, ambiental, imigratória, entre outros tipos. Beauvoir já advertia para este fato em 1949: “Nunca se esqueça que basta uma crise política, econômica ou religiosa para que os direitos das mulheres sejam questionados. Esses direitos não são permanentes. Você terá que manter-se vigilantes durante toda a sua vida” (BEAUVOIR, 1980, p. 29).

Arruzza et al (2019) aponta que as duas forças atuais que se apresentam como únicas opções políticas são:

por um lado, a variante “progressista” do neoliberalismo, que propaga uma versão elitista e corporativa de feminismo para lançar uma camada de verniz emancipatório para uma agenda predatória e oligárquica; por outro, uma variante reacionária do neoliberalismo, que segue agenda semelhante, plutocrática, por outros meios –

acionando tropas misóginas e racistas a fim de lustrar suas credenciais “populistas” (ARRUZA et al, 2019, p. 99).

Ainda que estas duas forças não sejam iguais, elas se opõem direta ou indiretamente a um feminismo de fato emancipatório e majoritário, na medida em que se promovem reciprocamente, já que “o neoliberalismo progressista criou as condições para a ascensão do populismo reacionário e hoje se coloca como uma alternativa confiável a ele” (ARRUZA et al, 2019, p. 100).

A partir do discurso da grande mídia, que resume o feminismo ao feminismo liberal, torna-se difícil a identificação das mulheres da classe trabalhadora com ele, pois apesar de condenar a “discriminação” e defender a “liberdade de escolha”, “o feminismo liberal se recusa firmemente a tratar das restrições socioeconômicas que tornam a liberdade e o empoderamento impossíveis para uma ampla maioria de mulheres”, conforme salienta Arruza et al (2019, p. 37). As autoras atentam para o fato de que este feminismo não pretende eliminar a hierarquia social, sua intenção é “diversificá-la”, “empoderando” mulheres “talentosas” a fim de alcancem o topo, seja em relação a cargos ou a salários.

Para Mézaros (2001), embora a posição das mulheres seja subordinada em todas as classes sociais e a demanda por igualdade deva atravessar todas as classes, apenas cargos de chefia não são capazes de gerar emancipação para todas as mulheres. Segundo o autor, para se alcançar tal emancipação, é preciso uma nova ordem sociometabólica, pois dentro da atual, de natureza capitalista e baseada na divisão hierárquica do trabalho, é estruturalmente impossível ter “oportunidades iguais” tanto para as mulheres, como para os trabalhadores – e para as mulheres trabalhadoras. Portanto, mais importante que debater a redistribuição dos recursos disponíveis na ordem sociometabólica do capital - já que estes nunca serão suficientes em razão de seus próprios limites estruturais -, é discutir qual tipo de igualdade é necessária para a emancipação de todos e de todas (MÉSZAROS, 2001). Para tanto, é necessário desconstruir a “mitologia da igualdade”, pois esta, ao fim e ao cabo, se traveste como ideologia da “igualdade de oportunidades”. Essa perspectiva não consegue, de fato, caminhar em direção à emancipação, na medida em que fortalece certas concepções sociais atreladas a noções de “competência/capacidade” – ora, se alguns, uns poucos na verdade, conseguiram “chegar lá”, os outros não conseguiram porque não quiseram, não se esforçaram o suficiente ou não foram suficientemente inteligentes para “aproveitar as oportunidades”. Desse modo, ao invés de compreender os variados mecanismos de exclusão e exploração que de fato, impedem a

maioria de alcançar a emancipação – inclusive política, porque alcançar emancipação econômica não significa imediatamente emancipação política -, reforça-se a crença da “competência/capacidade individual”.

Saffioti vai ao encontro desta ideia afirmando que

Seria ilusório [...] imaginar que a mera emancipação econômica da mulher fosse suficiente para libertá-la de todos os preconceitos que a discriminam socialmente. A realidade histórica de sociedades de economia coletiva tem mostrado que, embora a emancipação econômica da mulher seja condição sine qua non de sua total libertação, não constitui, em si mesma, esta libertação integral. (SAFFIOTI, 2013, p. 128).

Esta perspectiva, quando atrelada ao feminismo – sobretudo aquele de matiz neoliberal - demonstra sua vinculação com o elitismo e o individualismo, pois desconsidera categorias como classe e etnia. Ao não problematizar, por exemplo, a subcontratação - na maioria das vezes mal remunerada e precarizada, de mulheres pobres, periféricas, imigrantes e negras para desempenhar o trabalho doméstico e de cuidado -, mas enfatizar determinados aspectos menos estruturais, tais como a ascensão individual, não se apresenta como oposição ao status quo, mas como integração a este. Assim, quando se apresenta como movimento “independente”, sem diálogo com outras opressões estruturais, o feminismo liberal acaba por associar o feminismo como um todo as políticas que trazem prejuízos a maioria das mulheres, e o isolamento daquelas que lutam e que resistem a essas políticas (ARRUZA et al, 2019).

De acordo com Arruzza (2019), o individualismo característico do feminismo liberal também se manifesta no mundo das celebridades e nas redes sociais, onde a ascensão de mulheres enquanto indivíduos é interpretada como feminismo, tornando este um veículo de autopromoção e utilizando-o para promoção de uma minoria ao invés da libertação da maioria. O feminismo liberal oculta o fato de que não se alteram relações sociais de forma individualizada, somente na luta coletiva.

Outra faceta do feminismo liberal é o chamado “feminismo do microcrédito”, o qual afirma “empoderar” mulheres do “Sul global” emprestando-lhes pequenas quantias de dinheiro (ARRUZZA et al, 2019). Segundo Fraser (2009), os projetos de microcrédito realizaram uma síntese inovadora de auto-ajuda individual e formação de redes comunitárias, a supervisão por parte das ONGs e os mecanismos de mercado ao apresentar como contraproposta os valores feministas de empoderamento e participação desde baixo à burocracia indutora de passividade

do estatismo hierárquico, com objetivo de combate à pobreza das mulheres e a subordinação de gênero. Entretanto, a autora evidencia que, se por um lado há relatos de transformações na vida de mulheres contempladas pelos projetos, por outro há também um enorme registro de devoluções de empréstimo por parte das iniciativas contempladas.

Quando se analisa em uma escala maior, percebe-se que justamente nos Estados onde se desenvolveu o microcrédito, foram abandonados os esforços macroestruturais de combate à pobreza, os quais não podem ser substituídos pelos esforços de pequena escala dos empréstimos (NARAYAN, 2005; EISENSTEIN, 2005 apud FRASER, 2009). Assim, “a perspectiva que visava originalmente transformar o poder estatal em um veículo de empoderamento dos cidadãos e da justiça social é agora usada para legitimar a mercantilização e a redução de despesas do Estado” (FRASER, 2009, p. 27).

5.2 Empoderamento como instrumento de emancipação e autonomia das mulheres

Diante deste contexto de cooptação e apropriação do feminismo como movimento emancipatório, por um “feminismo de estampa”, tipicamente neoliberal, o conceito de empoderamento pode parecer, em um primeiro momento, fruto deste, e por isso, sem relação com transformações sociais e na vida das mulheres. Embora o conceito seja bastante utilizado pela grande mídia como sinônimo de “independência financeira, sucesso individual e autoestima”, na maioria das vezes com foco nas mulheres somente como indivíduos, este não é o único sentido atribuído ao empoderamento. Conforme apontado na introdução, este conceito surgiu nos anos de 1960 dentro do movimento negro estadunidense, tendo sido estudado e discutido por Paulo Freire nos anos de 1980, ou seja, sua origem se situa no interior das lutas antiopressão e no pensamento crítico.

As duas perspectivas do conceito de empoderamento demonstram seu caráter polissêmico. Por um lado, há um “empoderamento liberal”, que se origina no liberalismo, tendo como pauta liberdade individual, direitos individuais, igualdade de oportunidades para as mulheres (SARDENBERG, 2008). A autora atenta para o fato de que o liberalismo não deve ser relacionado apenas a estes aspectos, mas também com a economia neoclássica e sua aplicação neoliberal que gera ajustes estruturais, privatizações e “Estado mínimo” com significativas implicações sobre as mulheres, principalmente as mulheres da América Latina e de outros países do sul global.

Por outro lado, Sardenberg destaca o “empoderamento libertador”, o qual situa as relações de poder no centro de um “processo pelo qual as mulheres alcançam autonomia e autodeterminação, bem como um instrumento para a erradicação do patriarcado, um meio e um fim em si”, para “questionar, desestabilizar e, eventualmente, transformar a ordem de gênero da dominação patriarcal” (SARDENBERG, 2010, p. 235).

Sardenberg (2008) aponta que este conceito vem sendo imprecisamente empregado nos níveis individuais, organizacionais e sociais, dando pouca ou nenhuma atenção às relações de continuidade e de ruptura entre agência individual, ação coletiva e transformação estrutural, por vezes significando autocontrole e autoconstrução, e em outras, relacionado à influência social, poder político ou direitos sociais.

Para León (1997), sua utilização está permeada por ambiguidades, tradições e paradoxos. A autora aponta que o termo é usado por agentes sociais bastante diversos, tais como organizações internacionais, agentes do Estado, fundamentalistas, patrões e empresários, educadores de distintas tendências, grupos de desenvolvimento comunitário do Norte e do Sul, ativistas sociais, grupos alternativos e as mulheres em suas várias posições dentro do movimento (feminista) (LEÓN, 1997).

Segundo León (1997), o uso do conceito de empoderamento por parte do feminismo se articula à importância que os movimentos sociais e as ciências sociais deram à ideia de poder nas últimas décadas. Primeiro nos anos de 1960, o discurso radical do movimento por direitos civis voltado para a população negra dos Estados Unidos identificou a busca pelo “poder negro” como uma estratégia de reivindicação. Em seguida, a partir da década de 1970, o conceito é retomado e desenvolvido pelas ciências sociais críticas e pelo movimento de mulheres (LEÓN, 1997).

Dentro da retomada do conceito pelas ciências sociais, as ideias de Paulo Freire têm grande relevância. De acordo com León (1997), na conhecida obra *Pedagogia do Oprimido* (1986), os fundamentos teóricos de sua discussão sobre a possibilidade e a forma da transformação da consciência são importantes para entender a dinâmica do aprendizado transformador e libertador, e a partir de quais processos os oprimidos se libertam das estruturas que limitam sua participação social, intelectual e política.

Na associação Mulheres da Vila, esta participação é incentivada principalmente por Simone e por seu marido Eduardo, os quais possuem um histórico de mobilização política e social a

nível local junto com algumas outras mulheres que comparecem esporadicamente à associação:

Simone falou sobre a importância de sonhar coisas concretas, sobre não esperar Deus resolver os problemas, pois ele resolve através das pessoas, está nas pessoas. Também disse que não adianta ir à igreja, orar, pagar dízimo e não participar da comunidade, de um abaixo assinado, de uma assembleia, de uma reunião (Observação de campo 06/12/18).

Para Freire (1986), este processo de libertação começa a partir da forma de consciência não reflexiva, em que a pessoa é um objeto e não possui capacidade de seleção, e chega à consciência crítica, em que se torna uma pessoa-sujeito não mais assujeitada, mas que se encontra com a realidade e participa com capacidade de tomar decisões e transformar. Conforme aponta León (1997), Paulo Freire impulsionou o movimento de educação popular da América Latina tendo este movimento por patrimônio intelectual a teoria da ciência social crítica em seu sentido emancipador.

Para Schild (2016), este movimento iniciado por Paulo Freire baseado na alfabetização e autoemancipação teve um papel fundamental no trabalho de solidariedade desempenhado pelas feministas latino-americanas durante os anos de 1980 e 1990, assim como para a militância de esquerda e até mesmo para a teologia da libertação. No trabalho educativo, desenvolvido para mulheres em áreas rurais e urbanas pobres, foram articuladas as metodologias da educação popular com um currículo feminista básico, o qual abrangia sexualidade, lei, relações familiares e desenvolvimento pessoal (SCHILD, 2016).

Neste sentido, Schild (2016) sugere que a autonomia pessoal, tanto material quanto psicológica, tenha sido a ideia mais importante do feminismo latino-americano nos anos de 1970 e 1980. Seja nas oficinas com finalidade de estimular a consciência feminista e o autodesenvolvimento entre as mulheres pobres e trabalhadoras, quanto nas discussões durante encontros nacionais e regionais, a autonomia era uma noção essencial (SCHILD, 2016).

A ênfase na autonomia trazia o questionamento da limitação das formas de feminilidade concentradas na maternidade, as quais restringiam as mulheres a “seres para outros” e as aprisionavam a um papel de subordinação. A militância feminista, que havia surgido do ativismo feminista das mulheres da esquerda, chamava as mulheres a se liberarem de tais formas de feminilidade, a se tornarem “seres para si próprias” (SCHILD, 2016).

Contudo, como indica Schild (2016), esta crítica à maternidade não tinha uma aceitação generalizada entre os grupos de mulheres da época. As feministas jovens e com ensino superior concordavam com tal crítica, no sentido de um impedimento à autonomia das mulheres, porém os grupos ligados à Igreja Católica, que mobilizavam as mulheres como mães, se opunham a essa abordagem contrária à feminilidade tradicional. Do ponto de vista das mulheres negras e indígenas, marcadas tanto pelo racismo quanto pelo machismo e muitas vezes também pela pobreza, a maternidade era também um espaço importante para estabelecer demandas e reivindicações. Tal particularidade pode ser observada no posicionamento emitido em uma reunião de 500 mulheres de Chiapas diante da guerra e da violência estrutural e contrainsurgente que afetava àquelas mulheres: “Nós, as mulheres de Chiapas, não estamos mais dispostas a dar à luz para alimentar seus exércitos, nem para justificar violência e guerras. Nem vamos continuar a fornecer mão de obra barata para as empresas neoliberais” (OLIVERA, 2005, p. 106, tradução nossa).

Em uma das entrevistas realizadas com integrantes da associação Mulheres da Vila, Rosa conta sobre sua participação em grupos de mulheres mobilizados pela Igreja Católica no interior de Minas, quando perguntada a respeito do que mais a marcou durante sua vida:

Ah, talvez seja esse viver em comunidade mesmo, que é uma coisa que desde criança eu vivi em comunidade porque lá em Teófilo Otoni, por exemplo, a gente movimentava trabalhos que chamava “Clube de mãe”. Então, cada bairro praticamente tinha um clube de mães onde a gente fazia trocas de experiências de trabalhos. Uma ensinava a outra aquele ofício que sabia, tudo coisa assim espontânea. A gente não tinha participação política, não tinha nada disso, era... agrupava um certo número de mulheres e uma vez por semana... tava mais ligado à Igreja Católica... e uma vez por semana a gente reunia, fazia os trabalhos e uma vez por ano fazia uma feira onde cada uma vendia aqueles trabalhos que foram feitos ali. Depois começou a aparecer... foi o que perguntei... aparecer políticos em época de eleição e fazer várias propostas, oferecer vários benefícios, que aquilo nunca acontecia, né? Aí esse trabalho que era hoje semelhante ao que acontece na Maloca, só não tem esse avanço todo que a Maloca tem. A gente era mais resumido. Então eu vivi toda vida isso aí. Eu cheguei a ser presidente de associação porque toda vida eu tive muita facilidade de comunicar... (Transcrição entrevista Rosa 03/09/18).

Assim, percebemos a influência e extensão dessa perspectiva, apesar de não podermos verificar a possibilidade efetiva da emancipação, mas da possibilidade de se situar de algum

modo no mundo, mediado pelo trabalho, e, portanto, pela necessidade de “ganhar a vida”, se sustentar e também à família.

De acordo com León (1997), a característica mais marcante do conceito de empoderamento é conter a palavra poder. Portanto, seu uso chama atenção para as relações de poder ou para o poder como relação social. Segundo a autora, são várias as formas de se relacionar com o poder. Para Rowlands (1997), o poder condiciona a experiência das mulheres duplamente, pois é tanto fonte de opressão em seu abuso, como fonte de emancipação em seu uso. Assim, as relações de poder podem significar dominação, mas também desafio e resistência às fontes de poder existentes ou servir para obter controle sobre elas (LEÓN, 1997).

Esta dimensão do empoderamento como poder aparece na fala de Cecília durante sua entrevista:

Minha palavra aqui é uma palavra de rei. Se eu falar aqui, tá falado. Até o próprio Eduardo, se eu falar com ele, ele me respeita minha decisão, entendeu? Aqui dentro, o que eu falar aqui dentro, ninguém fala nada. Ninguém tem direito de falar comigo: “ah, cê falou isso” Não! Se gostou, gostou, senão fica quieto, se eu já falei que não (risos) (Transcrição entrevista Cecília 14/09/18).

Riger (1993) aponta que o individualismo é um valor característico da masculinidade hegemônica, o qual diminui a importância da cooperação e dos valores de comunidade, assim como outros vínculos mais relacionados à feminilidade. Para esta autora, ao considerar sujeitos independentes, autônomos, seguros de si mesmos e com um sentido de domínio e separação, o individualismo acaba por deixar de lado aspectos de influência social, de direitos legais e de poder político. Mais que isso, o individualismo desconhece as relações entre as estruturas de poder e as práticas da vida cotidiana de indivíduos e grupos, além de ignorar as estruturas sociais e desconectar as pessoas do contexto sócio-político. Desta forma, o alcance do empoderamento é reduzido a percepções individuais, desconhecendo tanto a situação do contexto histórico que cria a consciência de poder como dos processos que permeiam o sujeito (LEON, 1997).

A cooperação e os valores de comunidade estão muito presentes na fala de Rosa, quando perguntada sobre o que ela considerava mais importante em sua trajetória de vida:

Uai, pra mim a importância foi essa de sentir útil à sociedade, né? Primeiramente, útil pra mim mesmo - que eu acho que a pior coisa é você se olhar e sentir inútil, né? E às vezes eu até comento, que às vezes quando eu encontro com pessoas que já faz mais tempo que eu não encontrava, muitas vezes vem me agradecer de coisa... “que cê fez tal coisa pra mim”... nem passa por minha cabeça, né? Então a gente tinha aquela garra de abraçar a causa do outro como se fosse da gente e ia mesmo à luta. Eu fiz coisa²⁵ que... (risos), os menino fala assim que não sabe como é que eu fiquei viva, porque eu entrava assim, como diz os menino enfrentava qualquer parada pra poder... quando a gente tinha um objetivo no grupo, né? Então a gente ia mesmo à luta. E questão de escola... ah, de tudo... e trabalhava muito com assistência social mesmo. Então, um trabalho ativo. Aí pra mim a importância maior é essa de saber que meu livro da vida não tá com páginas brancas não... (Transcrição entrevista Rosa 03/09/18).

Vários depoimentos evidenciam a importância que a solidariedade e a cooperação, assim como o compartilhamento de experiências e o desabafo sobre situações cotidianas, têm para as integrantes da associação. Quando perguntada sobre o impacto de participar da associação em sua vida, Ângela responde que:

Ah, não... mudou muito, né? Mudou muito a minha vida... Igual eu moro sozinha, quando fala que é pra vir pra cá, eu venho correndo! Encontro as menina, conversa, né? Tem as, as... como é que fala... minhas companheiras, né? A gente conta os caso, fica alegre, passeia, vejo o que que as menina fizeram nas feira, conta as dificuldade, né? Tudo que acontece, né? É bom... participar, né? Tem as festa também que é bom, participa, conhecemo novas companheira... É bom! (Transcrição entrevista Ângela 12/09/18).

No trecho abaixo, Ângela conta que considera que participar da associação é o fato de maior importância em sua vida, tendo ampliado sua visão social de mundo:

Não... é... ter conhecido a Maloca melhorou muito a minha vida, né? Abriu mais horizonte pra mim, eu aprendi muita coisa, né? Me liberou mais, assim, cê tá na concha, cê sai fora dela, né? (Transcrição entrevista Ângela 12/09/18).

Ela também expressa valorizar muito o acolhimento sem discriminação que recebe das demais mulheres da associação:

²⁵ Aqui Rosa se refere a mobilizações que participou em sua cidade natal, no interior de Minas Gerais, antes de se mudar para a Região Metropolitana de Belo Horizonte.

Primeiro a discriminação, né? Que as menina não me discrimina, né? Elas sabe, às vez elas me pergunta alguma coisa, eu falo assim, assim... às vez eu olho assim pra pessoa, eu sinto, “ó, faz isso, pede a Deus isso e isso, que cê vai conseguir”. As pessoa consegue. Então eu tenho uma liberdade pra expressar, né? Pra conversar... eu sinto que eu não sou discriminada pelo que eu sou. Eu gosto das minha roupa, de andar assim mesmo²⁶, e elas não me discrimina (Transcrição entrevista Ângela 12/09/18).

O acolhimento e solidariedade das mulheres da associação umas para com as outras tem tamanha relevância para elas, que na condição de mulheres pobres, periféricas e trabalhadoras, já enfrentaram diversas adversidades pessoais e familiares, que Cecília considera que estes aspectos se sobrepõem, inclusive, aos rendimentos obtidos pelo trabalho desempenhado, o qual chamam de “partilha”:

Mas o mais melhor nessa vida é a convivência. A partilha não é tanto... O bom é a compartilha. Aí de mim se não fosse essas pessoa todas que Deus pôs no meu caminho... Entendeu? Eu tava ferrada! (tom de voz baixo) (Transcrição entrevista Cecília 14/09/18).

Conforme León (1997), se não há conexão com o contexto e relação com ações coletivas dentro de um processo político, a sensação de empoderamento pode ser apenas uma ilusão. Neste sentido, Riger (1993) indica que ainda que seja fundamental reconhecer as percepções individuais, não se deve reduzir o empoderamento apenas à psicologia cognitiva, ignorando o sentido histórico e político.

Um exemplo disto, em relação às ações coletivas, foi descrito por Virgínia durante sua entrevista. Quando perguntada se já havia participado de algum grupo ou associação antes de ingressar para a associação Mulheres da Vila, ela relatou um episódio de mobilização comunitária em que ela participou na infância em relação à situação de um beco que cruza o bairro onde morava (Vila Apolônia), que se encontrava a céu aberto, gerando transbordamento durante os períodos chuvosos que atingia as casas próximas, além de proliferação de doenças:

... ali foi quando a gente era pequeno. A gente juntou Simone... por isso que eu te falei com cê que eu conheço Simone desde pequeninha... e, assim, o pessoal da população do bairro teve que se reunir. Mas nem todos quis, nem todos acreditava que a Vila Apolônia ia ter hoje rua igual tem.

²⁶ Ângela é uma mulher cigana.

Nós levava... É, pro Ministério. Então pegava aquele monte de super litro de água do córrego, levava tudo pra lá, porque aí eles ia ver a nossa situação. E aí se você vai batendo na mesma tecla e batendo na mesma tecla, com um ano nós conseguiu aquilo que tá lá. Mas, assim, nós, como era pequeno, primeiro era pra sair, pra passear, sabe? Pra ver coisa diferente... pra ver os grande brigando. Que aquilo era briga de gente grande! Nós era pequeno, nós só queria divertir!

... naquela época, queria que passasse a rua, né? E aí, única estratégia que a gente conseguiu foi essa, de bater lá na porta deles sempre, aquele monte de litro de água podre, pra eles olhar o lado da gente... Demorou um tempo... Fizeram um abaixo-assinado... Quase... nem todo mundo da vila acreditava... não quis assinar, foram poucas pessoas que... Quando conseguimos encher o papel... Nós era pequeno, nós saia batendo de porta à porta... Aí nós levou pra lá, aí que assim depois de muita luta, conseguiu. Mas foi assim que a gente fez... (Transcrição entrevista Virgínia 14/09).

A mobilização comunitária como estratégia política, por meio da insistência da população do bairro para com o Poder Público, possibilitou que a demanda levantada fosse incluída no Orçamento Participativo de Venda Nova em 1994 e de 1995, tendo sido realizada a construção de galeria no Beco do Funil entre 1994 e 1996 e a drenagem e pavimentação do Beco Funil entre 1996 a 2000, respectivamente (PBH, 2018). Este episódio ilustra uma relação com a luta por direitos em uma perspectiva mais ampla, ou seja, “a luta por reprodução social não é só luta por salário, é luta por vidas dignas significativas” (ARRUZZA, 2019, p. 110).

Esta perspectiva política e social mais ampla que extrapola o espaço da associação é revelada, principalmente, nas falas das mulheres que têm a função de facilitadoras, as quais além de comparecer diariamente à associação, em geral, são as que viajam para outras cidades para expor as peças produzidas pelas associadas em eventos de cunho social, político e educacional²⁷. Na maioria das vezes, são elas que têm contato, ainda que superficial, com assuntos e discussões relacionadas a estes eventos:

A Nísia comentou comigo que seu filho está preocupado e contrariado por ela estar frequentando espaços ligados ao MST, à reforma agrária, ao movimento dos sem-teto e a ocupações urbanas. Segundo ela, ele a indagou: “Foi isso que você me ensinou, mãe? Você acha isso certo?”. Ela disse ter muita vontade de ocupar um terreno, mas não tem coragem de fazê-lo. (Observação de campo 22/08/18).

²⁷ O grupo se refere a estes eventos, sejam eles fóruns, encontros, congressos, entre outros, como feiras.

No caso de Rosa, a oportunidade de viajar para estes eventos, nos primeiros anos em que participou da associação²⁸, permitiu que ela conhecesse novos lugares, em especial a praia, como também continuasse exercendo atividades similares às que realizava em sua cidade natal:

Ia [para as feiras]. Eu viajei em algumas. Santos mesmo eu fui algumas vezes. Foi onde eu fui conhecer o mar, que eu não conhecia, fui pra praia algumas vezes também. Então daí eu comecei a pegar parte daquele ritmo de vida que eu tinha antes e isso me ajudou muito porque eu acabei não desgarrando das minhas raízes assim... (Transcrição entrevista Rosa 03/09/18).

Como aponta Young (1997), o empoderamento inclui tanto a mudança individual como a ação coletiva, pois para entender o funcionamento do poder, a relação entre o sujeito, sua prática social e a construção do social são componentes fundamentais. Para León (1997), o empoderamento como autoconfiança e autoestima deve se integrar em um sentido de processo com a comunidade, a cooperação e a solidariedade. Levando-se em consideração o processo histórico que cria a carência de poder, torna-se evidente a necessidade de modificar as estruturas sociais atuais. Segundo Riger (1993), ao tratar como opostos, o âmbito individual e o comunitário, podemos correr o risco de inverter o slogan “o pessoal é político” para “o político é pessoal”.

A dimensão da comunidade, com seus aspectos positivos e negativos a partir da convivência, aparecem na fala de Ângela:

Se eu pudesse eu vinha todo dia. Ah, porque as menina, né? Junta cada um... é... vou te dizer... Igual, o ser humano precisa mais de um abraço do que de um prato de comida. Tá faltando muito amor, né? Muita união... aqui a gente sente isso, a presença, assim, dum amor, duma compreensão, da união, assim, né? Um das outras... às vez tem rebarbinha, mas passa... ninguém vive, um não vive sem a outra, sem as outras... (Transcrição entrevista Ângela 12/09/18).

O espaço da associação é para a maioria das mulheres o único espaço que frequentam que não tem relação com serviços ligados à reprodução social, como postos de saúde e supermercados, ou fins religiosos. De acordo com Ornat (2005), de maneira geral, as mulheres de baixa renda, têm uma vivência reduzida do espaço total da cidade e realizam deslocamentos mais curtos e com menor frequência do que os homens residentes nos mesmos locais que elas.

²⁸ Ela deixou de participar com maior frequência e em mais atividades da associação há alguns anos quando enfrentou uma doença grave, que a debilitou fisicamente.

Diante disso, elas demonstram grande apreço pelos momentos que se reúnem na sede da associação para realização das rodas de conversa. No depoimento de Joana, ela conta que conheceu a associação por meio de sua irmã e permaneceu principalmente por causa da convivência com as demais mulheres:

Ah, eu gostei... porque assim o dia que não tem roda eu fico muito sentida, porque assim aqui tem as companheira, né? Pra gente bater papo, pra rir, né? Então, assim, eu sinto falta, né? Porque eu não saio de casa. Então o único lugar que eu venho mais é só aqui. Então, assim, aqui é o meu refúgio, né? (risos) Muito bom... eu gosto muito daqui! (Transcrição entrevista Joana 12/09/18).

Assim como Joana, Ângela também compara o espaço da associação à sua própria casa:

O Eduardo, a Simone passa pra gente, assim, uma energia muito boa, muito positiva, compreende muito a gente, ajuda, puxa a orelha se precisar... E... então, junta todo mundo, cada um com um problema, uma coisa... uma ajuda a outra, né? Uma ajuda a outra... E... o tratamento, né? Aqui eu sinto que eu tô na minha casa. Às vez eu sou mais bem tratada aqui do que na minha casa. Lá com meus irmão lá que... né? Aqui não, aqui eu tô tranquila. Passei uma época aqui doente e... nossa! Queria era voltar, não doente, mas pra ficar morando (Transcrição entrevista Ângela 12/09/18).

Ah, mudou muita coisa, mudou muita coisa... Porque, assim, pelo menos aqui eu tenho atenção das pessoas, tem alguém que eu possa conversar, tem alguém que eu possa desabafar, né? Então, assim, eu sinto assim como se eu tivesse na minha casa, entre aspas, sabe? Porque assim a casa da gente é uma coisa, né? Mas assim eu me sinto aqui como se tivesse na minha casa. Sinto acolhida. (Transcrição entrevista Joana 12/09/18)

Se por um lado a convivência entre as mulheres na associação remete ao acolhimento e aconchego do lar, por outro, este espaço também permite que elas vivenciem direta ou indiretamente processos relacionados à política. No depoimento de Virgínia, quando indagada se ela achava que participar da associação a havia ajudado a conhecer melhor a política, de maneira geral, ela afirma que:

Mudou muito a cabeça pro lado disso. Era muito fechada nesses ponto. Quer dizer, quando você não cresce com esses ensinamento, você não sabe o que tem pra frente. Mas aí quando cê cresce e vê outras coisa, vê outros modo, aí cê vê que tudo é política hoje, tudo se baseia na política. É... é pra mulher, é pra qualquer coisa. E aí hoje minha cabeça é bem mais aberta pra isso, pra várias coisa. (Transcrição entrevista Virgínia 14/09/18).

A partir desta fala, percebemos que as vivências que ela teve, possibilitadas pela participação na associação, geraram uma ressignificação do conceito de política para ela. Ela complementa esta fala exemplificando aspectos que mudaram em sua visão de mundo:

Ah, menina... antigamente... antes eles falava assim: “tem dois homem beijando ali”. Eu falava: “Credo! Deus do céu que vergonha!” Hoje em dia, eu falo assim: “Ah, é normal, se eles quer, é problema deles”, né? Então, pr’ocê ver que vai mudando a sua cabeça em algumas coisa... “Ah, tem duas menina ficando ali.” “Problema é das duas, deixa as duas quietinha. Isso significa que elas tão fazendo uma à outra feliz.” Mas se fosse antigamente: “Toma vergonha na sua cara, sô! Vai caçar um... um homem pr’ocê! Para com isso! Sem vergonha! Isso é sem vergonhice!” Não, aí, com tudo, sua cabeça vai mudando, vai passando o tempo cê vai mudando sua cabeça... **Consciente da política...** Cê vê hoje são situações diferente com pessoa diferente, ideias diferente... Aí você começa a estudar sobre a política daquilo, aí sua cabeça muda, de várias coisa... (Transcrição entrevista Virgínia 14/09/18, sublinhado nosso).

Apesar desta mudança em sua visão de mundo em relação à política, de se tornar “consciente da política” em suas palavras, ela não participa e nem demonstra interesse em participar de nenhum outro grupo:

Não, Sol. Meu grupo é só aqui mesmo. E, assim, outro grupo que eu vou é só, assim, na reunião lá²⁹, que é um compromisso meu. Mas não tenho tempo também, nem se eu quisesse, né? Escola... eu mal... tenho que faltar pra ir na reunião deles, porque reunião eu não posso faltar de jeito nenhum. Bairro não tem nem como também porque eu nem sei quem é... Neves, né? Já viu... A precariedade daquele povo... E também não teria tempo, mesmo que eu quisesse alguma coisa, eu não teria tempo... (Transcrição entrevista Virgínia 14/09/18).

Tanto Joana quanto Ângela também afirmam não participar de nenhum outro grupo, embora ambas expressem vontade de o fazerem, caso tivessem oportunidade:

Não, porque, assim, eu já tive vontade, mas não tive a oportunidade, né? Então assim, já que eu não tenho a oportunidade, fica como está, né? Porque eu queria era, assim, ajudar, ser mais útil. Aí eu não me senti útil. Aí, assim, eu frequento só uma vez por semana³⁰. Gosto, adoro, muito bom, mas, assim, não participo de nada (Transcrição entrevista Joana 12/09/18).

²⁹ Como facilitadora, uma de suas funções na associação era participar das reuniões da Rede de confecção do Centro Público de Economia Popular Solidária da Prefeitura de Belo Horizonte.

³⁰ Ela se refere ao centro espírita que frequenta.

Não, ainda não consegui não, ainda não fui não, mas eu tenho vontade de conhecer outros grupo, de aprender mais coisa, de passar alguma coisa que eu sei pra eles, de mostrar pras pessoa que às vez acha que acabou tudo, tá com depressão, que acabou a vida, “ai, tô isso, tô aquilo”... Ensinar alguma coisa, de mostrar que mesmo com as minha dificuldades eu consigo fazer as coisa, eu sou alguém! (Transcrição entrevista Ângela 14/09/18).

No caso de Cecília, ainda que negue ter interesse em participar de outro grupo que não a associação Mulheres da Vila, em seu relato ela conta que também participou da mobilização popular para drenagem e pavimentação do beco do Funil no bairro Vila Apolônia, onde reside até hoje:

Não, não... Nunca passei por minha cabeça. Desde o princípio até o fim, eu nunca passei por minha cabeça. Nós já lutou muito quando nós queria aquela rua nossa pronta lá... não foi um dia, nem foi dois não, foi mais de anos, entendeu? (Transcrição entrevista Cecília 14/09/18).

Quando perguntada se ela ainda contribui de alguma forma para com o bairro e seus moradores, ela a princípio nega novamente, mas em seguida relata auxiliar aos moradores em caso de doença ou morte quando solicitada sua ajuda:

Eu nunca me interessei por isso [por associação de bairro], cê entendeu? Gostava muito dele [do presidente da associação do bairro dela, que faleceu], ele ia lá na minha casa... uma pessoa morria, nós dois tava junto... se duecesse nós dois tava junto... o que ele precisava de alguma coisa, ele telefonava “Cecília, eu tô com isso e isso aí ó... como é que nós vão fazer?” Quando as pessoas morria, ele me procurava pra ver que que nós ia fazer... essas pessoas que não tinha documento, que morria e ficava lá, que não tinha parente... entendeu? Aí ele falava comigo: “que que nós vão fazer pra nós correr atrás disso?” Nós fazia assim... (Transcrição entrevista Cecília 14/09/18).

Apesar da associação Mulheres da Vila ter uma dimensão política desde seu surgimento, inclusive havendo várias ocasiões em que as rodas de conversa abordaram temas relacionados a isto, a maioria das integrantes não enxerga esta dimensão de maneira clara e possui uma perspectiva negativa da política. Isto fica evidente na resposta de Joana se ela achava que o ingresso na associação a ajudou a entender mais e melhor sobre política:

Não, em matéria disso não... porque assim eu faço aquela parte, o seguinte: política e religião a gente não discute. Então, assim, sobre política pra mim nem subiu nem desceu, porque assim não mudou nada, porque assim... eu não discuto... é um

assunto que eu não discuto é religião e política, porque senão... que cada um vai pra um lado, né? Então, assim, eu não discuto esse assunto. (Transcrição entrevista Joana 12/09/18).

Uma associação frequente que elas fazem da política é com a política partidária. Nesse sentido, Virgínia respondeu à mesma pergunta da seguinte maneira:

Não, sempre corri desses trem. (Transcrição entrevista Virgínia 14/09/18).

Além disso, também relacionam a política ao ato de votar, como o único momento em que, de certa forma, participam dela. Na fala da Cecília sobre o assunto esta relação fica perceptível:

Eu... vou falar com cê uma coisa, eu num sou ligada à política, nunca gostei de política, entendeu? Eu voto porque eu sou obrigada a votar, mas eu não... (Transcrição entrevista Cecília 14/09/18).

No que concerne a esta dimensão política da associação, numa perspectiva mais abrangente, o dia do recebimento da premiação da chamada pública *Cê Fraga* (citada na página 59) foi marcante para a pesquisa de campo e para compreensão das contradições que permeiam as integrantes da associação em relação ao empoderamento e à política. No dia anterior ao dia agendado para o comparecimento de representantes da associação à Gabinetona, a vereadora do Rio de Janeiro pelo Psol Marielle Franco e seu motorista Anderson Pedro Gomes foram assassinados a tiros. A morte da vereadora gerou grande indignação entre parte da população brasileira, já que, como militante pelos Direitos Humanos, ela vinha denunciando sistematicamente os abusos de autoridade cometidos por policiais contra moradores de comunidades cariocas e as circunstâncias de sua morte são investigadas como relacionadas à execução e crime premeditado. Devido a isto, no dia 15 de março de 2018, foram organizadas manifestações em sua homenagem em diversas cidades do Brasil, incluindo Belo Horizonte. Alexandra, que havia indicado a associação para concorrer à premiação e havia comparecido à Gabinetona junto com Nísia, Cecília e Clara, convidou a elas e a mim para a acompanharmos à manifestação que ocorreu na Praça da Estação, após o recebimento da premiação.

Cecília e Clara³¹ comentaram que ficariam um pouco na manifestação, pois embora ainda tivessem que passar pano na cozinha da sede, quando chegassem já estaria na hora de irem para casa. Depois Cecília se lembrou que um amigo italiano da Simone e do Eduardo se hospedaria na Maloca esta noite e que precisavam arrumar o

³¹ Nísia recusou o convite, pois tinha a incumbência de cuidar de sua mãe idosa, que se encontra doente e acamada, durante a noite.

“quartinho” para ele. Cecília ficou bem preocupada com isso... (Observação de campo 15/03/18).

Percebi que a Cecília e a Clara estavam visivelmente cansadas e desconfortáveis ali. Embora sejam conhecidas por meio de seu trabalho entre os movimentos sociais de esquerda, como pude observar, elas não têm um engajamento político e social que geralmente as pessoas desses movimentos têm. Sua relação se dá principalmente através do trabalho. É como se houvesse ainda um abismo entre elas, mulheres negras e pardas pobres de meia idade com nenhuma ou pouca escolaridade, e as mulheres jovens brancas e negras com formação acadêmica e política. O trabalho delas é a ponte que as conecta. Suas preocupações dizem respeito a seus afazeres domésticos, familiares e de trabalho (cuidar da mãe à noite, arrumar o quarto para o hóspede) (Observação de campo 15/03/18).

Não foi possível separar a pesquisadora da manifestante. Foi uma experiência muito intensa e interessante em que tudo se misturou e os acontecimentos se impuseram sobre o planejamento para aquele dia de campo. Ficou uma sensação estranha, agridoce. A satisfação por elas terem recebido o prêmio foi brutalmente engolida pela indignação e perplexidade diante da execução da vereadora Marielle Franco (Observação de campo 15/03/18).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para a mulher, ter um emprego significa, embora isso nem sempre se eleve em nível de consciência, muito mais do que perceber um salário. Ter um emprego significa participar da vida comum, ser capaz de construí-la, sair da natureza para fazer a cultura, sentir-se menos insegura na vida (SAFFIOTI, 2013, p. 96).

Os resultados alcançados pela pesquisa empreendida até aqui mostram que a relação entre o trabalho desempenhado pelas mulheres da associação Mulheres da Vila e o processo de empoderamento e engajamento comunitário-político é marcado por avanços, contradições e limites e não é homogênea entre todas as mulheres da associação.

Na conjuntura atual de desemprego e de precarização do trabalho, as mulheres pobres, periféricas, racializadas, com baixa ou nenhuma escolaridade e, em sua maioria, acima dos 40 anos de idade são o principal grupo a ser excluído e desprezado pelo mercado de trabalho formal, com exceção de trabalhos que, de uma maneira ou de outra, terceirizam a reprodução social, e que são mal remunerados na maioria das vezes. Diante disso, é inegável que a geração de renda, ainda que baixa, possibilitada pela produção e venda das peças e produtos elaborados pelas associadas, atenua a situação de pobreza monetária e escassez de bens materiais básicos vivenciada por estas mulheres. Nesse sentido, o principal benefício observado é uma inserção precária ao trabalho remunerado e conseqüentemente na sociedade de consumo.

Por outro lado, no âmbito pessoal, a associação mostra-se como um espaço aberto, acolhedor e seguro para relatos e desabafos de situações vividas como mulheres pobres e periféricas, sendo muitas vezes o único espaço existente na vida destas mulheres para tal finalidade. A observação participante evidenciou que, além de permitir a geração de renda para as mulheres que dela participam, a associação Mulheres da Vila favoreceu também o fortalecimento da autoestima e união entre as mulheres, já que conhecimentos, técnicas e habilidades de bordado foram transmitidos e trocados entre parentes, amigas e vizinhas, conectando mulheres que antes realizavam esse trabalho sozinhas.

Entretanto, esta troca de experiências, propiciada pela convivência principalmente nas rodas de conversa, não foi capaz de estimular ou fortalecer laços e perspectivas de união em torno de questões sociais mais amplas de maneira contundente. O desenvolvimento de uma consciência política, ou de uma ampliação da visão social de mundo, foi observado nas falas e

depoimentos de poucas mulheres, as quais já possuíam uma trajetória de algum tipo de mobilização social ou política anterior ao ingresso na associação ou que participaram de eventos sociais, políticos ou educacionais como expositoras ou que eram representantes da associação em reuniões promovidas pelo Centro Público de Economia Solidária de Belo Horizonte, assim como outras iniciativas ligadas à Economia Solidária.

No que diz respeito à metodologia de caráter etnográfico empregada no campo, percebemos que a concepção de mundo das mulheres sujeitos desta pesquisa se revelou, em grande parte, nas trocas e confrontos a partir dos questionamentos e da curiosidade das interlocutoras a respeito de aspectos da vida da pesquisadora.

As rodas de conversa das quais tive a honra de participar se revelaram um espaço de grande relevância para o compartilhamento, discussão e construção de saberes e práticas diversas, onde sempre prevaleceu a solidariedade e a cooperação entre as mulheres participantes. Isto posto, esta prevalência indica uma perspectiva de empoderamento coletivo em curso no sentido de resistência e possibilidade de emancipação.

Apesar de reconhecer os limites desta perspectiva dentro das estruturas do sistema capitalista, fica o questionamento se o impulso do neoliberalismo em cooptar movimentos sociais como o feminismo, incentivando o empoderamento (mesmo que liberal) não pode acabar por sair do controle. Assim sendo, “empoderar” metade da população mundial historicamente tratada em segundo plano, como sujeito subordinado, poderia vir a ter consequências inesperadas por parte da classe dominante e do Estado capitalista, se voltando contra eles próprios por meio das mulheres trabalhadoras?

Por último observamos, ao longo da execução desta pesquisa e principalmente no ano presente de 2019, que a relação entre a sociedade e a associação é dinâmica, uma vez que as condições gerais do Brasil na atualidade vêm gerando instabilidade que ameaça a manutenção financeira do grupo e a própria existência dele. O desligamento de várias integrantes nos últimos meses, assim como a escassez cada vez maior de eventos sociais, culturais e educacionais de grande porte (assim como a diminuição no número de participantes em relação a anos anteriores, nos quais são realizadas a maior parte das vendas consumadas pela associação), são exemplos deste quadro.

REFERÊNCIAS

- ADAMS, Carol. **A política sexual da carne: a relação entre carnivorismo e a dominância masculina**. São Paulo: Alaúde, 2012.
- ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho: Ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 1999.
- ARRUZZA, Cinzia. **Considerações sobre gênero: reabrindo o debate sobre patriarcado e/ou capitalismo**. Revista Outubro, n. 23, 1/2015.
- ARRUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. **Feminismo para os 99%: um manifesto**. São Paulo: Boitempo, 2019.
- BADINTER, Elizabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo. Vol. 1: Fatos e Mitos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BNDES. **Prêmio BNDES de Boas Práticas em Economia Solidária contempla quatro iniciativas de Minas Gerais**. Disponível em <http://bndes.gov.br/wps/portal/site/ho e/impressa/noticias/conteúdo/20150715_MG>. Acesso em 21 de mar 2018.
- BRUSCHINI, Cristina. **Gênero e trabalho no Brasil: novas conquistas ou persistência da discriminação? (Brasil, 1985/95)**. In: ROCHA, Maria Isabel Baltar (Org.). Trabalho e gênero: mudanças, permanências e desafios. São Paulo: NEPO/UNICAMP, 2000, p.13-58.
- CANÇADO, Adriana. **Paixão e honra: criminalidade passional em Ponta Grossa na década de 30**. In: DITZEL, Carmencita H.M.; SAHR, Cicilian L. (Org.). Espaço e Cultura e os Campos Gerais. Ponta Grossa: Ed. UEPG. 2001.
- CHAUÍ, Marilena. **Cultura e democracia: mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.
- CISNE, Mirla. **Feminismo e marxismo: apontamentos teórico-políticos para o enfrentamento das desigualdades sociais**. Serv. Soc. Soc., São Paulo, n. 132, p. 211-230, maio/ago. 2018.
- _____. **Gênero, divisão sexual do trabalho e serviço social**. São Paulo: Outras expressões, 2015.
- CONSELHO ESTADUAL DA ECONOMIA SOLIDÁRIA – Ceeps/MG. **PLANO ESTADUAL DE DESENVOLVIMENTO DA ECONOMIA POPULAR SOLIDÁRIA**. Disponível em: <http://www.rededegestoresecosol.org.br/wp-content/uploads/2016/03/Plano-ECOSOL-5-finalizado.pdf>. Acesso em: 06 set. 2017.
- CUNHA, L. A. **O projeto reacionário na educação**. 2016. Disponível em: http://www.luizantoniocunha.pro.br/uploads/independente/ProjReacEd_livro.pdf. Acesso em: 30 de mar 2019.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DELPHY, Christine. **Rethinking Sex and Gender. Women's Studies International Forum**. v. 16 p. 1–9, 1993.

DIEESE. **Anuário das Mulheres Brasileiras (AMB)**. São Paulo/ Brasília: Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE) e Secretaria de Políticas para as Mulheres (SPM), 2011. Disponível em http://www.spm.gov.br/sobre/publicacoes/publicacoes/2011/anuario_das_mulheres_2011.pdf. Acesso em: 20 nov. 2017.

DIJK, Teun Adrianus van. **Cognição, discurso e interação**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2002.

_____. **Ideology: a multidisciplinary approach**. London: Sage. 1998.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família e da propriedade privada e do estado**. São Paulo: Global, 1984.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FEDERICI, Silvia. **Wages Against Housework**. New York, Power of Women Collective and Falling Wall Press, 1975. Disponível em: <https://caringlabor.files.wordpress.com/2010/11/federici-wages-against-housework.pdf>. Acesso em: 08 fev 2019.

_____. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Elefante, 2017.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 3 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública – 2017**. Disponível em: https://assets-dossies-ipg-v2.nyc3.digitaloceanspaces.com/sites/3/2018/03/FBSP_ANUARIO_11_2017.pdf. Acesso em: 02 nov 2018.

FRASER, Nancy. **O feminismo, o capitalismo e a astúcia da história**. Mediações, Londrina, v. 14, n.2, p. 11-33, Jul/Dez. 2009.

_____. **Esquerda Diário. Nancy Fraser: um feminismo para abolir as hierarquias**. 2017. Disponível em <http://www.esquerdadiario.com.br/Nancy-Fraser-um-feminismo-para-abolir-as-hierarquias>. Acesso em: 10 jan. 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia – o cotidiano do professor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FÓRUM BRASILEIRO DE ECONOMIA SOLIDÁRIA. **Carta de princípios**. Disponível em: http://www.fbes.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=63&Itemid=60. Acesso em: 05 Set. 2017.

GOOGLE. **Dossiê BrandLab - A busca por diversidade no Brasil**. Out. 2017. Disponível em:

<https://www.thinkwithgoogle.com/intl/pt-br/tendencias-de-consumo/dossie-brandlab-diversidade/>. Acesso em: 15 jan. 2018.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. **Novas configurações da divisão sexual do trabalho**. In: Cadernos de Pesquisa, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007.

IBGE. **Diferença cai em sete anos, mas mulheres ainda ganham 20,5% menos que homens**. Disponível em:

<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/23924-diferenca-cai-em-sete-anos-mas-mulheres-ainda-ganham-20-5-menos-que-homens>. Acesso em: 10 mar 2019.

_____. **Censo Demográfico 2010 – Resultados do Universo – Agregados por Setores Censitários**. Disponível em:

<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9662-censo-demografico-2010.html?edicao=10410&t=downloads>. Acesso em: 24 jun 2018.

IPEA. **Os novos dados do mapeamento de Economia Solidária no Brasil: Nota metodológica e análise das dimensões socioestruturais dos empreendimentos: Relatório de Pesquisa**. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), 2016.

_____. **Violência contra a mulher: feminicídios no Brasil**. Disponível em:

https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/130925_sum_estudo_femicidio_leilagrancia.pdf. Acesso em 07 dez 2017.

JESUS, Carolina Maria. MEIHY, José Carlos Sebe Bom (org.). **Antologia Pessoal**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

KENDALL, Shari & TANNEN, Deborah. **Discourse and Gender**. IN: TANNEN, Deborah; HAMILTON, Heidi E.; SCHIFFRIN, Deborah. *The Handbook of Discourse Analysis*. Oxford; Malden, MA: Blackwell, 2001.

KERGOAT, Danièle. **Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo**. In: EMÍLIO, Marli; et al (orgs.). *Trabalho e cidadania ativa para as mulheres: desafios para as políticas públicas*. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, 2003. p.55-63.

_____. **Da divisão do trabalho entre os sexos**. In: HIRATA, Helena (org.). *Divisão capitalista do trabalho*. Tempo Social; Revista de Sociologia. São Paulo: USP, 1989.

HANSON, Susan. **Geography and feminism: worlds in collision?** *Annals of the Association of the American Geographers*. Vol. 82. 1992.

HARDING, Sandra. **Ciência y feminismo**. Madrid: Ediciones Morata, 1996.

JACKSON, Stevi. **Why a materialist feminism is (still) possible—and necessary**. *Women's Studies International Forum*, vol. 24, n. 3/4, p. 283–293, 2001.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **“Ideologia de gênero”: a gênese de uma categoria política reacionária – ou: A promoção dos direitos humanos se tornou uma “ameaça à família natural”?** In: RIBEIRO, Paula Regina Costa; MAGALHÃES, Joanalira Corpes (org.). *Debates contemporâneos sobre educação para a sexualidade*. Rio Grande: Ed. da FURG,

2017. Disponível em:
http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/livro_debates_contemporaneos_educacao_sexualidade.pdf. Acesso em: 17 nov 2018.
- KOSIK, Karel. **A dialética do Concreto**. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- LEON, Magdalena (org.). **Poder y Empoderamiento de las mujeres**. Bogotá: Tercer Mundo Editores, 1997.
- LÖWY, Michael. **Ideologia e ciência social: elementos para uma análise marxista**. 7 ed. São Paulo: Cortez, 1991.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em Análise do Discurso**. Campinas: UNICAMP. 1993.
- MÉLLO, R. P. et al. **Construcionismo, práticas discursivas e possibilidades de pesquisa**. *Psicologia e Sociedade*, v.19, n.3, p. 26-32, 2007.
- MÉSZÁROS, István. **Para além do capital: rumo a uma teoria da transição**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; São Paulo: Boitempo, 2002.
- MIGUEL, Luís Felipe & BIROLI, Flávia. **Feminismo e política: uma introdução**. São Paulo: Boitempo, 214.
- MINAS GERAIS. Lei nº 15028, de 19 de maio de 2014. **Institui a Política Estadual de fomento à Economia Popular Solidária no estado de Minas Gerais - PEFEPS**. Disponível em:
<https://www.almg.gov.br/consulte/legislacao/completa/completa.html?tipo=LEI&num=15028&ano=2004>. Acesso em: 22 de nov 2018.
- NEVES, Magda de Almeida. **Reestruturação produtiva, qualificação e relações de gênero**. in: ROCHA, Maria Izabel B. (org.). *Trabalho e Gênero – Mudanças, Permanências e Desafios*. Campinas: ABEP, NEPO/Unicamp e Cedeplar/UFMG/São Paulo: Ed. 34, 2000.
- OLIVERA, M. **El movimiento independiente de mujeres de Chiapas y su lucha contra el neoliberalismo**. Spanish Special Issue: *Feminismos Disidentes em América Latina y el Caribe*, *Nouvelles Questions Féministes: Revue Internationale Francophone*, v. 24, n. 2, p.106-115, 2005.
- ONU. DEPARTAMENTO DE INFORMAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS DPI/2035/A. **A feminização da pobreza**. UNRIC, 2000. Disponível em:
<https://www.unric.org/html/portuguese/ecosoc/women/feminizacao.pdf>. Acesso em: 01 de set. 2016.
- ORNAT, Marcio Jose. **Pobreza, gênero e deslocamentos espaciais intra-urbanos em Ponta Grossa – PR. 2005**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia - Bacharelado/ Licenciatura) – Departamento de Geociências, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2005.
- PBH – Prefeitura de Belo Horizonte. **População Residente e Densidade Demográfica por Bairro, Território de Gestão Compartilhada e Regional**. 2010. Disponível em:
[https://prefeitura.pbh.gov.br/sites/default/files/noticia/corpo/bairros_pop_dens_bh_2010%20\(3\).pdf](https://prefeitura.pbh.gov.br/sites/default/files/noticia/corpo/bairros_pop_dens_bh_2010%20(3).pdf). Acesso em: 15 set 2018.

_____. **BH em Pauta: Feira da Cidadania na Centro-Sul.** 2017. Disponível em: <https://prefeitura.pbh.gov.br/noticias/bh-em-pauta-feira-da-cidadania-na-centro-su>. Acesso em: 20 set 2017.

_____. **Obras e Infraestrutura – Obras Concluídas.** 2018. Disponível em: <https://prefeitura.pbh.gov.br/obras-e-infraestrutura/informacoes/orcamento-participativo/obras-concluidas>. Acesso em: 09 jan 2018.

PEREIRA, José Carlos da Costa. **Artesanato: definições e evoluções – ação do MTB – PNDA.** Brasília: Ministério do Trabalho, 1979. 153 p.

PHILLIPS, Nelson; HARDY, Cynthia. **Discourse analysis: investigating processes of social construction.** London: Sage, 2002

PINTO, Céli Regina Jardim. **Feminismo, História e Poder.** Rev. Sociol. Polít., Curitiba, v. 18, n. 36, jun. 2010.

PROGRAMA GEOPROCESSAMENTO CORPORATIVO – PRODABEL. BHMap. Disponível em: http://bhmap.pbh.gov.br/v2/mapa/#zoom=6&lat=7806606.15868&lon=604997.4324&baselayer=base&layers=setor_censitario_2010%2Cbairro. Acesso em: 18 mai 2017.

RESENDE, Viviane de Melo. **Análise de discurso crítica e etnografia: o movimento nacional de meninos e meninas de rua, sua crise e o protagonismo juvenil.** 2008. 332 f. Tese (Doutorado em Linguística)- Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

REVOREDO, Mons. Oscar Alzamora. **A ideologia do gênero: seus perigos e alcances.** Disponível em <https://www.veritatis.com.br/a-ideologia-do-genero-seus-perigos-e-alcances/> Acesso em 10 de out 2017.

RIGER, Stephanie. **What's wrong with Empowerment.** American Journal of Community Psychology. Jun/1993.

RIOS, José Arthur. et al. **Artesanato e desenvolvimento: o caso cearense.** Rio de Janeiro, Serviço Social da Indústria, 1963.

RORTY, Ricard. **Feminismo, ideologia e desconstrução: uma visão pragmática.** In: ŽIŽEK, Slavoj (org.). Um mapa da ideologia. Rio de Janeiro: Contratempo, 1996.

ROWLANDS, Jo. **Empoderamiento y mujeres rurales em Honduras: um modelo para el desarrollo.** IN: LEON, Magdalena (org.). Poder y Empoderamiento de las mujeres. Bogotá: Tercer Mundo Editores, 1997.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **A Mulher na Sociedade de Classes: Mito e realidade.** 3 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

_____. **Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero.** Cadernos Pagu (16) 2001, p. 115-136.

_____. **Do artesanal ao Industrial: A exploração da mulher: um estudo de operárias têxteis e de confecções no Brasil e nos Estados Unidos.** São Paulo, Editora Hucitec, 1980.

_____. **Gênero, patriarcado, violência.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SANTOS, Ana Luísa. **Prefácio – O Artesanato como Valor.** In: Libânio, Clarice de Assis (org.). *Coleção Prosa e Poesia no Morro – Volume 5: Mostra de Artesanato.* Belo Horizonte: Favela é Isso Aí, 2007.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia cidadã: por uma epistemologia da existência.** Boletim Gaúcho de Geografia. Passo Fundo: AGB-PA/EDIUPf; 1996, nº 21.

SARDENBERG, Cecília M. B. **Liberal vs Liberating Empowerment: a Latin American feminist perspective on conceptualizing women's empowerment.** IDS Bulletin, Brighton, v. 39 n. 6, pp. 18-27, 2008.

_____. **Women's empowerment in Brazil: tensions in discourse and practice.** Development 53(2), 2010.

SCHILD, Verônica. **Feminismo e Neoliberalismo na América Latina.** Revista Outubro, n. 26, jul. 2016.

SCOTT, Joan W. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Educação e realidade, Porto Alegre, v. 16, n. 2, jul./dez. 1990.

SEBRAE (Org.). **Anuário das mulheres empreendedoras e trabalhadoras em micro e pequenas empresas.** São Paulo: DIEESE, 2013. Disponível em: http://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/Anuario_Mulheres_Trabalhadora_s.pdf. Acesso em: 01 de set. 2016.

SEPULVEDA, Denize; SEPULVEDA, José Antonio. **O pensamento conservador e suas relações com as práticas discriminatórias na educação: a importância da laicidade.** Revista Teias, v. 17, n. 47, out.-dez., 2016.

SILVA, Carlúcia Maria. **Experiências de Economia Popular Solidária na Região Metropolitana de Belo Horizonte: observações, percepções e papéis de agentes mediadores e de atores sociais.** 2009. 191 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) -Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

SILVA, Daniel Nogueira; KAPPER, Sylvio Antonio. **Economia Solidária, Informalidade e Direitos Trabalhistas.** Boletim Mercado de Trabalho - Conjuntura e Análise. Nº 61. Out. 2016 Disponível em: http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/7318/1/bmt61_economia.pdf. Acesso em 03 ago. 2018.

SILVA, Joseli Maria. **Geografias Subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades.** Ponta Grossa: Toda Palavra, 2009.

SILVA, Maria das Graças Silva Nascimento & SILVA, Joseli Maria. **Introduzindo as interseccionalidades como um desafio para a análise espacial no Brasil: em direção às pluriversalidades do saber geográfico.** IN: SILVA, Maria das Graças Silva Nascimento & SILVA, Joseli Maria (orgs.). *Interseccionalidades, gênero e sexualidades na análise espacial.* Ponta Grossa, Toda palavra, 2011.

SILVA, Susana Maria Veleda da. **Mulheres e trabalho: novos e velhos dilemas.** In: SILVA, Joseli Maria; SILVA, Augusto Cesar Pinheiro da (Org.). Espaço, gênero e poder: conectando fronteiras. Ponta Grossa: Toda Palavra, 2011.

_____. **A Contribuição dos Estudos de Gênero para a Compreensão da Geografia do Trabalho: uma pauta para discussão.** Revista Latino-americana de Geografia e Gênero, Ponta Grossa, v. 4, n. 2, p.106 - 117, ago. / dez. 2013.

_____. **Geografia e gênero / Geografia Feminista - O que é isto?** Boletim Gaúcho de Geografia. Passo Fundo: AGB-PA/EDIUPf, 1998, nº 23.

SOLOMON, B. **Black empowerment: Social work in oppressed communities.** New York: Columbia University Press, 1976.

TAVARES, Maria Augusta. **O empreendedorismo e a corrosão das leis trabalhistas.** In: JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS, 3., 2007, São Luís. Anais... São Luís, 2007.

THERBORN, Göran. **La ideología del poder y el poder de la ideología.** 3 ed. México: Siglo Veintiuno, 1991.

THERBORN, Göran. **Os campos de extermínio da desigualdade.** Novos estudos - CEBRAP [online]. 2010, n.87, pp.145-156.

VALENTIM, Erika Cordeiro do Rêgo Barros; PERUZZO, Juliane Feix. **A ideologia empreendedora: ocultamento da questão de classe e sua funcionalidade ao capital.** Revista Temporalis, Brasília (DF), ano 17, n. 34, jul./dez. 2017.

YANNOULAS, Silvia Cristina; VALLEJOS, Adriana Lucila; LENARDUZZI, Zulma Viviana. **Feminismo e Academia.** V. 81, n 199, p. 425 – 451, Brasília: R. Brás. Est. Pedag., set/dez 2000.

YOUNG, Kate. **El potencial transformador en las necesidades prácticas: Empoderamiento colectivo y el proceso de planificación.** IN: LEON, Magdalena (org.). Poder y Empoderamiento de las mujeres. Bogotá: Tercer Mundo Editores, 1997.

ŽIŽEK, Slavoj. **Primeiro como tragédia, depois como farsa.** São Paulo: Boitempo, 2011.

ANEXOS

ANEXO A - Roteiro para entrevistas semi-estruturadas

- Como você definiria sua trajetória de vida?
- O que para você tem maior importância nessa trajetória?
- Você participou de algum grupo/associação antes do Mulheres da Vila? Se sim, qual? Por quanto tempo? Como você ingressou? Como participou? Continua participando? Se não, por que saiu? O que fazia? Qual a importância de participar/ter participado desse grupo para você?
- Como você conheceu o Mulheres da Vila? Por que quis entrar? Como entrou? O que faz na associação? Qual o impacto de participar dessa associação para sua vida? Você vê/percebe alguma relação entre o grupo/associação anterior e este? Qual/is? Por quê?
- O que mudou em sua vida a partir do seu ingresso no Mulheres da Vila?
- Você teve/tem outro(s) trabalho(s)? Quais? Por quanto tempo? O tipo de trabalho que você faz aqui é igual, pior ou melhor? Por quê?
- Qual a importância da associação Mulheres da Vila para você enquanto mulher?
- Participar desta associação te estimula/estimulou a participar de outros grupos/associações? Se sim, quais? Se não, por quê?
- Como você descreveria sua atuação (política) no seu bairro, igreja, escola dos filhos...? Participar do Mulheres da Vila te ajudou a conhecer melhor a política e facilitou/possibilitou sua atuação política?

ANEXO B - Termo de consentimento livre e esclarecido

Você está sendo convidada como voluntária a participar da pesquisa “Associativismo de Mulheres, Empoderamento e Atuação Política: A Experiência das Mulheres da Vila”. Pedimos a sua autorização para observação e participação da pesquisadora Solimar Carnavalli Rocha nas atividades da associação Mulheres da Vila e para a elaboração e publicação de relatos escritos destas atividades. Esta pesquisa tem como objetivo identificar possíveis articulações entre a participação de mulheres associadas com o processo de empoderamento feminino e o envolvimento político-social em suas comunidades. Esperamos que esta pesquisa contribua para tornar pública a experiência do grupo pesquisado, os avanços, permanências e contradições do trabalho associado de mulheres das camadas populares, ampliar a discussão a respeito das possibilidades e dificuldades do processo de empoderamento e emancipação feminina na atualidade.

Você participará de uma ou mais entrevistas semiestruturadas, que serão realizadas na sede da associação Mulheres da Vila ou em outro local previamente definido e acordado entre as partes. Para registro das entrevistas, será utilizado um gravador, mediante sua autorização e a pesquisadora fará a transcrição da gravação. Estão previstas entrevistas com diferentes integrantes da associação Mulheres da Vila nesta pesquisa. Você não é obrigada a responder todas as perguntas. Portanto, caso sinta qualquer tipo de desconforto ou constrangimento, antes, durante ou depois de já ter aceitado participar dela ou de já ter feito a entrevista - o que pode ser interpretado como um possível risco da pesquisa, mesmo que mínimo -, você poderá desistir de participar da pesquisa a qualquer momento sem ser prejudicada de nenhuma maneira por isso, procedimento esse adotado como forma de minimizar eventuais desconfortos e constrangimentos. Sua participação é voluntária, e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que será atendida pela pesquisadora, que tratará sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Os resultados obtidos pela pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada e serão utilizados somente para fins acadêmicos e científicos. Seu nome não será liberado sem a sua permissão.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais com espaço destinado para rubricas, sendo que uma será arquivada pela pesquisadora responsável, no

Instituto de Geociências/UFMG, e a outra será fornecida a você. Você poderá contatar o COEP em caso de dúvidas éticas, cujo contato encontra-se ao final deste documento.

Eu, _____, portadora do documento de Identidade _____ concordo em participar desse estudo como sujeito. Fui informada e esclarecida sobre o tema e os objetivos da pesquisa, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar. Recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido assinado por mim e pelas pesquisadoras

Nome completo da participante

Data

Assinatura da participante

Nome completo da Pesquisadora Responsável:

Endereço: Rua Castelo de Lisboa, 275 – Bairro Castelo

CEP: 31330-340 / Belo Horizonte – MG

Telefones: (31) 3347-3411

E-mail: rogatasoares@gmail.com

Assinatura da pesquisadora responsável

Data

Nome completo da Pesquisadora:

Endereço: Rua Pio XI, 592 – Bairro Ipiranga

CEP: 31160-140 / Belo Horizonte – MG

Telefones: (31) 98862-4627

E-mail: solcarnavalli@hotmail.com

Assinatura da pesquisadora

Data

Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:

COEP-UFMG - Comissão de Ética em Pesquisa da UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627. Unidade Administrativa II - 2º andar - Sala 2005.

Campus Pampulha. Belo Horizonte, MG – Brasil. CEP: 31270-901.

E-mail: coep@prpq.ufmg.br. Tel: 34094592.

ANEXO C – Ata de fundação da associação de artesanato da comunidade maloca



ATA DE FUNDAÇÃO, ELEIÇÃO E POSSE DA DIRETORIA DA ASSOCIAÇÃO DE ARTESANATO DA COMUNIDADE MALOCA, realizada no dia 27 de outubro de 2010 às 14:30 h no endereço da Associação estabelecida a Rua dos Flamingos, 37 - Bairro Garças – CEP: 31.345-310 – Belo Horizonte – MG. Os presentes falaram da vontade que tinham em registrar uma entidade, para que pudessem efetuar compras coletivas, melhorar sua produção artesanal em vista de comercializar seus produtos, adquirir capacitação profissional visando a garantia de qualidade de vida de seus integrantes, em um documento só instituindo uma entidade que representasse a todos. E foi assim que a partir de hoje a Associação de Artesanato da Comunidade Maloca dá vida a essa vontade e constitui a sua primeira diretoria com chapa única e que ficou assim composta: Presidente: **Maria Terezinha Medina**, brasileira, divorciada, artesã, portadora da Carteira de Identidade nº: MG-5.738.514 e do CPF nº: 501.515.416-04, residente e domiciliada a Rua Angelim, 122 – Bairro Tony – CEP: 33.930-530 – Ribeirão das Neves. Vice-Presidente: **Emília Maria Mota Cristianismo**, brasileira, solteira, assistente social, portadora da Carteira de Identidade nº: M-7.693.122 e do CPF nº: 903.481.766-00, residente e domiciliada a Rua Augusto Clementino, 780 - Bairro Jardim Atlântico – CEP: 31.550-300 – Belo Horizonte. 1ª Secretária: **Maria Nilda Romeiro**, brasileira, solteira, artesã, portadora da Carteira de Identidade nº: MG-3.092.481 e do CPF nº: 767.889.116-49, residente e domiciliada a Beco Santa Rita, 56 – Bairro Jardim Leblon – CEP: 31.540-201 – Belo Horizonte. 2ª Secretária: **Eva Salomé da Silva Gomes**, brasileira, casada, artesã, portadora da Carteira de Identidade nº: MG-15.494.290 e do CPF nº: 085.299.076-63, residente e domiciliada a Rua Vinte e Cinco, 313 – Bairro Nova Pampulha – CEP: 33.200-000 – Vespasiano. 1ª Tesoureiro: **Luciano Di Fant**, brasileiro, casado, artesão, portador da Carteira de Identidade nº MG 16.184.017 e do CPF 011.681.536-11, residente e domiciliado a Rua Alice Magalhães Lopes, 37 – Bairro Enseada das Garças – CEP: 31545-070 – Belo Horizonte. 2ª Tesoureira: **Genice Ferreira Rocha**, brasileira, solteira, artesã, portadora da Carteira de Identidade nº: MG-13.384.049 e do CPF nº: 065.047.996-36, residente e domiciliada a Beco Leblon, 10 – Bairro Jardim Leblon – CEP: 31.540-381 – Belo Horizonte. Conselho Fiscal: **Eva Alves Faria**, brasileira, casada, artesã, portadora da Carteira de Identidade nº: M-3.835.293 e do CPF nº: 573.907.036-87, residente e domiciliada a Rua Maria Angelina Gomes, 1.081 – Bairro Veneza - CEP: 33.820-130 – Belo Horizonte. Conselho Fiscal: **Silvânia Alves Mariani**, brasileira, casada, artesã, portadora da Carteira de Identidade nº: MG-3.967.662 e do CPF nº: 768.020.866-20, residente e domiciliada a Rua Três, 252 – Bairro Maria José – CEP: 33.200-000 – Vespasiano. Conselho Fiscal: **Iraci Alves de Jesus Costa**, brasileira, casada, artesã, portadora da Carteira de Identidade nº: MG-9.058.411 e do CPF nº: 060.871.536-08, residente e domiciliada a Rua Lourenço Silva, 450 - Bairro Jardim Leblon – CEP: 31.540-475 – Belo Horizonte. Neste momento o Estatuto Social da entidade foi lido e todos os presentes puderam discutir sobre as cláusulas do mesmo, sobre o que devia ser alterado no estatuto para melhor adequação e também para melhor identidade com a Comunidade Maloca, depois de feita as alterações o estatuto da entidade foi aprovado por todas, a diretoria foi eleita por unanimidade e a posse aconteceu neste exato momento. Deste modo, eu Maria Nilda Romeiro, lavrei a presente ata que será assinada por mim e por todos os membros da diretoria bem como pelos presentes na assembléia na lista de presença. Belo Horizonte, 27 de outubro de 2010.

Maria Terezinha Medina
 Maria Terezinha Medina
 Presidente

Eva Salome da Silva Gomes
Genice Ferreira Rocha
Emilia Maria Mota Cristianismo
Maria Nilda Romeiro
Luciano Di Fant

ANEXO D – Transcrição das entrevistas*Transcrição entrevista Ângela - 12/09/18*

Perfil

Nome: Ângela

Idade: 64

Filhos: 0

Estado Civil: Solteira

Escolaridade: 2º grau completo

Pesquisadora: Uma vez cê falou que começou a fazer curso de direito?

Entrevistada: Comecei e parei.

Pesquisadora: Então é superior incompleto, né?

Entrevistada: É, incompleto.

Pesquisadora: Cê se declara de qual cor?

Entrevistada: Parda, né?

Pesquisadora: E você nasceu onde?

Entrevistada: Abaeté.

Pesquisadora: Aqui em Minas?

Entrevistada: É, aqui em Minas.

Pesquisadora: Você veio pra cá com qual idade?

Entrevistada: Um ano.

Pesquisadora: Já pra BH?

Entrevistada: É.

Pesquisadora: Cê sempre morou no Belmonte?

Entrevistada: Não, eu vivi no bairro São Paulo [por] 42 anos.

Pesquisadora: Tem quanto tempo que cê tá no Belmonte?

Entrevistada: 4 anos.

Pesquisadora: Cê mora sozinha lá?

Entrevistada: Só.

Pesquisadora: Então, pensando na sua trajetória de vida, como é que você define ela?

Entrevistada: As mudança... de lá pra cá... Bom, de toda minha vida, as coisas boas que me aconteceram foi conhecer aqui, né? As Mulheres da Vila, a turma toda...

Pesquisadora: Como que era antes, antes de conhecê-las?

Entrevistada: Antes de conhecer? Ah, vivia com muita doença, depressão, muito... assim... Como que eu vou dizer? Sem lugar, né? Quando eu tinha minha mãe, tudo bem, a gente tinha um lugar... Sem a mãe a gente perde, né? Assim, o rumo das coisas. Aí eu conheci as meninas aqui e fui ficando... ficando, fui costurando, né? Me identifiquei muito aqui com a turma... que a gente tem muito apoio nos problemas, com a vida, né? A gente sempre tá uma ajudando a outra...

Pesquisadora: O que tem mais importância na sua trajetória de vida? Cê acha que é ter conhecido a Maloca? Tem alguma outra coisa?

Entrevistada: Não... é... ter conhecido a Maloca melhorou muito a minha vida, né? Abriu mais horizonte pra mim, eu aprendi muita coisa, né? Me liberou mais, assim, cê tá na concha, cê sai fora dela, né?

Pesquisadora: Que outra coisa?

Entrevistada: Independência, né? Assim, aprender a viver... como que eu respondo?... só e ao mesmo tempo acompanhada, né? Então, assim, não depender muito de família...

Pesquisadora: Mas cê acha que tem alguma outra coisa que teve uma importância grande na sua trajetória de vida?

Entrevistada: Ah, conhecer as pessoas, né? Novas pessoas... Como eu já disse, aprender outras coisa... É... ajudar também a compreender mais, a aprender mais a viver, compreender mais as pessoa, identificar mais... as coisa que a gente passa, a gente vai identificando e ajudando, né? As pessoas...

Pesquisadora: E antes de vir pra cá você já tinha participado de algum grupo, alguma associação?

Entrevistada: Não.

Pesquisadora: De algum tipo, assim, de bairro, de escola, religioso?

Entrevistada: Uai, de religioso eu participei, né? Frequentei Umbanda muitos anos, muitos anos...

Pesquisadora: Foi quanto tempo?

Entrevistada: Ah, uns trinta anos.

Pesquisadora: E como que era sua participação? Você era bem ativa ou era um negócio mais esporádico?

Entrevistada: Eu era bem ativa.

Pesquisadora: E por que você saiu?

Entrevistada: Sai porque eu não vi futuro nenhum, não vi nada que me agradava e não eu preciso de frequentar esses lugar pra mim ver as coisas... as pessoas... sentir... que Deus ele mostra pra gente, né? Vendo as coisas... tira um véu das vista, que tudo é ilusão, tudo ilusão... Religião... algumas... ali não é religião, ali é seita, né? É só um véu que te tampa pr'ocê não ver, você não vê nada, quando ele sai... aí também você tá na escuridão, aí acende uma luz...

Pesquisadora: Mas qual você acha que foi a importância de ter participado desse grupo de Umbanda pra você?

Entrevistada: Ah, aprender alguma coisa no oculto. Se realmente era o que todo mundo falava, se tinha alguma coisa... eu não vi nada! Nada interessante. A princípio você fica ligada ali, depois... Você fica como escrava, né? Você é usada como escrava. Depois você acorda...

Pesquisadora: Foi só esse grupo ou teve algum outro grupo de algum tipo?

Entrevistada: (conversa consigo mesma tentando se lembrar, não dá pra entender bem o que ela diz) não, esse aí eu já frequentava, né? Dança...

Pesquisadora: Dança?

Entrevistada: É, no Sesc.

Pesquisadora: Mas aí era um grupo também, como que era?

Entrevistada: É... mulheres de terceira idade, né? Aí dancei lá cinco anos. É, cinco anos...

Pesquisadora: Então, cê tava profissional já? (risos)

Entrevistada: Quando eu era... pra eu... a menina falar “vou te mandar uma autorização, que a professora vai sair, pra você dar aula”, eu adoeci, tive que fazer a cirurgia... aí cabô, até hoje... Acho que tudo na vida tem um tempo pr’ocê fazer, chegou aquele tempo, cabou, cabou... Aí cê tem que passar pra outra, aí eu vim pra cá.

Pesquisadora: Pois é, e como é que cê conheceu aqui, o grupo?

Entrevistada: Aqui? Ah, eu... onde eu frequentava, né? (risos) Negócio de Umbanda lá, eu conheci uma menina lá, que ela falava com... né? Com as, as entidade lá, falou que... “Ah, eu quero conhecer”, que eu gosto de costurar, eu sei. Aí ela me trouxe... através dela fiquei conhecendo a turma, gostei e fiquei... ela saiu e eu fiquei... uns doze ano, né? De dez a doze, eu acho...

Pesquisadora: E por que você quis ficar?

Entrevistada: Por quê? Ah, a convivência... a convivência muito boa, a união... tem os... as pedrinha que a gente tropeça, né? Tem os problema, tem as coisinha, mas a gente vai superando tudo, passando por cima de tudo, né? Que ninguém é perfeito, a gente tem que aceitar as pessoas como elas são, tentar identificar alguma coisa e ajudar, não questionar, né? Assim, não julgar, tem que ajudar a pessoa que precisa. Se ela tem dificuldade numa coisa, cê ajuda ela se você sabe, passa pra frente o que você sabe, né?

Pesquisadora: E o trabalho que você faz aqui é o das colchas, né? De retalho...

Entrevistada: É, eu faço as colcha de retalho.

Pesquisadora: Foi sempre esse?

Entrevistada: Só.

Pesquisadora: Desde o início foi esse?

Entrevistada: Desde o início.

Pesquisadora: Você faz muito bem, né?

Entrevistada: É, eu gosto (risos).

Pesquisadora: Todo mundo elogia...

Entrevistada: Eu fico triste que não tem muito retalho pra ter... pra ficar colorida. Não gosto de nada na mesmice... (fala incompreensível)... mudança.

Pesquisadora: Já teve mais retalho?

Entrevistada: Teve, teve! Nó, várias cor, ficava muito colorida...

Pesquisadora: A quantidade, assim, já foi maior?

Entrevistada: É, já... Agora diminuiu muito...

Pesquisadora: Mas o importante é que você ainda tá dando conta, né? Que está ativa...

Entrevistada: É, dô... tô... muita atividade, né? Porque cê quer ir pra lá, não vai, aí cê volta (se referindo aos punhos e às mãos).

Pesquisadora: E quando olha, assim, (pra colcha) ninguém imagina que você tem essa dificuldade não... Fica perfeitoinho.

Entrevistada: Não... Tipo assim ó... (fala incompreensível demonstrando a dificuldade).

Pesquisadora: Trabalhadora, né?

Entrevistada: É, mas é bom.

Pesquisadora: E qual é o impacto de estar participando aqui da Maloca pra sua vida?

Entrevistada: Como que eu vou responder...

Pesquisadora: O que mudou, o que não mudou?

Entrevistada: Ah, não... mudou muito, né? Mudou muito a minha vida... Igual eu moro sozinha, quando fala que é pra vir pra cá, eu venho correndo! Encontro as menina, conversa, né? Tem as, as... como é que fala... minhas companheiras, né? A gente conta os caso, fica alegre, passeia, vejo o que que as menina fizeram nas feira, conta as dificuldade, né? Tudo que acontece, né? É bom... participar, né? Tem as festa também que é bom, participa, conhecemo novas companheira... É bom!

Pesquisadora: E você percebe alguma relação entre o grupo que você participava antes, da Umbanda, e esse, aqui a Maloca? Mesmo que sejam de tipos diferentes, você vê alguma relação?

Entrevistada: Aqui tem união... tem união, tem amor, tem compreensão, tem partilha, né? Compartilha as, os problema, as coisa... Lá não, lá era só sugar a gente, sugar. A gente sentava num lugar pra trabalhar e ficava o dia inteiro...

Pesquisadora: E você trabalhava com o quê?

Entrevistada: De receber o espírito mesmo.

Pesquisadora: Ah, entendi.

Entrevistada: Ele vinha e eu não sabia quem era eu, onde que eu tava... quando eu voltava não sabia quem era eu, onde que eu tava... nada... sumia...

Pesquisadora: E por que você acha que aqui tem essas características que você falou, da união...?

Entrevistada: Pra começar, é a Simone, né? O Eduardo... ah, não pode falar nome...

Pesquisadora: Pode! Depois a gente troca.

Entrevistada: O Eduardo, a Simone passa pra gente, assim, uma energia muito boa, muito positiva, compreende muito a gente, ajuda, puxa a orelha se precisar... E... então, junta todo mundo, cada um com um problema, uma coisa... uma ajuda a outra, né? Uma ajuda a outra... E... o tratamento, né? Aqui eu sinto que eu tô na minha casa. Às vez eu sou mais bem tratada aqui do que na minha casa. Lá com meus irmão lá que... né? Aqui não, aqui eu tô tranquila. Passei uma época aqui doente e... nossa! Queria era voltar, não doente, mas pra ficar morando.

Pesquisadora: Você ficou hospedada aqui?

Entrevistada: Fiquei! Uma semana... Acordava de manhã, remedim na mão, cafezim... Gente! Só minha mãe, quando era viva, que fazia isso por mim... Então aqui é minha segunda casa, né? Minha família, minha segunda família. Não quero perder isso aqui nunca. Aqui eu me encontrei!

Pesquisadora: E antes daqui você teve algum outro trabalho? Trabalhou em algum outro lugar?

Entrevistada: Eu trabalhava de vendedora, né? Fui demonstradora, andava as loja de perfumaria... Depois eu adoeci, né? Deu problema nos osso e eu aposentei por invalidez.

Pesquisadora: Mas antes disso seu trabalho foi sempre só como vendedora?

Entrevistada: Só vendedora.

Pesquisadora: E foi quanto tempo que você trabalhou assim?

Entrevistada: 21 ano.

Pesquisadora: Nossa, bastante tempo...

Entrevistada: Sinto falta demais... de mexer com a venda, vender.

Pesquisadora: Você gostava?

Entrevistada: Nossa, chegava as mulher, aquelas mulher chique lá... “Eu quero meu cabelo dessa cor.” Eu olhava assim, eu arrumava três tinta, “pode colocar esse tanto, esse tanto, esse tanto.” Pintava e, “aqui Ana, do jeito que você falou”... Eu sinto muita saudade das venda, mas aqui tá melhor.

Pesquisadora: Isso que eu ia te perguntar agora, cê acha que aqui é igual, pior ou melhor que o outro trabalho que você já teve?

Entrevistada: Não, aqui é melhor!

Pesquisadora: Por quê?

Entrevistada: Aqui é melhor... Porque... como é que eu vou dizer?...

Pesquisadora: Pode falar do jeito que você quiser.

Entrevistada: O dinheiro é muito... É... O dinheiro é um ótimo empregado, mas um péssimo patrão, né? Quando ocê tem que trabalhar de carteira assinada, tem que seguir à risca. E eu trabalhei esses ano tudo, eu nunca faltei um dia de serviço, nunca. Pra quê cê vai faltar? Cê falta, mas eu não falto, porque eu sinto muita falta... Nó, não fico sem vir aqui não. Fico triste quando fala “não tem roda”. Oh, meu Deus não tem roda, como que eu vou fazer? Eu não vou... E quando cê tem um patrão, ele te manda, ele te... às veze até te humilha, tem que ficar calado, cê precisa de tá lá, né? Guenta muita coisa, eu guentei muita coisa... Mas eu gosto, mas eu gostava, não me incomodava não. Nunca fui, assim, de aparecer mais do que os outro não... Se eu tô direito, eu tô direito, mas se eu tô errada também eu admito.

Pesquisadora: E qual você acha que é a importância aqui da associação pra você como mulher?

Entrevistada: Ah, minha independência, né? Tanto assim.. vou falar tanto financeira, porque me ajuda muito, né? Porque eu tenho meu salário... me ajuda muito mesmo aqui... independência de, de viver, né? Aqui não tem pressão, não tem...

Pesquisadora: Cê falou sobre as rodas...

Entrevistada: Ah, é... as roda! Nossa, as roda é a melhor coisa que tem pra mim!

Pesquisadora: Por quê?

Entrevistada: Se eu pudesse eu vinha toda dia. Ah, porque as menina, né? Junta cada um... é... vou te dizer... Igual, o ser humano precisa mais de um abraço do que de um prato de comida. Tá faltando muito amor, né? Muita união... aqui a gente sente isso, a presença, assim, dum amor, duma compreensão, da união, assim, né? Umas das outras... às vez tem rebarbinha, mas passa... ninguém vive, um não vive sem a outra, sem as outras...

Pesquisadora: E você acha que participar aqui da associação te estimulou, te incentivou a querer participar de outras associações, de outros grupos?

Entrevistada: Ah, eu tenho vontade de conhecer outros grupo.

Pesquisadora: E cê chegou a conhecer?

Entrevistada: Não, ainda não consegui não, ainda não fui não, mas eu tenho vontade de conhecer outros grupo, de aprender mais coisa, de passar alguma coisa que eu sei pra eles, de mostrar pras pessoa que às vez acha que acabou tudo, tá com depressão, que acabou a vida,

“ai, tô isso, tô aquilo” ... Ensinar alguma coisa, de mostrar que mesmo com as minha dificuldades eu consigo fazer as coisa, eu sou alguém! Eu cheguei uma vez a fazer um curso de pintura, falei com a professora: “ah, as minha mão, não sei se eu...”, “não mais suas mão são muito torta, como é que cê vai conseguir pintar? E aprender o crochê, a vagonite, essas coisa, bordar, essas coisa, como é que você vai conseguir?” Eu falei: “eu vou conseguir porque eu quero, eu preciso e eu vou provar, não pra vocês, mas pra mim mesma que eu sou capaz de qualquer coisa, depende eu querer, eu vou vencer...”

Pesquisadora: Esse curso cê fez depois que você já tinha vindo pra cá ou antes?

Entrevistada: Antes de eu vir pra cá, bem antes, uns 3 ano antes de eu vir pra cá. E no final lá, eu passei a ensinar as menina, “mas Ana, você com tanta dificuldade, cê conseguiu aprender tudo e nós não, agora cê vai ensinar nós”. E eu fiquei ajudando a professora.

Pesquisadora: E o que você teve, que deixou sua mão assim? Você pode falar?

Entrevistada: Posso. Eu já nasci com problema nos osso, né? Como diz o médico, eu nasci sentada, já nasci com os osso tudo fora do lugar. E como a gente, assim, numa família muito pobre, não pude fazer tratamento, né? Fui crescendo, dando problema... sou alérgica à leite, com leite, essas coisa, lactose, isso tudo faz mal pra mim. Também não tinha pra tomar, né? Nós era muito... pobre, né? Aí nasci, com muita dificuldade de alimentação, só crescendo, aí de repente apareceu... puf!... numa vez.

Pesquisadora: O quê?

Entrevistada: A artrite. Aí deu artrite, deu osteoporose, artrose... deu tudo! Três em um, né? Mas eu não tenho é nada, graças a Deus, tô viva!

Pesquisadora: Então, como você descreveria sua atuação no seu bairro, na igreja, em algum lugar que você frequente? Você tem algum tipo de atuação, além daqui?

Entrevistada: Não, por enquanto ainda não.

Pesquisadora: No seu bairro tem algum tipo de associação de bairro? Como que é?

Entrevistada: Nesse não tem não... porque eu tava pensando, lá em casa, abrir alguma coisa lá, pra ensinar o pessoal, mas eu não vou fazer isso porque eu sou de família cigana e o cigano é muito discriminado. O cigano não é religião, é cultura, eles acha que todo cigano é feiticeiro, né? Aí, lá eu sou muito discriminada... então não procuro ajudar ninguém não. Se alguém me

procurar, “oh, Ângela me ensina isso, fazer isso e isso e isso, como é que eu faço uma costura, como é que eu faço uma coisa assim?” Eu ensino, mas eu sair assim pra poder... não... Eu tenho muita vontade de eu poder ajudar as pessoa, ensinar alguma coisa que eu sei...

Pesquisadora: E lá no bairro São Paulo, onde você morou por mais tempo, era envolvida em alguma coisa lá no bairro?

Entrevistada: Não, lá eu tava quase participando lá, pra dar umas palestra, né? Pra casais... eu fui casada, mas só, assim, na Igreja, então eu nem falo, eu sou viúva... Dar palestra pra casal, gostaria de mexer, assim, com criança, conselho tutelar... criança gosta muito de mim, apesar de eu nunca ter tido filho... Eu tenho vontade de participar de alguma coisa.

Pesquisadora: Nunca teve oportunidade?

Entrevistada: Não... tô achando muito pouco o que eu faço, eu tenho que fazer mais coisa. Eu sinto que eu tenho muita coisa pra dar ainda, pra aprender, mais pra aprender do que pra ensinar, né?

Pesquisadora: E você acha que participando daqui também, isso te ajudou a conhecer melhor sobre política e sobre outras coisas? Política pensando num modo mais geral, né?

Entrevistada: É, me ajudou em tudo, me ajudou em tudo, me ajudou em...

Pesquisadora: Você passou a pensar em coisas que não pensava antes talvez?

Entrevistada: Muito, muito.

Pesquisadora: Tipo quais?

Entrevistada: Primeiro a discriminação, né? Que as menina não me discrimina, né? Elas sabe, às vez elas me pergunta alguma coisa, eu falo assim, assim... às vez eu olho assim pra pessoa, eu sinto, “ó, faz isso, pede a Deus isso e isso, que cê vai conseguir”. As pessoa consegue. Então eu tenho uma liberdade pra expressar, né? Pra conversar... eu sinto que eu não sou discriminada pelo que eu sou. Eu gosto das minha roupa, de andar assim mesmo, e elas não me discrimina.

Pesquisadora: Os assuntos da roda, você para pra pensar sobre eles? Você já tinha parado pra pensar antes sobre essas coisas? Como que é?

Entrevistada: Penso, penso em tudo que a gente fala aqui. Algumas coisa eu até anoto, de cada uma aqui eu tenho uma... não sou psicóloga não... mas eu fiz, assim, um relatório de cada uma, como que elas são, como que elas sente, como elas age, o que que elas poderia assim, como que eu poderia ajudar elas em alguma coisa... mas eu tenho medo de entrar nesse meio assim, e não ser bem vinda, às vez me chamar de atrevida, de... o maior sábio é aquele que fala que não sabe nada, né? Mas se uma pessoa te procurar, aí cê mostra o que que tá certo, o que poderia melhorar mais, alguma coisa, né? Isso aí me ajuda muito, eu faço uma repetição, “nossa, gente! Isso aqui assim, alguém falou isso, isso não poderia ter sido falado”... uma pode maltratar a outra em palavras, né? O ser humano é muito sensível, mas também é muito violento, principalmente os que come carne vermelha. Toda pessoa que come carne é nervosa, agitada, quer brigar, quer morder... onde eu não faço mais, eu comi um pedacinho aqui hoje, mas eu já tô sentindo mal... ó eu falando de carne, era outra coisa...

Pesquisadora: Não, tem nada a ver não... tem que falar o que vier à cabeça. Aquela frase que você leu pra gente hoje na roda, cê pode ler ela de novo? Eu achei tão bonita...

Entrevistada: Ah, é... É porque minha irmã fazendo esse tratamento, eu falei com Deus: “ô Deus, eu preciso de falar alguma coisa pra ajudar ela, eu preciso que o Senhor me dá orientação.” Aí eu peguei, e me veio isso na cabeça, eu anotei na hora: “Nós somos sete filhas de uma mulher guerreira que nos ensinou a ter fé, confiar em Deus para enfrentar todas as batalha da vida. A gente chora, reclama, balança, mas não cai. Se caímos, levantamos mais forte para lutar novamente. Retroceder sim, render nunca.”

Pesquisadora: Você escreveu pra sua irmã, mas acho que serve para todas as mulheres, né?

Entrevistada: Serve. É, foi pra nós todas, todas as mulheres no mundo, nós somos guerreira, nós somos guerreira, apesar de que somo discriminada... as mulher faz a mesma coisa que o homem e ganha menos que ele, tá errado! Mulheres muito mais capazes que o homem ganha bem menos... não pode, né? Ser humano é tudo igual, não importa a cor, a altura, não importa nada, é o coração e a cabeça que manda, a inteligência tá ali.

Pesquisadora: Você chegou a ler pra sua irmã?

Entrevistada: Li pra ela, ela ficou assim: “nó, de onde cê tirou isso, de qual livro?” Falei: “Deus.”

Pesquisadora: Tomara que toque ela, né? Todo mundo que estiver precisando...

Entrevistada: É, as pessoa tão muito sem amor, violência, matar o outro... eu sou pacificadora! Eu nasci pra pacificar, cê entendeu? Eu não gosto de briga, não gosto de desavença... o povo tá brigando lá, eu saio lá... “gente, a Ângela chegou, vamo brigar mais não”.

Pesquisadora: Isso é lá na sua rua?

Entrevistada: Isso é lá no prédio. “Vamos chamar polícia pra ela, o som tá alto!” Aí eu chego: “ô, bonequinha, por favor, minha cabeça tá doendo tanto, o som tá alto, baixa um tiquitinho só”... “Ah, desculpa! Tá muito alto?”... “Ô, minha filha, meu ouvido já até estourou”... Aí ela abaixa: “Ô, dona Ana, desculpa! Eu não vou pôr mais alto não”... É assim, é conversando, “ah, eu faço isso e isso”... Não! É conversar, o diálogo resolve tudo, ou quase tudo, né?

Pesquisadora: Mas cê mora é em prédio, não era em casa?

Entrevistada: É, eu morava em casa, eu morava em barraca aliás, né? Daí eu fui, a minha mãe adoeceu, eu fui lá morar em casa com ela, fiz um barracão lá, e fui morar lá com ela, lá no terreiro... Daí eu fiquei lá... É nós moramos lá 42 anos, eu ficava lá na barraca das minha tia, né? Hoje todo mundo tem é casa... E eu ficava lá com minha mãe até eu fazer alguma coisa... Depois eles desapropriaram a gente de lá, diz que ia fazer rodoviária, não fez nada até hoje... Aí levou a gente lá pra esse prédio lá, apartamento... Nossa! É a pior coisa que eu fui morar na minha vida... é minha casinha, eu agradeço à Deus, mas eu me sinto presa. Nossa! Muita desavença, muita...

(<http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2013/06/impasse-em-desapropriacoes-atrasa-construcao-de-nova-rodoviaria-em-bh.html>)

Pesquisadora: É um prédio grande?

Entrevistada: São oito moradores... não, cada andar tem quatro, quatro vez quatro, dezesseis, né? Nossa, Deus me livre! É poucos que cê pode conversar, pode confiar, eu já fico quietinha no meu canto. Precisou de mim, eu tô lá na hora...

Pesquisadora: Mas tem alguns parentes que moram lá também?

Entrevistada: Tem. Minha irmã mora no terceiro andar e eu lá no primeiro. Nossa, ruim demais!

Pesquisadora: Cê gostava mais de morar em casa?

Entrevistada: Ah, morar em casa, minhas planta, meus bichinho que podia ter... Agora não, minhas plantinha tá tudo triste... Converso com elas, elas tão a mesma coisa...

Pesquisadora: É difícil acostumar, né? As barracas que você tá falando são aquelas ali perto do São Gabriel?

Entrevistada: É, só que agora todos fizeram casa... agora tudo é casa, a prefeitura liberou para eles fazerem casa.

Pesquisadora: Mas era lá que você morava também?

Entrevistada: Era.

Pesquisadora: Mas ali é São Paulo?

Entrevistada: Ali é Belmonte, eu ficava lá e ficava no bairro São Paulo, ficava lá com minha mãe quando ela adoeceu, e ficava lá com eles. Era uma semana cá, uma semana lá, um mês cá, um mês lá...

Transcrição entrevista Cecília - 14/09/18

Perfil

Nome: Cecília

Idade: 63

Filhos: 3

Pesquisadora: Seu estado civil é qual?

Entrevistada: Casa... é... viúva... Eu me esqueci que eu já fui casada (risos).

Pesquisadora: Tem muito tempo que você é viúva?

Entrevistada: Tem! Vai fazer cinco anos já.

Pesquisadora: Qual é seu grau de escolaridade?

Entrevistada: Nenhuma.

Pesquisadora: E qual cor você se declara?

Entrevistada: Preta, né?

Pesquisadora: Você nasceu onde?

Entrevistada: Eu nasci em Bertópolis.

Pesquisadora: Lá no Jequitinhonha?

Entrevistada: Não. Fica... É, isso mesmo! É pra baixo do Jequitinhonha... uma cidade que tem lá...

Pesquisadora: Mas aquela cidade que sua mãe mora, como que chama?

Entrevistada: Felisburgo.

Pesquisadora: Você chegou a morar lá?

Entrevistada: Não.

Pesquisadora: Só sua mãe?

Entrevistada: Só minha mãe.

Pesquisadora: E de Bertópolis você já veio direto pra cá?

Entrevistada: Eu vim... não... isso! Eu nasci em Bertópolis, meu pai tinha uma fazenda na roça, Fazenda Barra Branca... De lá pra cá, que eu vim pr'aqui.

Pesquisadora: Você veio pra cá com quantos anos?

Entrevistada: 14 ano.

Pesquisadora: E falando nisso, como você definiria sua trajetória de vida?

Entrevistada: Hmm, a trajetória da vida é isso aí que você... que no dia a dia mesmo que você tá vendo aí...

Pesquisadora: Sempre foi assim?

Entrevistada: Sempre.

Pesquisadora: E o que pra você tem maior importância nessa trajetória toda?

Entrevistada: Nossa Senhora! A minha casa...

Pesquisadora: O que em relação à sua casa?

Entrevistada: As minha coisa, a minha casa, minha geladeira, meu fogão, minha televisão... Tudo foi tirado dessa trajetória meu de lá pra cá e daqui pra lá...

Pesquisadora: Aqui nas Mulheres da Vila? Isso tudo foi depois que você começou aqui?

Entrevistada: Foi...

Pesquisadora: E a casa que você mora, você sempre morou lá?

Entrevistada: Morei oito anos e três mês lá na... na Renascença...

Pesquisadora: No bairro Renascença?

Entrevistada: É, é...

Pesquisadora: Uai, eu sou de lá...

Entrevistada: Pois é... pagava aluguel... Na rua Itapagipe, nº200. Eu morei lá 8 ano e três mês. Eu saí de lá, larguei meu marido e fui parar lá na Abílio Machado na casa duma... da minha madrinha de casamento. Lá, eu fiquei lá nove meses... nove meses tornei a sair de lá e vim parar aqui na Vila Apolônia.

Pesquisadora: Isso foi há quanto tempo atrás?

Entrevistada: Ah, há muito tempo... há vinte ano... Virgínia tinha seis ano, Giovani tinha cinco e o Ernane tinha quatro mês de nascido...

Pesquisadora: E como é que foi? Tava em construção a Vila, né?

Entrevistada: Tava. A vida lá na Vila Apolônia foi dura pra mim! Foi muito dura... Tinha dia que meus fi(lho) não tinha nem o que comer dentro de casa... Eu morando debaixo duma lona... Morei três ano debaixo de uma lona!

Pesquisadora: Lá no Apolônia mesmo?

Entrevistada: É.

Pesquisadora: Era todo mundo em lona lá?

Entrevistada: Não. Todo mundo tinha seus barraco. Só eu que tinha meu barraco de lona...

Pesquisadora: E como que foi pra ter sua casa de alvenaria?

Entrevistada: Ah, essa casa de alvenaria foi uma... foi uma muié que um dia chegou lá em casa, que nem eu sei mais quem é essa muié... Eu chamei ela pra entrar, ela entrou, me perguntou se eu tinha as coisa, eu falei com ela que não... Aí ela foi embora. Ah! Naquele tempo ela me deu foi dez cruzeiro... E foi embora. Daqui a pouco volta... e passaram uns quinze dia, eu já tinha até esquecido essa muié... volta ela mais dois companheiro dela, e falou comigo: “ó, nós veio aqui... nós vão tentar fazer um barraco pra senhora” Falei com ela: “tá bom!” O material, era pegar longe lá de casa! Aí quando passou, assim, uma semana, um rapaz chegou lá em casa e falou comigo: “ó, o material tá todo lá na rua lá, ó! Três metro de areia, um mil tijolo... E pra nós carregar aquilo? E pra mim carregar aquilo? Mas como aonde que eu ando, as pessoas são muito bom pra mim, catei uma amiga e me ajudaram... Nós carregou material a noite inteira, de uma vez! Quando o dia amanheceu, nós tava carregando o último tijolo... cê entendeu? Aí eles mandaram um pedreiro e eles foi lá e fez meu barraquim.

Pesquisadora: Mas você sabe se ela era da prefeitura, de algum projeto?

Entrevistada: Não, não era da prefeitura não. Eu acho que ela era do... acho que ela era do centro... esses centro que as pessoa faz caridade. Eu acho que essa muié era isso. E aí, minha fia, ês foi lá e fez meu barraquinho. Quando meu barraco tava pronto... tinha dois quarto, sala, cozinha... mas não era que quando o barraquinho tava pronto, a prefeitura não entrou com a rua? (risos) Ês mediu pr'um canto, mediu pro outro, mediu, mas sempre tava sobrando era meu lado. Que do outro lado tinha muita casa, ou meió tem muita casa, e do meu lado era só eu. Entendeu?

Pesquisadora: E tinha quanto tempo que você tava com a casa levantada?

Entrevistada: Uai, não tinha nem três mês... Aí começou aquela danura, vai não vai, ês vêm, conversa: “Ai! Quero derrubar minha casa não! Pra onde é que vou?” “Não dona Cecília, nós vão fazer...” Aí ês fez um alojamento pra baixo de casa. Esses alojamento muito grande, entendeu? Aí ês me pegaram e me levaram pra esse alojamento. Ês mesmo pegou minhas coisa... Levou bonitim e pôs... Dentro do alojamento eu fiquei quase um ano!

Pesquisadora: E tinha outras pessoas morando lá também?

Entrevistada: Tinha, muita gente morava naquele lugar. O alojamento era grandão, que hoje virou tudo casa... mas era grandão o alojamento. Eu fiquei lá... eu fui a primeira em entrar e a última a sair. E aí ês mandou eu caçar casa. Aí eu fui caçar casa, falei: “não vou sair aqui da vila não... vou ficar aqui mesmo” Aí tinha um rapaz vendendo uma casa... aí ês foi lá, olhou a casa e... e aprovou a casa. Aí ês compraram, a casa que eu tenho até hoje...

Pesquisadora: E antes de vir pra cá pra Maloca, você já tinha participado de algum grupo?

Entrevistada: Não.

Pesquisadora: De alguma associação de bairro, de igreja, de qualquer coisa...

Entrevistada: Não, não, nada.

Pesquisadora: E como você conheceu a Maloca?

Entrevistada: Simone, eu conheço a Simone há muitos ano... Simone, foi ela que ajudou nós a fazer essa rua que nós vive hoje aqui lá em cima... Ela lutou junto com nós... Ela, (outros nomes que não entendi)... E aí ela...

Pesquisadora: Ela morava lá no Apolônia também?

Entrevistada: A mãe dela mora lá. Não mora bem dentro do Apolônia não, mas lá perto. E aí nós ficou conhecendo assim: nós era muito amiga... Eu que lavava as roupa dela, eu que passava a roupa dela... cê entendeu? E nós foi lutando junto. Lutou, lutou, lutou, até um dia Deus pôs a benção que aquela rua saiu. Aí ela casou... falou: “aí agora eu vou dar um tempo, né véia? Agora chega, né?” Aí nós veio no casamento dela aqui... (não compreensível) Mas todo final de semana nós tinha que ver uma à outra. Ela ia pra casa da mãe dela e eu ia lá visitar ela. Quando ela não ia lá em casa, eu ia visitar ela em casa. Aí ficou... quando foi um dia, ela chegou lá em casa e falou comigo assim: “Cecília, eu quero falar com cê. Eu tô enfiando as bolinha. Vamos enfiar as bolinha?” Falei: “ah, Simone! Tenho paciência pra isso não, véi!” Ela falou: “vai lá, boba! Vai lá! Vai lá passear e vamo tentar que ocê vai ver...” Ô, menina! Eu enrolei ela durante quinze dias! Todo dia eu levantava da cama e falava assim: “Hoje eu vou lá ne Simone... Ah, eu não vou lá na Simone hoje não!” Amanhã tornava a levantar cedo... E isso foi durante quinze dias. Quando chegou durante quinze dias, eu levantei cedo um dia e falei... aí eu tomei um banho, troquei de roupa... falei: “Hoje eu vou lá na Simone, eu vou lá na Simone hoje” Aí que eu avivei, tinha uma amiga minha, falei: “ô cumadre, vão lá ne Simone passear?” Ela falou comigo assim: “Ah... ah, cumadre vão não...”

Falei: “ô cumadre, deixa de ser ruim...” Aí convidei Olga também e falei: “ô Olga, vão lá ne Simone passear?” Olga falou assim: “Eu não conheço ela” “Ah, mas vamo lá passear, moça! Vamo lá! Ela me chamou lá. Vamo lá... deixa de ser ruim...” Da janela da minha casa, eu via ela em cima assim... Eu moro embaixo e ela mora em cima. E aí nós veio, né? Chegou lá, ela tava sentada, nós gritou, ela recebeu nós, mandou nós pra entrar... E ela tava sentada no sofá com as bolinha de um lado... Ela falou assim: “ah... cê veio, né? Mas tem quinze dias que eu convidei ocê... hoje que cê veio?” Falei com ela: “ah, mas tudo tem seu dia, é hoje que eu vim” E nós começou a brincar... nós brincava o tempo inteiro. Aí de noite nós foi embora. Ela falou: “Amanhã cê vem?” Eu falei: “venho! Amanhã eu torno vim!” “Então vai vim as três, né?” “É” Com essa brincadeira, amiga, nós tamo aqui até hoje! Eu mais a Olga... minha amiga, minha amiga não, ela era minha cumadi, trabalhou aqui quase um ano e depois ela saiu fora... foi embora... porque nós ganhava tão pouco, mas tão pouco, mas tão pouco, que não dava pra comprar nem um pão... e ela tinha sete menino (risos), era muito menino!

Pesquisadora: E você trabalhava com alguma outra coisa na época também?

Entrevistada: Eu era formiguinha de rua. Eu tinha saído da rua. Tava dentro de casa... Mas, amiga, com essa brincadeira nossa nós tão aqui até hoje. Nossa! No começo foi muito duro! O pobrezim do Eduardo trabaiano... ele trabaia num lugar que eu não sei onde que era... Aí quando nós pedia, ele trazia pra nós uma mãozinha de bolinha, uma mãozinha dessa aí, uns pedacinho de pano que ele ganhava não sei aonde... Aí nós fazia canudim, mas pra enrolar aquilo era duro... Aí aqui tinha um pé de arvoredado muito bonito, nós ia e ficava debaixo desse pé de arvoredado aí. Colocava nossa mesinha. Aí nós ia batendo papo e fazendo esses colarzim. Aí Eduardo saía e levava... repartia... ele levava uns cinco, a Alexandra levava mais uns cinco, Emília nessa época morava aqui, aí Emília levava mais uns três. Eu sei que eles rolava com isso o mês inteiro. E as coisa ia acabando, Eduardo ia comprando um pingão de coisa pra nós. Depois quando nós subiu mais na vida um tiquim, um dia a Alexandra chegou aqui e falou com Simone assim: “ô Simone, vão fazer umas saia de retalho?” Ela falou com ela: “E o dinheiro? Não tenho dinheiro. Não tenho nada...O que Eduardo ganha dá apenas pra comer”. Ela falou assim: “não, eu tenho um dinherim na poupança. Eu posso tirar ele”. Naquele tempo eu acho que era duzentos real, ou era trezentos, nem sei também... Aí ela levou uns pedacinho de pano. Uma muié que tem uma fábrica lá em cima, deu nós uns retaim de pano. Nós foi lá ir buscar. Foi até eu mais a Olga de carrinho. Aí Alexandra pegou esses retaim de pano e levou pra dona Bertha. E de lá ela fez uma colchinha... aqueles retaim de pano feio... (risos). É tanto

que até hoje Simone tem essa saia! Aí... “É com isso mesmo que nós vão fazer...” Cê entendeu? E aí começaram, retaim de pano vai lá pra, retaim de pano vem pra cá, retaim de pano vai lá pra, retaim de pano vem pra cá... Depois nós começou a colocar umas... Simone fez uns cartãozim e nós resolveu sair no bairro colocando nas casa das pessoa. Entendeu? Aí as pessoas via, pegava e lia os cartãozim nosso... E aí começou a aparecer... um telefonava pra dar nós um pedaço de pano, outros tornava a telefonar pra dar nós pedaço de pano... E Eduardo trabaiando e correndo atrás dos retaim de pano... Depois veio... aí depois de um ano, já passou tantas mulheres por aqui... “Nós vamos tentar remar nós”. Mas é só nós pra remar, as novas todas foram embora. Aqui na casa nós era quatorze e de quatorze restou três... Todo mundo deu no pé... que quando chegava no fim do mês, meu Pai do Céu, (risos) num tinha muita coisa pra receber... entendeu? A partilha... o dia que nós chegava aqui de manhã e Simone tava sentadinha na grama aqui 7 hora da manhã... nós vinha era cedo! nós não chegava aqui 8 nem 9 hora da manhã, nós vinha era cedo, era 7 hora nós tava aqui... tava com uma vontade comer um pedacim de pão! (risos) O dia que nós chegava aqui e encontrava Simone sentadinha em cima de um pano na grama aí com um cadernim na mão... “Ah lá, hoje tem dois real” (sussurrando) Aí ela vinha e falava: “o que nós conseguiu é isso aí”. E aí Simone dava a partilha. Quando ela dava nós, o muito era cinco reais, quando era muito! Era cinco cruzeiro, cinco mil cruzeiro que ela dava pá nós. Nós trabalhava o dia inteiro. Então nós ia embora feliz com esses cinco realzim no bolso, entendeu? E como eu toda vida gostei muito de comer carne, eu ia comprar carne. E Olga falava assim: “eu vou comprar arroz e feijão pros menino” Depois nós foi subindo na vida até chegou no grupo que nós tem hoje... Nós somo um grupo de 42 muié e graças a Deus nunca faltou bordado pras muié, nunca faltou material pra nós trabaiar... Cê entendeu? Então nós...

Pesquisadora: Deu certo, né? Podemos dizer...

Entrevistada: Deu, deu certíssimo!

Pesquisadora: E qual você acha que é o impacto de participar da associação pra você, pra sua vida?

Entrevistada: Ah, é muito bão! Cê entendeu?

Pesquisadora: Por quê?

Entrevistada: É muito bom porque ali cê conhece várias pessoas, cê entendeu? O cê participa da vida deles sem a gente nem tá pensando, entendeu? E o melhor ainda, chega no fim do mês nós tem a nossa partilha, entendeu? Nós tem nossa partilha.

Pesquisadora: Tem o lado da convivência e o lado financeiro, né?

Entrevistada: Isto! Tem os dois lado. Entendeu? Mas o mais melhor nessa vida é a convivência. A partilha não é tanto... O bom é a compartilha. Aí de mim se não fosse essas pessoa todas que Deus pôs no meu caminho... Entendeu? Eu tava ferrada! (tom de voz baixo).

Pesquisadora: Por que que você fala isso?

Entrevistada: Eu tava ferrada que quando meus filho morreu eu fiquei completamente sem saber aonde que eu ia e nem aonde que eu entrava, entendeu? Fiquei sem... sem chão. E Simone todo dia... (não dá pra escutar).

Pesquisadora: E o que você acha que mudou na sua vida desde que você participa da Maloca?

Entrevistada: Ah, amiga! Na minha vida mudou tudo, cê entendeu? Eu não tinha uma geladeira, eu tinha uma televisão véia preta e branca, que eu trabaiava o dia inteiro e chegava lá em casa tinha que bater nela se eu quisesse ver alguma coisa... Ela não dava nada, sabe o que que é nada? Eu comprei minha geladeira, comprei minha televisão, comprei... eu tinha umas cama véia de pau que vivia serrando as tora dela (risos).

Pesquisadora: Serrando? Como assim?

Entrevistada: Ia com o serrote serrando, entendeu?

Pesquisadora: Mas serrando por quê? Por que tava estragando?

Entrevistada: Não, não tava estragando não, é porque o trem era muito alto, entendeu? Chegou um dia que eu cacei uma cama pra dormir, tava dormindo parecendo no chão... Hoje eu tenho minhas cama, tenho meu quarto, tenho uma cama box comprada com meu dinheiro, sem depender de ninguém, entendeu? Várias coisa comprada com o dinherim daqui (sussurrando)... Eu fiz uma casa pra Clicia com o dinherim daqui. Eu fiz uma casa pro meu neto, com o dinherim daqui... Então, meu bem, esse dinherim daqui faz milagre, entendeu?

Pesquisadora: Cê falou que trabalhou como formiguinha antes de vir pra cá, teve algum outro?

Entrevistada: Não. Nossa Senhora, eu já trabaiei muito! Em casa de família, eu trabaiei nove anos. Saí de lá casada, lá na Abílio Machado, cê entendeu?

Pesquisadora: Cê morava lá?

Entrevistada: Morava na casa da minha patroa. Aí eu casei e vim embora. Aí primeiro eu morei lá no São Bernardo, tanto que a Virgínia nasceu no São Bernardo. Do São Bernardo, eu fui pra Renascença.

Pesquisadora: E nessa época você trabalhava com alguma coisa?

Entrevistada: Eu era lavadeira. Eu lavava roupa da segunda à sexta. Depois quando eu vim pra aqui, eu trabalhei na Tchan durante três anos.

Pesquisadora: Onde?

Entrevistada: Lá na Tchan, num lugar de roupa, eu era passadeira lá. Ali no Padre Eustáquio. Foi até minha cumadi, madrinha da Virgínia, que arrumou lá pra mim. Eu trabalhei três ano passando roupa. Aí saí de lá, trabaiei acho que foi dois ou três mês no Teatro CasaNova, lá no centro da cidade. Depois saí do teatro e fui varrer rua. Varri rua três anos. E saí da rua e falei: “agora chega!” E vim parar aqui.

Pesquisadora: E qual você acha que é a diferença dos outros lugares que você trabalhou pra esse?

Entrevistada: Eu acho que não tem muita diferença não... A única diferença é que os outro eu pegava ônibus e aqui eu não pego (risos).

Pesquisadora: Se você fosse comparar, o tipo de trabalho que você faz aqui é igual, melhor ou pior aos que você já fez antes?

Entrevistada: Não... Serviço nenhum é pior e nem ingual não, entendeu? Aí depende da pessoa, se a pessoa tem vontade de lutar, a pessoa tem vontade de vencer na vida, num tem serviço nenhum ruim pra pessoa. Num tem serviço ruim... Só se for vender droga no meio da rua, aquilo é ruim, né? Agora quando é serviço, não tem serviço ruim.

Pesquisadora: E como mulher, qual você acha que é a importância da Maloca pra você?

Entrevistada: A Maloca pra mim é tudo, entendeu?

Pesquisadora: E o que é tudo?

Entrevistada: Ah, é tudo! Que eu tenho meus dois fi aqui, né? O Rafael, o Xavier... entendeu? A minha vida, de tudo isso, é aqui dentro, é os dois menino, entendeu? Se hoje eu vivo feliz aqui dentro, que eu tenho dois filho aqui dentro. Porque Deus me levou dois, mas eu tenho dois, entendeu? Eu considero eles como dois filho. Foi eu que desmamei eles, entendeu? Tudo que eu tenho é Deus lá em cima e meus filho aqui na Terra, entendeu? Que eu amo muito!

Pesquisadora: E você acha que participando aqui da Maloca, isso te estimulou a participar de outros grupos, de outras associações? Não necessariamente de trabalho, mas de bairro, de escola, de igreja...

Entrevistada: Não, não... Eu não sei o que que eu sou, não sei que eu sou católica, não sei que eu sou crente... porque eu vou em igreja crente passear e vou na católica também passear, porque Deus não tá dentro de quatro parede, porque aonde cê chama Deus, ali ele está. Cê entendeu?

Pesquisadora: Mas pensando em outros tipos de grupo também, qualquer tipo de grupo... estando aqui você teve interesse em participar? Grupos de mulheres, de bairro...

Entrevistada: Não, não... Nunca passei por minha cabeça. Desde o princípio até o fim, eu nunca passei por minha cabeça. Nós já lutou muito quando nós queria aquela rua nossa pronta lá... não foi um dia, nem foi dois não, foi mais de anos, entendeu?

Pesquisadora: E tem algum tipo de organização do pessoal lá do Apolônia ainda?

Entrevistada: Não.

Pesquisadora: Alguma associação de bairro?

Entrevistada: Uai, diz que lá tinha uma associação, mas eu nunca vi associação não, entendeu? (risos) É tanto que agora o rapaz morreu, o rapaz que dizia que era da associação morreu.

Pesquisadora: E tem alguém no lugar dele?

Entrevistada: Não sei. Eu nunca me interessei por isso, cê entendeu? Gostava muito dele, ele ia lá na minha casa... uma pessoa morria, nós dois tava junto... se duecesse nós dois tava junto... o que ele precisava de alguma coisa, ele telefonava "Cecília, eu tô com isso e isso aí

ó... como é que nós vão fazer?” Quando as pessoas morria, ele me procurava pra ver que que nós ia fazer... essas pessoas que não tinha documento, que morria e ficava lá, que não tinha parente... entendeu? Aí ele falava comigo: “que que nós vão fazer pra nós correr atrás disso?” Nós fazia assim...

Pesquisadora: E sua relação com Felisburgo?

Entrevistada: Minha relação com Felisburgo é boa até demais, cê entendeu? Que minha casa é um verdadeiro abrigo.

Pesquisadora: Desde quando?

Entrevistada: Ihh, minha filha! Isso tem uns vinte ano isso! Entendeu?

Pesquisadora: E é sempre parente que você acolhe aqui ou não?

Entrevistada: Não, gente estranha também, gente que eu não conheço. Geralmente eles vêm pra fazer tratamento, entendeu?

Pesquisadora: E quando você vai pra lá todo mundo te conhece?

Entrevistada: Todo mundo me conhece, todo mundo me carrega no colo... tem uns que não me guenta... agora aquelas que guenta, me carrega, pula comigo que me joga lá em cima no teto, entendeu? Igual... Irene... só os que eu alembro... Irene já passou por minha casa... É... a esposa dele também... e mais, e mais, e mais... deixa pra lá... entendeu?

Pesquisadora: E por que você quis começar a receber o pessoal aqui?

Entrevistada: Ah, isso começou, meu bem, quando minha irmã veio pr'aqui. Que minha irmã morava lá, aí ela deu câncer lá e como lá não tinha recurso, o médico mandou pr'aqui, entendeu? E aí começou a maratona, entendeu? Aí ela ficou viva uns três mês... depois de três mês ela morreu... quando tava com dezessete dias que ela tinha morrido, a Clícia entra na minha vida, entendeu? A Clícia entra na minha vida... eu não tinha nem recuperado da morte da minha irmã ainda e aí entra a Clícia. Ela tinha dois mês e meio de nascida. Esses filho meu sofreu pior que cachorro... que ês ia pra escola e não ia pra escola estudar, eles ia pra escola dormir, que ês num dormia à noite, porque a menina não deixava, a menina chorava a noite inteirinha... Aí quando tinha dois mês que eu tava com a Clícia, que eu tava remando com ela no hospital, entra a Dilma, minha irmã, com câncer também. Mas ela foi bom, que ela não durou muito tempo, acho que ela não durou nem um mês. Ela deu câncer no intestino,

rapidinho ela morreu. A primeira vez internaram na Santa Casa e aí na Santa Casa, o médico abriu ela, quando abriu e viu que era câncer, tornou a fechar. Ele falou comigo assim: “Dona Cecília, a dona Dilma deu uma melhorada. Ela tem filho?” Falei: “tem”. “Pois é, ela deu uma melhorada, eu vou mandar ela pra casa e a senhora dá um jeito de mandar ela visitar, ver os fio dela enquanto tem tempo, tá?” Falei: “tá bom”. Aí ela veio lá pra casa, ficou lá em casa uns oito dia. Eu falei: “ô Dilma, os menino seu tá com saudad’ocê. Vai lá em casa ver seus menino...” Aí ela foi. Ficou lá uns quinze dias. Quando ela voltou também, já voltou (não dá pra entender). Aí eu peguei ela e internei ela no Odilon Behrens. Ela não ficou internada quinze dias... que o médico falou que o câncer já tinha comido ela toda por dentro, não tinha mais nada. E além de tudo, morreu doida... (voz muito baixa).

Pesquisadora: Doida? Como assim?

Entrevistada: Doida varrida... Cê dava banho nela, colocava a roupa nela, ela ia lá e tirava a roupa toda e ficava peladinha como nasceu (risos).

Pesquisadora: E o acampamento, o assentamento da Terra Prometida, você também tem contato com eles, né?

Entrevistada: A Clara são de lá, Irene são de lá.

Pesquisadora: E como que você ficou conhecendo eles?

Entrevistada: Minha sobrinha mora lá, uai.

Pesquisadora: Onde que é?

Entrevistada: Ó, de Felisburgo até lá acho que é 15 km.

Pesquisadora: E você já foi lá?

Entrevistada: Eu vivo lá, uai (risos). Quando eu vou lá pra mãe, eu fico lá... se eu chego lá na mãe no sábado, eu fico lá na mãe sábado e domingo, segunda... na terça-feira eu vou pra lá. E lá eu começo a andar, lá é tudo longe, entendeu? Lá na casa da Clara mesmo, cê anda quase o dia pr’ocê chegar na casa dela. Lá é bom... (risos) lá cê anda o dia inteiro, cê não acha água pra beber, entendeu? Não tem água lá não!

Pesquisadora: Como que o pessoal faz?

Entrevistada: Caminhão pipa. Caminhão pipa leva água até Felisburgo e depois pra lá.

Pesquisadora: E é suficiente?

Entrevistada: Tem que ser, né? Não tem jeito... Muito pouco, só pra comer, fazer comida.

Pesquisadora: E eles já conseguiram alguma melhoria lá, você sabe?

Entrevistada: A única melhoria que teve lá durante esses quinze ano foi luz que ês colocou lá agora. A única melhoria que lá tem...

Pesquisadora: Foi o pessoal que pediu? Como foi?

Entrevistada: Foi um... ês fez reunião... acho que esse povo ficou dois ano fazendo reunião... pedindo o prefeito pra conseguir uma luz pra eles. Agora quando foi o ano passado conseguiu. Pelo menos luz lá tem.

Pesquisadora: E as casas são de alvenaria, de lona? Como que é?

Entrevistada: Não, as casa é de adobo, é de terra. Coloca adobo e levanta... É aquês barro, amassa o barro e põe dentro daquelas forma de pau... faz aquelas forma de pau e põe lá... aí vai secando e ês vai batendo ele, entendeu? E vai deixando lá. Aí quando seca, ês põe e faz a casa, como se fosse os tijolo, mas é barro. Se faz e não reboca, quando a chuva vem, joga tudo no chão (risos). Num pode deixar a chuva encostar no barro não, entendeu? Aí ês faz, ês passa barra branca, ês reboca de barro, entendeu? Passa barra branca dentro da casa... casa não, pulerim de galinha, né? Um quartim, uma cozininha...

Pesquisadora: Falando nisso de ter acesso aos serviços básicos, água, luz, no pessoal se organizar pra essas coisas, cê acha que participando daqui isso te ajudou a entender melhor sobre política, sobre reclamar nossos direitos?

Entrevistada: Eu... vou falar com cê uma coisa, eu num sou ligada à política, nunca gostei de política, entendeu? Eu voto porque eu sou obrigada a votar, mas eu não...

Pesquisadora: Mas se a gente pensa em política, no sentido de viver em comunidade, você acha que passou a pensar mais sobre isso depois que você veio pra cá?

Entrevistada: Não, eu já era parte do dia a dia, faz parte do dia a dia.

Pesquisadora: Quando você vai para as feiras, que você vê o pessoal debatendo, você se interessa?

Entrevistada: Eu fico oiando, vou num canto, vou no outro, oiando aquelas roupa lá... mas me interessa... eu acho bonito lá, cê entendeu? Mas se fosse pra mim sair daqui pra ir lá também, eu vou não! (risos) Dinheiro do mundo! Se ês falar comigo assim: “Cê ganha tanto lá, eu pago cê tanto pra vir pra cá”. Eu falo: “Não, pode ficar pr’ocê que vou ficar aqui no meu cantinho aonde eu estou, porque lá eu sou muito bem cuidada, entendeu?” Minha palavra aqui é uma palavra de rei. Se eu falar aqui, tá falado. Até o próprio Eduardo, se eu falar com ele, ele me respeita minha decisão, entendeu? Aqui dentro, o que eu falar aqui dentro, ninguém fala nada. Ninguém tem direito de falar comigo: “ah, cê falou isso” Não! Se gostou, gostou, senão fica quieto, se eu já falei que não (risos).

Pesquisadora: E aquele dia que a gente foi lá na Gabinetona no dia da premiação e depois lá na praça da Estação naquele ato devido à morte da vereadora Marielle, lembra?

Entrevistada: Lembro.

Pesquisadora: O que você achou? Como que foi pra você?

Entrevistada: Ah, eu achei bom, entendeu?

Pesquisadora: Por quê?

Entrevistada: Por que eu achei bom? Porque lá tinha o nome da Marielle, que foi consumida por alguém, entendeu? Mas por outro lado, eu falo com cê, eu sou muié, mas eu não ligada em muié... que foi uma muié que matou meu filho, entendeu? Uma muié que matou meu filho... não foi um homem que matou meu filho, quem matou meu filho foi uma muié, entendeu? Pra mim não tem diferença homem com muié, entendeu? Que pra mim tá na balança todos iguais.

Pesquisadora: Você acha que o grupo aqui seria igual se fosse um grupo de homens e mulheres juntos em um número proporcional?

Entrevistada: Eu acho que não.

Pesquisadora: Por quê?

Entrevistada: Porque não. Porque aqui, eu não sei... as pessoas quando entram desse portão pra dentro, têm mais um olhar... que nem nós ontem recebeu uma visita aqui lá daquelas banda também.

Pesquisadora: Quais bandas?

Entrevistada: Lá daquelas banda do Jequitinhonha. A esposa dele acho que tem um tumor na cabeça, cê entendeu? E eles chegaram aqui muito, assim, muito pra baixo, sei lá... Quando ês saiu daqui... a hora que nós saiu daqui ontem, 5 hora da tarde, nós deixou ês muito bem. A esposa dele e o homem também. Um homem muito gentil! Dava água pra muié... entendeu? Punha comidinha pra dona, entendeu?

Pesquisadora: E o que vocês fizeram pra deixar eles felizes?

Entrevistada: Ah, nós rezamo pra ela, entendeu? Nós veio aqui pra dentro... Rezamos pra ela... Nós falou com ela que não ficava triste, que aquilo era coisa normal, que nós tudo tinha que passar por aquilo... entendeu? Eu sei! Eu sei que num vai resolver, que eu nunca vi uma pessoa que abre a cabeça, sobreviver... Que a minha cunhada, abriram a cabeça dela quando deu tumor na cabeça dela, ela não viveu um ano e três meses. Sofreu pior do que cachorro. Os médico cortou a cabeça dela e foi cortando o caroço lá dentro do cérebro, foi cortando, foi cortando... o dia que não achou mais onde cortar... (sussurro inaudível). Descobriu um tumor na cabeça dela e ela tá aqui fazendo tratamento (voz muito baixa). Segurando Deus, na fé, ela volta... (sussurro inaudível). Pode até ser... Pra Deus não tem nada impossível, mas não sei não...

Pesquisadora: Cecília, você quer falar mais alguma coisa? Da minha parte a gente terminou.

Entrevistada: Não, só quero agradecer ocê, muito obrigado! Entendeu?

Pesquisadora: Eu é que agradeço.

Entrevistada: Muito obrigado cê ter confiado nas minhas palavra, entendeu? E só.

Pesquisadora: Eu que te agradeço por ter me contado um pouquinho mais da sua vida, por ter confiado...

Entrevistada: E aí cê tira o que há de bom, o de ruim, cê joga fora!

Pesquisadora: Não, mas tudo é bom. A gente vai vendo como que as coisas se encaixam...

Entrevistada: Isto é minha vida. Este é o balanço da minha vida. Com tudo isso, eu sou feliz, tá? Eu sou muito feliz que lá na minha casa sempre tem alguém comigo, cê entendeu? Sempre tem alguém.

Pesquisadora: Você fala um vizinho assim?

Entrevistada: Não, vizinho não. Vizinho é ês pra lá e eu pra cá.

Pesquisadora: Ah, o pessoal lá de Felisburgo, né?

Entrevistada: É! Vizinho procura quando precisa de mim, eu vou lá... quando eu preciso deles, também eu vou lá, cê entendeu? Mas meus vizinho, me pergunta o que que tem pra comer na casa deles que eu não sei. Daqui pra minha casa e da minha casa pra aqui a semana inteira. Sábado e domingo eu tô lá em casa, entendeu? Eu faço uma coisinha ali, faço outra ali até eu... passa domingo... sábado e domingo eu nem mexo!

Pesquisadora: Não vai lá visitar a Virgínia não?

Entrevistada: Não! Ela tá nova, ela que tem que me visitar e não eu visitar ela... que o tempo da visita já acabou. Porque no tempo que ela era pequena que ela precisava de mim, entendeu? Hoje ela tá véia, então ela precisa de mim não. Eu que preciso dela e não ela de mim (risos). Pois é, meu bem, então muito obrigada.

Transcrição entrevista Joana - 12/09/18

Perfil

Nome: Joana

Idade: 55

Filhos: 4

Escolaridade: 4ª série

Pesquisadora: De qual cor você se autodeclara?

Entrevistada: Bom, dizem que eu sou branca... Eu me considero morena.

Cidade nascimento: São Romão, Pirapora/MG.

Pesquisadora: Então, Joana, como você definiria sua trajetória de vida até aqui? O que te marcou mais? Quando você fala dela, o que destaca?

Entrevistada: O que mais me marcou foi o abandono dos filhos. Isso foi o que mais me marcou... demais da conta! Porque assim, eu criei os meus quatro filhos muito assim, com muita dificuldade, porque o pai nunca ajudou, nunca tive ajuda, só de Deus. Então, assim, foi muito difícil morando em favela, né? Aí tinha que trabalhar fora, depois eu tive o câncer, batalhando com eles, às vezes eu deixava de pagar passagem pra poder deixar o dinheiro pra eles poder comprar o pão. Aí, o que que acontece, quando eles cresceram cada um foi pra um lado, e ninguém me liga, ninguém me procura, ninguém quer saber, fica cada qual do seu lado, né? Então isso me machuca muito, muito, muito mesmo. É a única coisa que me machuca... bastante! Isso me corrói por dentro, assim o tempo todo... Não sei se é porque eu sou mãe... Só que agora eu tô me esforçando, batalhando muito pra... pra desligar, sabe? Porque eu acho assim, a gente tem que querer quem quer a gente... Quem não quer então... Que a gente não cria filho pra gente, a gente cria pro mundo. Mas eu não imaginava que eu fosse abandonada, entendeu? Eu achava que eles ia me dar pelo menos assim: “ô mãe, como é que a senhora tá? Tá passando bem?”. Ainda mais agora que eu tô com um quadro fortíssimo de... de... de saúde, né? Eu tô até querendo vender lá em Neves pra mudar pra BH, pra poder cuidar da saúde melhor e da Damiana também.

Pesquisadora: O que você consideraria mais importante, pensando nas coisas boas e ruins, na sua trajetória de vida? Seria primeiro esse cuidado, essa dedicação exclusiva aos filhos e depois esse distanciamento deles? Tem outras coisas?

Entrevistada: É... assim, a minha fé é que me põe de pé, graças a Deus, né? Então, assim, eu seguro na fé o tempo todo. É o maravilhoso que eu tenho na minha vida, é a minha fé, porque se eu não tivesse fé eu não estaria nem aqui devido às coisas que eu já passei na vida, porque se eu for escrever um livro, não dá só um livro, dá vários... porque minha vida, foi a vida toda de sofrimento. Então agora eu tô feliz, entendeu? Agora graças a Deus, eu tô feliz, porque eu segurei na fé... Então, assim, agora eu tô me erguendo através da fé. É aquilo que eu falo, a fé remove as montanhas. Então, assim, graças a Deus eu tô muito feliz.

Pesquisadora: Que bom! E antes de vir pra Mulheres da Vila, pra Maloca, você já tinha participado de algum grupo, de alguma associação?

Entrevistada: Não... Eu sempre bordei pra fora, mas eu bordava era com pedraria, né? Eu amava bordar com pedraria, até hoje eu gosto, né? Mas, assim, depois eu... minha irmã... nós arrumamo um lugar lá e a gente bordava, mas a gente não conhecia as outras pessoas...

Pesquisadora: Só entregavam o serviço...?

Entrevistada: É, aí depois foi e falou comigo assim: “ah, Joana, tá tendo um lugar que... lá onde que eu bordo, talvez você consiga uma vaga lá...”

Pesquisadora: Que era aqui?

Entrevistada: É.

Pesquisadora: Mas sua irmã ainda vem?

Entrevistada: Não, ela saiu. Aí a dona Recí foi e me encaminhou pra cá. Aí me encaminhou pra cá e eu continuei aqui e tô até hoje.

Pesquisadora: Tem quanto tempo?

Entrevistada: Ah, eu nem calculo... (risos) Tem muitos anos, viu?

Pesquisadora: E por que você quis entrar, depois que sua irmã te indicou?

Entrevistada: Ah, eu gostei... porque, assim, o dia que não tem roda eu fico muito sentida, porque, assim, aqui tem as companheira, né? Pra gente bater papo, pra rir, né? Então, assim, eu sinto falta, né? Porque eu não saio de casa. Então o único lugar que eu venho mais é só aqui. Então, assim, aqui é o meu refúgio, né? (risos) Muito bom... eu gosto muito daqui!

Pesquisadora: E seu trabalho é bordar vestidos, né?

Entrevistada: É, vestido, saia, blusa, calça, né? Então, assim, eu faço com o maior carinho. Eu gosto de tudo muito cheio, bem enfeitado... Agora, assim, tem vez até que eu faço pouco, mas faço mais bem feitinho, né?

Pesquisadora: Com certeza! E qual que você acha que é o impacto de você participar de uma associação como essa na sua vida? Você falou um pouco de ser o lugar aonde você vem, que você fica muito em casa, é nesse sentido?

Entrevistada: Pra mim é muito bom porque, assim, ocupa minha cabeça, né? E ocupa minha cabeça porque, assim, eu tenho um quadro de depressão muito forte, né? Já tive três ou quatro

surto, né? Pelo fato de eu ter um quadro de depressão, assim eu bordando eu me distraio muito e eu desligo de qualquer outra coisa.

Pesquisadora: Tipo uma terapia, né?

Entrevistada: É, então, assim, eu bordo o tempo todo assim... quando eu não tô bordando, eu tô fazendo crochê. Alguma coisa eu tenho que tá fazendo, não posso ficar é parada.

Pesquisadora: Com as mãos trabalhando, né?

Entrevistada: É.

Pesquisadora: Então, o que você acha que mudou na vida depois que você veio pra cá? Será que foi isso de estar ocupando as mãos, ocupar a cabeça...?

Entrevistada: Ah, mudou muita coisa, mudou muita coisa... Porque, assim, pelo menos aqui eu tenho atenção das pessoas, tem alguém que eu possa conversar, tem alguém que eu possa desabafar, né? Então, assim, eu sinto assim como se eu tivesse na minha casa, entre aspas, sabe? Porque assim a casa da gente é uma coisa, né? Mas assim eu me sinto aqui como se tivesse na minha casa. Sinto acolhida.

Pesquisadora: E poder trazer a Damiana também é importante pra você?

Entrevistada: Pra mim é, porque se fosse um caso que eu não pudesse trazer ela, não me encaixava, porque eu acho assim, não dá pra ela, não dá pra mim. Então assim, porque nós duas é igual o sangue e o coração. Ela é tudo que eu tenho de bom, que Deus me deu.

Pesquisadora: E você falou de outros trabalhos que você teve antes, das pedrarias... Foi só ele, teve outros? Quais são suas experiências?

Entrevistada: Eu, a vida inteira, eu desde a idade de... 8 anos que eu trabalhava com empregada doméstica. Então assim, foi muitos anos trabalhando como empregada doméstica.

Pesquisadora: Sempre aqui ou na sua cidade...?

Entrevistada: Não, eu trabalhei na minha cidade, trabalhei muitos anos em Brasília... Aí eu tentei trabalhar em lanchonete, padaria, mas não consegui me adaptar porque o meu negócio era limpar. Eu gostava era da limpeza. Então assim, às vezes eu deixava o cliente, pra mexer com a limpeza. Então aquilo pra mim... eu não consegui me adaptar a esse quadro não.

Pesquisadora: E aí você trabalhou como empregada doméstica até quanto tempo atrás?

Entrevistada: Até eu ter tido o câncer. Depois que eu tive o câncer, aí eu tive que parar, né? Deve ter o que... uns dez anos atrás. Aí eu tive o câncer, aí a maioria das patroa me mandou embora, porque tinha que fazer... tinha que correr pra um lado, correr pra outro... fazer um monte de exame, né? Aí amputou a mama, eu fiz reconstrução e graças a Deus eu tô bem.

Pesquisadora: Aí depois disso você começou a trabalhar com pedraria?

Entrevistada: Não, aí depois disso eu fiquei em busca de algo, porque assim mesmo eu em cima da cama com dois dreno eu fazia coisas de crochê e pedia minha menina pra vender... os meninos pra vender, porque tinha que comprar alguma coisa pra comer, né? E assim, ganhava cesta básica, meus menino ia, buscava, né? Então assim, eu sempre fui uma batalhadeira, nunca me abati por nada.

Pesquisadora: É... tem que ser, né? A gente não tem muita escapatória... E você acha que o tipo de trabalho que você faz aqui é igual, melhor ou pior aos que você já fez antes? Seja trabalhando com pedraria, seja como empregada doméstica...

Entrevistada: Ah, eu pra falar a verdade, eu sempre falo que Deus sabe o que faz e a gente não sabe o que diz... Eu acho que foi muito bom pra mim porque eu passei por muitas humilhação em casa dos outro. Tanto que eu falei, eu fiz um juramento que nunca ia deixar minhas filha trabalhar em casa dos outro, porque, assim, eu passei por muita humilhação, muita, mas foi muita mesmo. Então assim, sabe? Pra mim foi a melhor... o melhor serviço que eu achei foi aqui, tanto que eu tô aqui há anos, né? E, assim, não tenho do que reclamar, né? Eu vou a pé, volto a pé, assim, até ali no Céu Azul, pego um ônibus pra Neves, né? Vou pra casa... E, assim, fico tranquila quando eu venho pra cá.

Pesquisadora: Que bom! E participando daqui isso te estimulou a participar de outros tipos de grupos, de outras associações? Você alguma relação assim?

Entrevistada: Não, porque, assim, eu fico muito em casa... então, assim, no momento não tem outro grupo que fosse...

Pesquisadora: Religioso, de bairro...?

Entrevistada: Tem, tem... Tem a fraternidade que eu frequento que é mesa branca. Lá eu me sinto como se tivesse... não sei bem... no céu, sabe? É maravilhoso, é muito bom! Lá eu tenho

uns amigo que tá sempre me estendendo a mão, me acolhendo com a maior carinho. Lá é maravilhoso também! Mas lá assim eu vou, às vezes, uma vez por semana, por causa do problema meu de saúde...

Pesquisadora: Mas você já ia lá antes de começar a vir pra Maloca?

Entrevistada: Eu entrei lá em 2011.

Pesquisadora: Então foi depois?

Entrevistada: Foi depois.

Pesquisadora: E você vê algum tipo de relação? Participando daqui você teve vontade de participar de outros grupos ou foi por outros motivos?

Entrevistada: Não, porque, assim, eu já tive vontade, mas não tive a oportunidade, né? Então assim, já que eu não tenho a oportunidade, fica como está, né? Porque eu queria era, assim, ajudar, ser mais útil. Aí eu não me senti útil. Aí, assim, eu frequento só uma vez por semana. Gosto, adoro, muito bom, mas, assim, não participo de nada.

Pesquisadora: E lá é o quê, católico, espírita, evangélico?

Entrevistada: É espírita, é espírita, mas, assim, muito bom. A gente faz tratamento, né? É maravilhoso, muito bom. Eu, assim, quando eu vejo um irmão precisando eu levo... agora mesmo eu tô levando um que graças a Deus ele parou de beber... a mãe dele tá muito satisfeita, muito feliz comigo. Falei com ela: “cê não precisa ficar feliz comigo, fica com Deus, que Deus...”

Pesquisadora: É perto da sua casa?

Entrevistada: É, meu vizinho lá, eu levo ele...

Pesquisadora: A fraternidade também?

Entrevistada: Não, a fraternidade fica em Venda Nova. Aí eu venho, ele vem comigo, tem vez até que eu pago a passagem dele, quando ele não tem... por ajudar, né? Que nós estamos aqui é pra fazer a caridade. Então, eu sou assim, eu tenho um coração muito bom, segundo eles falam, né? Os espírito de luzes, né? Eles falam que eu tenho um coração muito bom, e eu, assim, pretendo continuar com ele bom, né? Que desde quando eu não prejudico ninguém, né? Se eu não puder ajudar, atrapalhar também não, né?

Pesquisadora: É... (risos). Bom, como que você descreveria sua atuação no seu bairro? Algum lugar religioso você já falou, né? A Damiana ainda vai pra escola? Tem algum grupo que você participa, assim, nesse sentido? No seu bairro tem algum tipo de mobilização?

Entrevistada: Não, a Damiana, assim, ela faltava um ano pra ela terminar os estudo, aí o professor puxou ela pelos cabelo e deu um tapa no rosto dela dentro da escola... e ela chegou chorando e eu tive que me controlar de todas as forma pra mim não fazer uma loucura...

Pesquisadora: No Ensino Médio que ela tava?

Entrevistada: Isso... Aí eu fui e tirei, aí ela foi e falou assim comigo: “mãe eu não quero ir pra escola mais”. E tomou trauma de escola, ela não vai na escola mais de jeito nenhum, não adianta tentar, eu já fiz de tudo, mas não tem jeito. Agora a respeito do meu bairro, é difícil, é muito difícil, porque Neves todo mundo acho que conhece, não precisa nem eu falar porque, assim, lá se eles ficar de alfatar... é... de colocar a rede de esgoto, não colocaram a rede de esgoto... Agora estão com uma história porque é época de eleição não pode asfaltar... não pode asfaltar e nem colocar rede de esgoto, porque senão vai dizer que é compra de voto, né? Então eles, assim, tão sempre arrumando uma desculpa. Então, assim, é muita poeira, poeira demais, cê acaba de limpar os móveis e quando cê olha tá alastrado de poeira, né? Pra quem já tem problema, igual eu tenho, a Damiana tem. É difícil demais, sabe? É muita poeira e, assim, não tem conforto nenhum, pra gente comprar as coisas tem que ir longe, tem que pegar ônibus pra poder comprar... porque, assim, lá tem... agora que tá tendo um açougue e um sacolão, né? Mas as coisas é muito cara, então a gente tem que pegar um ônibus pra poder ir num lugar que tem coisas mais baratas, né?

Pesquisadora: E tem algum tipo de articulação dos moradores lá pra reclamar essas melhorias que precisam?

Entrevistada: Olha eu, até hoje, tem muitos anos que eu tô morando lá, acho que tem uns 6 anos que eu tô lá, até hoje eu não vi isso... cê não conhece ninguém, cê não comunica com ninguém, cê não tem acesso à ninguém, cê não tem acesso à nada... é tudo, assim, tudo parado no tempo. Cê não tem... igual tinha o CRAS, eu participava no CRAS, né? Que tinha, que tinha os curso lá na época, aí eles começaram a falar que tinha acabado os curso, aí a gente... quer dizer... fica em Justinópolis... aí a gente parou de ir no CRAS, porquê? Porque diz que não tinha mais nada pra fazer lá, aí parou tudo...

Pesquisadora: Aí o lugar ainda existe, mas não funciona?

Entrevistada: Não, não... Pra, pra... funciona assim pra outras coisa, pra curso não tem mais, né?

Pesquisadora: Tem muito tempo isso?

Entrevistada: Tem. O ano passado.

Pesquisadora: E você ficou durante quanto tempo lá?

Entrevistada: Bom, eu assim, durante o curso, o curso foi um mês, eu participei um mês, fiz curso de fazer boneca... né? E teve um outro curso que eles começaram e pararam porque diz que não tinha verba, né? Então... Neves...

Pesquisadora: E era da prefeitura, né?

Entrevistada: É, da prefeitura. Então, assim, Neves é o estado de calamidade mesmo. Não tem assim... tem gente que fala assim: “nossa, cê tá falando mal da localidade da onde cê mora...” Gente, mas não tem condição, lá tudo é difícil, né? A gente não tem acesso à nada...

Pesquisadora: A situação é complicada mesmo, né?

Entrevistada: É...

Pesquisadora: E cê acha que participando aqui da Maloca, isso te ajudou a entender melhor sobre política e sobre como atuar, assim de forma mais ampla, não pensando em partido necessariamente, mas política de uma maneira mais geral? Cê tá falando de política, né? Na verdade, de certa forma... Mas cê acha que essa sua percepção mudou depois de estar participando daqui?

Entrevistada: Não, em matéria disso não... porque assim eu faço aquela parte, o seguinte: política e religião a gente não discute. Então, assim, sobre política pra mim nem subiu nem desceu, porque assim não mudou nada, porque assim... eu não discuto... é um assunto que eu não discuto é religião e política, porque senão... que cada um vai pra um lado, né? Então, assim, eu não discuto esse assunto.

Pesquisadora: Sim... mas me referindo à política no sentido de melhorias pro bairro, pra cidade, pro estado, em ter os serviços básicos para a população toda, em oferecer cursos... Esse tipo de coisa que você falou...

Entrevistada: Ah, tá...

Pesquisadora: Cê acha que sua visão sobre isso mudou um pouco assim, você se indignar mais, correr atrás, ou não?

Entrevistada: Belo Horizonte é maravilhoso, porque, assim, tudo que a gente quer, a gente... pelo menos eu, não sei os outro... assim, tudo que eu quero eu consigo, né? Tanto que assim, agora mesmo fiz um check up geral, por quê? Porque, assim... tanto que eu voto em Belo Horizonte, eu não voto em Neves, por isso. Então assim, eu gosto de Belo Horizonte, porque Belo Horizonte, assim, me encaixa, vem de tudo aquilo que eu busco... tudo que eu tô em busca, eu venho pra Belo Horizonte, por quê? Neves não tem nada, então eu tenho que vir buscar aqui, né? É aqui que eu voto, eu fico mais pra cá... Então, assim, tudo meu é relacionado à BH. Então, assim, tudo é melhor do que Neves, né?

Pesquisadora: É, infelizmente, né? Não deveria ser assim, mas é...

Entrevistada: Infelizmente é assim, né?

Transcrição entrevista Rosa - 03/09/18

Perfil

Nome: Rosa

Idade: 68 anos

Estado civil: divorciada

Filhos: 6

Escolaridade: 7ª série ginásial

Cidade nascimento: Teófilo Otoni

Na RMBH há quase vinte anos.

Pesquisadora: Você se declara de qual cor?

Entrevistada: Eu sou parda pelos documentos antigos, né?

Pesquisadora: E de acordo com o que você considera?

Entrevistada: Hoje inclusive diz que nem tá registrando mais referente à cores, né? Eu não sabia não... Diz que o registro de nascimento hoje não entra mais... Hoje não pode mais não.

Pesquisadora: Acho que é só quando o IBGE faz o Censo, aí eles perguntam...

Entrevistada: Porque agora mesmo esse concurso que meu filho vai fazer pergunta cor, porque diz que pardo e negro têm cota. E deu trabalho pra gente achar o documento que comprovava que ele era pardo...

Pesquisadora: Ah, tem que comprovar?

Entrevistada: Tem. Aí só achamos nas coisas da aeronáutica...

Pesquisadora: Então, pra gente começar, como que você definiria sua trajetória de vida? O que você acha que foi mais importante nela? O que te marca mais? Quando você conta sobre sua vida, o que chama mais a atenção?

Entrevistada: Ah, talvez seja esse viver em comunidade mesmo, que é uma coisa que desde criança eu vivi em comunidade, porque lá em Teófilo Otoni, por exemplo, a gente movimentava trabalhos que chamava “Clube de mãe”. Então, cada bairro praticamente tinha um clube de mães onde a gente fazia trocas de experiências de trabalhos. Uma ensinava a outra aquele ofício que sabia, tudo coisa assim espontânea. A gente não tinha participação política, não tinha nada disso, era... agrupava um certo número de mulheres e uma vez por semana... tava mais ligado à Igreja Católica... e uma vez por semana a gente reunia, fazia os trabalhos e uma vez por ano fazia uma feira onde cada uma vendia aqueles trabalhos que foram feitos ali. Depois começou a aparecer... foi o que perguntei... aparecer políticos em época de eleição e fazer várias propostas, oferecer vários benefícios, que aquilo nunca acontecia, né? Aí esse trabalho, que era hoje semelhante ao que acontece na Maloca, só não tem esse avanço todo que a Maloca tem. A gente era mais resumido. Então eu vivi toda vida isso aí. Eu cheguei a ser presidente de associação porque toda vida eu tive muita facilidade de comunicar...

Pesquisadora: Associação de bairro?

Entrevistada: É...

Pesquisadora: Lá em Teófilo Otoni? Aqui também?

Entrevistada: Não, só lá. Aqui não envolvi mais. Então eu participava de tudo assim que era em prol do povo. Até muita gente me com tendência política mesmo, partidária. Aí nós fazíamos aqueles trabalhos nos locais que não tinha água nem luz, a gente ia trabalhar pra conseguir aquilo ali. Era uma dinâmica muito boa e acabava que a gente era bicão, envolvia era em tudo. Fazia muito bem. Então quando eu cheguei aqui em Belo Horizonte eu entrei assim num tipo de depressão... que pra começar muro, cê viu aí, portão trancado...

Pesquisadora: Lá era diferente?

Entrevistada: Totalmente diferente. Lá a minha janela era na calçada assim... O dia que eu demorava de abrir a janela, tinha um batendo “Roosaa, que que tá acontecendo?”. Minhas máquina de costura era na sala, então do alto do morro lá o pessoal... eu morava na baixa... eles viam minha movimentação em casa. Então assim, eu morei um tempo só, que meus filho vieram embora, espalharam mesmo, mas eu não me sentia só porque a comunidade inteira me acolhia. Então quando eu cheguei aqui eu senti isolada.

Pesquisadora: E você veio sozinha?

Entrevistada: Os meus filhos já tinham vindo. Inclusive essa casa aqui é de um dos meus filhos, ela é cedida pra mim morar. Ai... mas ele já era casado, tinha que tocar a vida dele. Inclusive ele é da aeronáutica. Aí eu acabei ficando sozinha aqui. Foi quando eu descobri a Maloca e comecei... eu fui numa reunião, foi até um encontro mundial que teve lá, e dali eu continuei indo...

Pesquisadora: E qual o nome do encontro, cê lembra?

Entrevistada: Eu não me lembro... esse encontro...

Pesquisadora: Mas de que tipo que era? Era de mulheres?

Entrevistada: De mulheres. Do mesmo tipo de trabalho que a gente faz aqui mundialmente...

Pesquisadora: A Marcha Mundial das Mulheres?

Entrevistada: Não, não... A Marcha não tem nada a ver. A Marcha eu participei em 2010. É, é... Ah, eu esqueci agora o nome. Eu sei que Simone nem tava aí na época...

Pesquisadora: Aí você já conhecia a Maloca e elas te chamaram pra ir lá?

Entrevistada: Não, eu fui convidada pra ir nesse encontro. Aí gostei demais! Inclusive a gente quase não entendia ninguém porque cada um falava um idioma diferente. Foi muito interessante!

Pesquisadora: Aqui em BH?

Entrevistada: É! Foi lá na casa de Simone, na Maloca mesmo. Foi bastante interessante. Aí foi a primeira vez eu tive encontro assim com estrangeiros, africanos... Então é dessa época eu já fiquei na Maloca. Foi que eu fui conhecendo que a trajetória lá era semelhante à vida que eu tinha antes. Então aí me ajudou bastante. Eu comecei a viajar com eles...

Pesquisadora: Você ia para as feiras?

Entrevistada: Ia. Eu viajei em algumas. Santos mesmo eu fui algumas vezes. Foi onde eu fui conhecer o mar, que eu não conhecia, fui pra praia algumas vezes também. Então daí eu comecei a pegar parte daquele ritmo de vida que eu tinha antes e isso me ajudou muito porque eu acabei não desgarrando das minhas raízes assim...

Pesquisadora: Comunitárias, digamos assim, né?

Entrevistada: É, é... (barulho de comida sendo preparada) Aí fui assim integrando junto com o pessoal... Acabou que eu tinha tempo disponível, tomando a frente de alguns trabalhos, inclusive as festas tudo era eu que tava ali à frente (galo cantando ao fundo). E hoje eu não tô fazendo o que eu fazia antigamente porque fisicamente não tô dando conta, mas eu me envolvi bastante, gosto do grupo. É um trabalho que eu costumo falar que eu tô envolvida não tanto pelo financeiro, mas por amor mesmo. Eu gosto, eu gosto de tá ali, apesar da gente passar umas raivinha de vez em quando, mas isso tem em todo mundo, faz parte, né? Aí...

Pesquisadora: E falando um pouco dos grupos que você participou antes da Maloca, foi então o Clube das Mães e a associação de bairro...

Entrevistada: É, associação de bairro... A gente tinha Clube de Idoso, que a gente trabalhava com os idosos também, uma vez por mês a gente reunia e fazia tipo uma festa comunitária, cada um levava pratos, coisas assim... a gente conseguia da comunidade também doações e fazia o forró...

Pesquisadora: Ah, que ótimo!

Entrevistada: Aí com o tempo... Nossa, mas era bom demais!... a gente sentiu quanto que aquelas pessoas idosas sentiam feliz, contava nos dedos de chegar o encontro. A coisa ficou tão boa que os jovens invadiram tanto nosso espaço, que nós fomos obrigadas a parar por ali, que não dava conta... O espaço ficou pequeno pra tanta gente.

Pesquisadora: Qual espaço que era?

Entrevistada: Era o salão da igreja, um salão comunitário. Aí a gente participava... à medida que tava ali, a gente foi ficando conhecido na região, né? Participava de festas sociais mesmo, igual quando começou a surgir pessoal da LBA, CEAPS, que são órgãos do governo, a gente ficou integrada ali naquele meio... Eu já fui pra praça fazer abertura da semana da pátria... Então fiquei famosa entre aspas (risos).

Pesquisadora: Você era uma personalidade de Teófilo Otoni, né?

Entrevistada: Em Teófilo Otoni eu fiquei bastante conhecida realmente.

Pesquisadora: E quanto tempo mais ou menos você participou desses grupos, você tem uma ideia?

Entrevistada: Ah, foi muitos anos... Foi o que... uns 20 a 30 anos.

Pesquisadora: Nossa bastante! É uma vida, né? Quase a minha idade... (risos) E você se lembra como você entrou, a primeira vez nos grupos, como que foi?

Entrevistada: A coisa foi acontecendo, como eu te falei... que mãe que começou a envolver no clube de mães. Então, mãe não sabia ler nem escrever. Aí eu sempre tava ali acompanhando e ajudando a fazer alguma coisa, tava sempre junto, porque tava no sangue mesmo, eu gostava daquilo ali. E com isso a gente foi ficando naquele meio e foi tomando a responsabilidade, caminhando pras rédeas. Ela era presidente, mas nós tavamos sempre ali juntos pra poder fortalecer o trabalho...

Pesquisadora: Ah, ela era a presidenta do clube de mães?

Entrevistada: É.

Pesquisadora: Que legal! Aí teve outro depois dela?

Entrevistada: Não. Cada bairro tinha seu grupo, né? Então o nosso era Vila Pedrosa. Aí o clube chamava clube de mães Irmã Tereza. Irmã Tereza era uma freira holandesa que ajudava

bastante com donativos pro grupo, né? Então na época das franciscanas lá em Teófilo Otoni elas ajudavam muito. Eram as freiras e os padres, davam muito apoio a esses grupos.

Pesquisadora: Entendi... Acho que você já falou um pouquinho, mas qual que você acha que foi a importância de ter participado desses grupos lá em Teófilo Otoni antes de vir pra cá pra você?

Entrevistada: Uai, pra mim a importância foi essa de sentir útil à sociedade, né? Primeiramente, útil pra mim mesmo - que eu acho que a pior coisa é você se olhar e sentir inútil, né? E às vezes eu até comento, que às vezes quando eu encontro com pessoas que já faz mais tempo que eu não encontrava, muitas vezes vem me agradecer de coisa... “que cê fez tal coisa pra mim”... nem passa por minha cabeça, né? Então a gente tinha aquela garra de abraçar a causa do outro como se fosse da gente e ia mesmo à luta. Eu fiz coisa que... (risos), os menino fala assim que não sabe como é que eu fiquei viva, porque eu entrava assim, como diz os menino enfrentava qualquer parada pra poder... quando a gente tinha um objetivo no grupo, né? Então a gente ia mesmo à luta. E questão de escola... ah, de tudo... e trabalhava muito com assistência social mesmo. Então, um trabalho ativo. Aí pra mim a importância maior é essa de saber que meu livro da vida não tá com páginas brancas não...

Pesquisadora: Tá muito escrito, né? (risos). Então, cê já me falou como é que você conhecer o (grupo) Mulheres da Vila, né? A partir desse encontro que cê foi convidada, né? Então você quis entrar pela identificação, digamos assim, que você sentiu dele com os grupos que cê já tinha participado antes, né?

Entrevistada: Isso.

Pesquisadora: Ai, você entrou fazendo qual tipo de trabalho, além de ajudar nas feiras, você já fazia algum artesanato?

Entrevistada: Já, já. Toda vida eu fiz artesanato. Esse trabalho com fuxico, crochê... É, toda vida, arte, culinária...

Pesquisadora: Ai, lá pra Maloca cê entrou fazendo qual tipo de artesanato?

Entrevistada: Com a Maloca eu fui convidada pra fazer embalagem, que até hoje só eu que trabalho com essas embalagem.

Transcrição entrevista Virgínia - 14/09/18

Perfil

Nome: Virgínia

Idade: 33

Filhos: 4

Pesquisadora: Seu estado civil?

Entrevistada: Solteira nesse exato momento.

Pesquisadora: Você separou?

Entrevistada: Não! Eu vou casar ainda.

Pesquisadora: Ah! Você vai casar? Casar tipo no civil?

Entrevistada: É.

Pesquisadora: Que legal!

Entrevistada: Aquele dia Simone fazendo gracinha lá era pra casar.

Pesquisadora: Ah, é verdade? Tá marcado?

Entrevistada: Nós vai marcar quarta-feira. Nós já comprou aliança já. Tá... tá adiantando aí os trem, os processo...

Pesquisadora: Solteira quase casando então...

Entrevistada: Quase.

Pesquisadora: Seu grau de escolaridade?

Entrevistada: É... 8ª completa.

Pesquisadora: Você não chegou a fazer nenhum ano do Ensino Médio não?

Entrevistada: Não... Tentei... fiz só seis meses só.

Pesquisadora: Então você fez...

Entrevistada: Não, mas aí seis meses pra eles não conta. Então, completo que eu tenho é só 8ª que fala.

Pesquisadora: Você se declara de qual cor?

Entrevistada: Me declaro parda.

Pesquisadora: E qual é sua cidade de nascimento?

Entrevistada: Sou aqui de Belo Horizonte.

Pesquisadora: Você sempre morou aqui, né?

Entrevistada: Sempre.

Pesquisadora: Então, pensando na sua vida, de forma mais ampla, como você definiria sua trajetória até hoje?

Entrevistada: Nossa... sofrida.

Pesquisadora: Por quê?

Entrevistada: Eu nasci de uma mulher guerreira, mas pobre... quando meus pais separou meu irmão era... nem tinha nascido... o caçula. Viemos de uma situação... né? Bem triste... Moramos de baixo de lona, no atoleiro, não tivemos aquela infância de uma criança... Quer dizer, eu não tive. Tive que criar meus irmãos a partir dos 7 anos. Então eu fui a dona da casa. Então por isso que eu falo que é sofrida. É... cresci num, num, numa vila, onde o córrego passava... aí era o córrego no meio e os barranco nas laterais. Então se chovia, tinha que correr...

Pesquisadora: Subir?

Entrevistada: É, porque o barranco caia. E, assim, a mãe trabalhava todo santo dia pra conseguir o mínimo, que era o básico, né? Pra gente... que era um arroz com feijão, quando tinha também... Então quando eu falo sofrida foi bem, foi uma trajetória bem...

Pesquisadora: Você manteria esse adjetivo até os dias de hoje?

Entrevistada: Ah, Sol... chegou... quando chegou 2012 eu acharia... quando chegou... a partir de 2011 essa batalha continuou, viu? Os momentos sofridos, sabe? Não por passar fome, não por morar num córrego mais... que hoje a vila tem rua, tem casas... mas, assim, em questão de perdas. Eu fiquei meio perdida no meio de percas, nesse detalhe desse tempo. Então ainda fiquei nesse tempo. Mas, assim, agora nesse exato momento, tô sobrevivendo. Tá... tô, tô crescendo, né? Cada dia um crescimento...

Pesquisadora: E o que tem maior importância na sua trajetória de vida?

Entrevistada: Maior importância? Com tudo, ainda tá do lado da minha mãe. Eu achei que eu ia... achei que com quinze anos eu ia sumir... “Não quero, não quero essa família, não quero viver nessa família, não sou dessa família!”... Quer dizer, eu quero não, eu fugi com quinze anos, né? Então, eu só não queria que ela me achasse...

Pesquisadora: Você chegou a fugir mesmo?

Entrevistada: Fugi, fugi de casa. Aí ela me achou.

Pesquisadora: Você foi pra casa de alguém, de alguma amiga, de algum namorado?

Entrevistada: Não, fui pra casa do meu tio lá no Palmital. Sozinha e Deus. Nem nunca tinha saído de casa (risos).

Pesquisadora: Como é que você conseguiu chegar lá?

Entrevistada: Sei lá (risos)... Meu tio falava tanto do Palmital... Então ele falava assim olha: “quando cê for lá no Palmital, cê pega o Palmital com IAPI lá em tal lugar, assim e assim...” Aí eu fiquei com isso na cabeça. Aí quando mãe falou assim: “vou te dar uma surra!” Falei: “não vou apanhar! Vou me embora!” Peguei meu rumo e fui embora. Com quinze anos saí de casa.

Pesquisadora: E ele é irmão da sua mãe?

Entrevistada: É, irmão da minha mãe. Na esperança de não voltar, mas ela me achou antes (risos).

Pesquisadora: É... Não era o lugar mais adequado para onde você fugir... (risos)

Entrevistada: É... eu achei que era, mas não deu muito certo não... (risos)

Pesquisadora: Eu sei como que é, eu também já fiz coisa parecida... com meus treze anos...

Entrevistada: (risos) É... aí quando eu voltei, ela ficou muito bravinha comigo, ficou um bom tempo sem conversar comigo. Quando eu interei 15 e 6, quinze anos e seis meses eu saí de casa.

Pesquisadora: De vez?

Entrevistada: De vez. Eu fui seguir minha vida.

Pesquisadora: Foi quando nasceu seu primeiro filho?

Entrevistada: Não, aí eu fui morar na casa de uma tia minha. Eu fiquei um bom tempo morando com uma tia minha. Quando foi com dezoito, eu me envolvi com um rapaz. Aí eu falei assim: “não, agora a vida muda, né? Agora eu vou ter minha casa, vou ter minhas coisa...” Com dezenove eu fui mãe, véi! Com dezenove veio o primeiro. Nossa! Sem nada! Aí eu te falo que é sofrido, porque com dezenove cê pensa: “meu Deus, tô no mundo sozinha, com filho pra criar, com uma pessoa na minha idade!” Então, imagina, dois irresponsável junto... que é o que eu pensava... “dois irresponsável junto, véi! Que que eu vou fazer?” Aí eu falei: “Ah, não, seja o que Deus quiser! Vão bora com a cara pro mundo, né?” Só que aí eu tava morando com minha vó. Aí minha vó foi e falou assim ó: “toma vergonha na sua cara, pega sua barriga e suas coisa e vai atrás desse homem! Põe juízo na cabeça desse homem!” (risos) Aí eu fui, cheguei com as coisa tudo, pus num carrinho de mão... eu morava lá no Santa Mônica e esse homem morava lá no, na Mãe dos Pobre (entre os bairros Santa Mônica e Piratininga). Então... lugar bem distante um do outro. Então, imagina uma mulher com uma barriga pra quase ganhar menino... E, assim, peguei um carrinho de mão, coloquei tudo, o berço do menino, coloquei tudo que cê imaginar dentro desse carrinho e piquei da casa da minha vó pra casa desse homem. Chegou lá minha sogra fez da minha vida um inferno, Sol! (risos) Minha sogra era o cão chupando manga...

Pesquisadora: Era só ela e ele?

Entrevistada: Não, ela tinha uma menina. Só que ela morria de ciúmes dele e eu não imaginava nunca... o único filho homem dela, né? Ela aprontou um mucadinho comigo, viu fia? E aí, me vi também nessa situação sofrendo igual cachorro de novo. Achei que eu ia sair da barra de mãe, ia parar de sofrer, mas aí caí em outra barra, de outra saia, pior ainda que a minha, que nem era minha mãe. Aí com um ano que eu tava lá, eles tentaram matar a irmã

dele. Tive que sair desse lugar corrida com meu filho pequeno... única coisa que eu consegui pegar dele foi o carrinho dele e os documento... Fui parar de novo na casa de minha mãe. Só que aí com menino pequeno e com marido nas costa... Aí desse tempo pra cá, meus irmão também já não aceitava mais dentro de casa... mas ainda fiquei uns meses lá na casa da minha mãe. Por incrível que pareça, nesses mês que aconteceu? Virgínia arrumou outra barriga! (risos) Ó, Pai! Com vinte e um, fui mãe da Micaela Vitória. Fui pra um aluguel... Morei nesse aluguel... Fiquei lá uns seis meses também... depois que Micaela nasceu... Aí depois disso que eu consegui minha casa. Aí minha vida deu aquela amenizada...

Pesquisadora: Como que você conseguiu?

Entrevistada: Um rapaz tinha saído da casa e aí um pessoal tentou invadir essa casa dele na vila... Aí ele me perguntou se eu queria, como que eu poderia pagar ele essa casa... 4 mil que ele taria vendendo... mas como eu poderia pagar, né? “O único modo que eu posso te pagar é cem reais por mês, pode ser?” Ele: “não, melhor você ficar com a casa, que eu te conheço, do que os menino invadir”. Foi assim que foi. Comprei minha casa. Foi assim... em quatro anos... 4 mil pagando cem reais por mês. E com dois menino pequeno. Então era faxina, o homem trabalhava, quando trabalhava também... porque chegou uma época que ele começou a beber demais, o vício já não deixava ele trabalhar, não tinha condições... Então o dinheiro do acerto, pegava e dava... Pra te falar a verdade, o único acerto que eu vi foi quinhentos reais que ele deu pra entrada e depois disso até a última parcela quem pagou foi eu...

Pesquisadora: E você trabalhava com o quê?

Entrevistada: Faxina na casa dos outro. Mais pra minha vó na época. Que eu sabia que minha vó ia ter uma consciência comigo entre aspa, né? Porque eu esfregava o chão da casa dela com escovinha de dente. A cerâmica era muito branca, daí quando sujava muito, tinha que pegar a escova de dente com sapólio e passar naquelas quininha tudo pra voltar a ficar branco.

Pesquisadora: Sua vó materna ou paterna?

Entrevistada: Paterna. Mas, assim, não posso reclamar, porque quem me ajudou muito foi ela, sabe? E aí foi assim que eu consegui. Até em... até ano 2012, que foi quando ela faleceu, foi ela que me ajudou a pagar minha casa.

Pesquisadora: Ela tinha condição de vida melhor?

Entrevistada: Sim, a família do meu pai tem condições melhores. Meus tios, minha vó tinha uma situação melhor...

Pesquisadora: E agora você tá lá em Neves, né? Tem quanto tempo?

Entrevistada: É... Aí em Neves eu tô... na verdade eu fui pro Paraíso primeiro, Paraíso das Piaba. Ficamo lá dois ano. Nós tão dando uma de cigano agora, né? Dois em um, aí fui pro Fortaleza, dois na outra... E agora tem um ano que tô nessa, agora. Só que lá também tem um lotezinho pros meus filho ficar... Nessa trajetória arrumei Leonardo, mais dois filhos... não é brincadeira... Agora são quatro filho, cinco cachorro, dois papagaio e um cágado pra cuidar... E um terreiro enorme pra varrer... Mas assim, pros menino não precisa mais deles ficar na rua mais, não preciso liberar eles na rua, porque eles tem espaço pra brincar de bicicleta, pra brincar de papagaio... Então, a princípio, pra rua eles não vão mais. Mas, assim, também tem aquela coisa assim... 2011 perdi meu pai. O que eu te falei com cê, a partir de 2011 minha vida virou de perna pro alto... Aí um ano depois, em 2012, fevereiro, princípio de fevereiro, faleceu meu irmão do meio, quatro dias depois faleceu a mãe de meu pai... naquele mesmo ano, fevereiro também... aí quando foi primeiro de abril, essa tia que me acolheu também faleceu com câncer no cérebro, que não tinha jeito de remover mais, que já tinha sido removido três vezes... Agora tem o quê?... três anos, foi o caçula da minha mãe, né? Que também esse foi assassinato. Então eu falo assim, sofrida assim numa parte, e em outras, assim, meus filhos veio pra mim levantar porque senão eu não teria força pra tá de pé hoje não... não teria mesmo. E cuidar dela.

Pesquisadora: E antes de você vir pra cá, você já tinha participado de algum grupo, de alguma associação?

Entrevistada: Não.

Pesquisadora: De algum tipo, assim, não necessariamente de trabalho, mas de bairro, de escola, de qualquer coisa, de igreja?

Entrevistada: Não, sempre corri desses trem.

Pesquisadora: Mas e aquela história que você tinha falado de calçar a rua do Apolônia...?

Entrevistada: Não, ali foi quando a gente era pequeno. A gente juntou Simone... por isso que eu te falei com cê que eu conheço Simone desde pequeninha... e, assim, o pessoal da população do bairro teve que se reunir. Mas nem todos quis, nem todos acreditava que a Vila

Apolônia ia ter hoje rua igual tem. E, assim, nós que era criança era foco, né? Nós gostava de ir porque... era o único modo de sair na verdade. Cê ficava o tempo todo dentro de casa, quando chegava lá e falava assim: “ah, gente, hoje nós temos que ir lá levar água do córrego pra eles dar um jeito nisso.” Aí minha filha era nossa felicidade! Nós pulava dentro do córrego, pegava aquela água fedorenta, não tinha problema!

Pesquisadora: Por que tinha que pegar água?

Entrevistada: Porque, assim, quanto mais litro de água do córrego fedendo que você levava, mais eles via que a situação sua era ruim.

Pesquisadora: Ah... e vocês levavam pra onde?

Entrevistada: Lá pro... como é que fala?... Tribunal? Não...

Pesquisadora: Ministério Público?

Entrevistada: Nós levava... É, pro Ministério. Então pegava aquele monte de super litro de água do córrego, levava tudo pra lá, porque aí eles ia ver a nossa situação. E aí se você vai batendo na mesma tecla e batendo na mesma tecla, com um ano nós conseguiu aquilo que tá lá. Mas, assim, nós, como era pequeno, primeiro era pra sair, pra passear, sabe? Pra ver coisa diferente... pra ver os grande brigando. Que aquilo era briga de gente grande! Nós era pequeno, nós só queria divertir!

Pesquisadora: Mas aí se limitou a essa questão do córrego ou teve outras reivindicações que vocês fizeram?

Entrevistada: Não, se limitou ao córrego. Porque naquela época, queria que passasse a rua, né? E aí, única estratégia que a gente conseguiu foi essa, de bater lá na porta deles sempre, aquele monte de litro de água podre, pra eles olhar o lado da gente... Demorou um tempo... Fizeram um abaixo-assinado... Quase... nem todo mundo da vila acreditava... não quis assinar, foram poucas pessoas que... Quando conseguimos encher o papel... Nós era pequeno, nós saía batendo de porta à porta... Aí nós levou pra lá, aí que assim depois de muita luta, conseguiu. Mas foi assim que a gente fez...

Pesquisadora: Foi criativo o jeito que vocês arrumaram...

Entrevistada: É, assim, não tinha outra opção, Sol! O barranco era barro, então eles não ia entender que a gente precisava de uma rua, né? O barranco ia ficar lá, se fosse por conta deles,

ia ficar lá. Mas e o córrego quando enchia? Menina, aquilo época de chuva nós arrumava um desespero! Époça de chuva, ó, a gente não ficava dentro de casa porque a gente tinha medo do barranco cair do lado de cá... e não podia ficar dentro de casa porque o córrego enchia, aquilo invadia a casa da gente...

Pesquisadora: E aí como que vocês faziam?

Entrevistada: Uai, ia pra casa de quem tava no mais alto. As pessoa que tava no mais alto, nem o córrego, que às vez o barranco... igual, já aconteceu acidente comigo de pequena, o barranco cair e aí os tijolo da casa vir pra cima da gente... entendeu? De eu teve que parar no hospital, ponta cabeça... E, assim, a gente passou aquela infância meia...

Pesquisadora: Depois que asfaltou lá aconteceu mais alguma coisa?

Entrevistada: Não, depois que asfaltou eles... é... fizeram contenção nos barranco, né? Eles fizeram contenção em todos... a área mais prejudicada... eles fizeram contenção. Em alguns eles cortaram, e assim, pra alargar mais a rua mesmo, pra tirar os moradores... e ali depois não teve mais... tanto assim... tanta tragédia.

Pesquisadora: E como que você aqui, a associação? Eu sei que foi através da sua mãe, né? Mas como? Assim, nos detalhes...

Entrevistada: Já vinha. Vinha arrumar a casa pra Simone, vinha fazer uma faxina de vez em quando... ou senão, vinha atormentar minha mãe... no começo, quando ela ficava aqui, porque no começo era minha mãe, Maria Luzia, Simone e a Olga. E aí... Luzia é cumadi da minha mãe... então, vinha Guga (?), os menino pequeno... ela também tinha uma renca de menino, trazia os menino pra cá... Então a gente sempre se encontrava. Então aqui eu conheci por conta de minha mãe, né? Conhecia Simone, mas não conhecia Eduardo. Aí quando veio pra cá, assim, comecei a vir de vez em quando, mesmo pra não ficar longe da minha mãe. Porque eu já não morava aqui mais perto, então eu tinha que ficar mais perto dela.

Pesquisadora: E por que você quis entrar mesmo? Fazer parte como integrante?

Entrevistada: Ah, Sol... foi financeiro. Meu marido um dia chegou e falou assim: “não tá dando mais... é muita coisa pra minha cabeça, eu tô ficando doido...” “Mas eu já te falei com cê... cê vai liberar eu trabaiá?” Que diz ele que depois que Iago nasceu que eu não podia trabalhar porque tinha o Iago, né? Então... “cê vai dar atenção pro Iago, que cê não deu atenção pros grande, mas esse aqui cê vai poder, porque eu te sustento...” Aquela coisa do

machismo, né? “Eu te sustento, eu dou tudo que você quer...” Eu falei: “Ah, então tá... Então vão ficar, vão ver até quando cê aguenta”, falei comigo... “vão ver quanto cê aguenta...” Aí quando cê vê que cê tem quatro filhos e mais uma, que é a que ele dá pensão que é a filha dele, pra quem é assalariado, cê se vê numa sinuca de bico, né? Água, luz, internet, comida e pensão. Cê se vê apertado. Aí ele falou: “não aguento!” Aí um dia eu cheguei em mãe: “ô, mãe, lá em casa não tem nem arroz”. E não tinha mesmo! Aí ela falou assim: “Leva o arroz que tá aí e vai lá na Simone, vê se cê arruma qualquer coisa pra fazer, faxina, qualquer coisa...” Por incrível que pareça, no dia que eu cheguei tinha uma moça saindo. Não sabia também que ela tava saindo... Aí virei pra Simone e falei: “Simone, tô precisando trabalhar.” Ela: “Ah, mas que que cê sabe fazer?” “Cê sabe que eu sei de tudo um pouco, né? Que que cê quer que eu faça?” Ela: “não, vão chamar as menina e vão ver...” Aí chamou Olga, chamou Nísia, nós sentou aqui na Maloca mesmo, fomo parar pra conversar... mas, assim, cê tá dando um pulo no escuro... “não tenho valor pra te dar, não sei que que a gente pode fazer... cê quer aceitar?” Minha mãe me ensinou desde pequena que é melhor pingar do que faltar... nessas situações... Já tinha um ano que eu tava procurando serviço também, tinha um ano que eu já tava entregando currículo, que eu já tava correndo atrás... Que fosse de faxineira, que fosse de qualquer coisa, não tinha problema pra mim! Questão de serviço, eu nunca corri de serviço. Aí... “não, então cê entra então, vão ver o que que vai dar...” No “vão ver que que dá”, em outubro agora tem um ano. Aí comecei a vim... aí Cora também já tava doente, aí no começo eu pegava mais Cora pra levar pro médico, né? Que quem ficou com essa parte fui eu. Aí depois vai, cê desenvolve vassoura, cê desenvolve tudo... Virgínia já fazia mandala em casa... porque quando aqui ficava muito cheia, aí mãe gritava: “Socorro! Tem um monte de mandala pra passar voltinha! Passa a voltinha, Virgínia!” Então, Virgínia sentava e mandava bronca nas voltinha.. Aí, aqui agora, eu faço um tiquinho de cada, né?

Pesquisadora: Isso que eu ia te perguntar agora... O que você aqui? É um pouquinho de cada coisa, né? Cê vai pras feiras também, não vai?

Entrevistada: Vou. Vou pra feira, faço artesanato aqui dentro, ajudo as menina nas reunião, as viagem...

Pesquisadora: Sobre reunião, você tinha falado do fórum de economia solidária...

Entrevistada: É, tem. Eu tô... eu faço parte da rede. Eu fiquei com o da rede, rede de confecção. Porque tem o fórum metropolitano e a rede. A Nísia ficou por conta do fórum

metropolitano e eu fico por conta da rede. Que é a última terça-feira do mês se não me engano...

Pesquisadora: Mas é uma rede de confecção dentro do fórum ou é uma coisa separada?

Entrevistada: Separada. São duas coisa separada. Rede de confecção é economia solidária. O fórum também é... mas, assim, é uma coisa fora...

Pesquisadora: Confecção... é específico deste tipo de trabalho, né?

Entrevistada: É, sim. Só de confecção.

Pesquisadora: E é de BH, metropolitana, Minas?

Entrevistada: É de BH. Não, essa é só de BH. Porque cada região tem uma. Cada lugar tem uma. Neves tem a sua, Belo Horizonte tem a sua, Sete Lagoas tem... Aí cada lugar tem o seu. Aí eu fico por conta dela.

Pesquisadora: E o que você tem achado?

Entrevistada: Ah, eu tô gostando muito... tem umas briguinha com umas pessoas... que, assim, rede de confecção hoje, ês fala economia solidária, mas não é solidária. É cada um por si, principalmente os cabeça de frente. Então lá tem dona Neuza, dona Francisca, que são cabeça de frente, tem Chico, Chero... tudo é cabeça de frente... E, assim, fala assim: “ah, vai ter uma feira em tal lugar”, eles quatro tão incluído, então o que sobra...

Pesquisadora: Mas eles têm algum cargo diferente lá? Como que é?

Entrevistada: Sim, eles são... eles que vão na prefeitura, eles que pede liberação de vaga, eles corre atrás das feira ou às vezes são convidados também... E aí é igual a gente, a gente também pode se convidada, faz inscrição...

Pesquisadora: Mas aí no caso, o grupo que nomeou eles? Como que eles obtiveram esse cargo?

Entrevistada: Eu acho que foi uma votação do grupo que colocaram eles lá. Porque tem um ano que eu tô lá... então, já tem muitos anos que eles estão nessa... nessa linha de frente lá. Só que fazem muita coisa errada. Precisa saber muito o que que é solidariedade... Pra ir pra Salvador, nós passou um pedaço pra com eles... Então, é bom! É um conhecimento diferente. São várias pessoas que trabalha com várias coisa ali dentro daquela sala. Então de sapato, à

roupa, à boneca, à lingerie... nossa! É muita coisa! São senhoras praticamente, novo lá cê pode contar no dedo quantos que têm. São senhoras tentando agregar na aposentadoria pra ajudar dentro de casa, a maioria delas. Mas lá você tem... como você entra como economia solidária, você tem que ter três participante num grupo. A única economia solidária que eu conheço lá dentro que tem cinquenta participante são Mulheres da Vila, porque quando você conta família não entra como economia solidária, e a maioria lá entra como família, entendeu? E aqui nós somos uma família porque estamos junta, mas assim cada um ganha de um lado. E aí, lá é bom... lá é um aprendizado muito bom...

Pesquisadora: E pensando na Maloca, qual é o impacto de participar daqui pra sua vida? O que você acha que mudou de outubro pra cá?

Entrevistada: Distração... minha cabeça... Isso aqui, a cabeça da gente, cê tá ocupada com mil e um coisa, sua cabeça não tem tempo pra pensar em nada não... é tanto serviço, serviço e mais serviço. Então, vir pra Maloca foi tirar um pouco de pensamentos mesmo da cabeça...

Pesquisadora: E o que você acha que você mudou de lá pra cá, além disso?

Entrevistada: Ai Sol... De eu ter vindo pra cá, lá em casa olha... nós come melhor hoje, meus filhos hoje... eu não vou falar com cê que eu sou aquela mãe que fala assim: “me dá!” E eu dou. “Não dou não! Você vai fazer por merecer? Se você fazer por merecer, eu te dou. Se ocê não fazer, eu não te dou não”... Então assim, quando eles merece, não ligo, sabe? O que posso fazer, que tá dentro das minhas condições, eu faço, entendeu? Vir pra cá, é o que eu te falei com cê, é uma forma também de ficar mais perto de minha mãe que tá aqui dentro... E, assim, nós duas não bate muita tela, nós duas tem pensamento totalmente diferente... é dois bicudo não se beija, nós duas, mas essa bicudinha aqui abaixa a cabeça. Então, minha mãe é o primeiro lugar da minha vida. Então nós duas fica mais tempo junta, ela me xinga mais tempo... É o que eu falei com cê, tem muito serviço, então não tem tempo pr’ocê ficar matutando coisas que não é pr’ocê pensar, sabe? Principalmente quando penso lá em casa, que eu chego lá em casa, que não tá meus irmão lá em casa... Então, isso faz eu tirar isso da cabeça. Eu só penso isso quando eu chego em casa, porque, assim, cê vai olhar... eu tenho meu filho mais velho é a cara do meu irmão do meio, até o modo de morder a língua, é a mesma coisa... Então, assim, não tem como cê esquecer em casa. Mas aqui, aqui não tem como cê ficar lembrando disso não, aqui cê tem que trabalhar, tem tempo pra tristeza aqui não...

Pesquisadora: E você falou que já trabalhou com faxina, né? Antes de vir pra cá... Teve algum outro trabalho que você já fez?

Entrevistada: Fui faxineira, fui babá, já trabalhei com uma senhorinha cuidando de idoso... É, acho que... é, e faxina.

Pesquisadora: E foi quanto tempo?

Entrevistada: Olha, de babá eu comecei a trabalhar com doze anos. Cuidava de filho dos outro com doze ano, porque eu tinha que ter meu dinheiro, que é pra ter minhas coisas, né? Minha mãe não tinha condições de dar... Então eu fiquei até uns quatorze, quinze anos olhando filho dos outro. Depois de grande ainda, fiquei mais dois anos pegando filho das madame pra olhar. Faxineira eu fui minha vida toda praticamente, né? Até hoje se precisar de uma faxina a Virgínia tá indo, se eu tiver tempo (risos), a Virgínia tá indo. Cuidadora... eu fiquei seis meses com uma senhorinha lá na Nabila, lá no centro da cidade. Assim, foi uma experiência boa cuidar de... porque minha experiência tinha sido com minha vó... mais com família, né? Aí quando cê pega família dos outro é um pouco mais diferente... mas, assim, também são conhecimentos também diferentes.

Pesquisadora: Tem que ter um tipo de paciência diferente, né?

Entrevistada: Não... ela era racista. Tinha que ter paciência mesmo diferente... (risos) Ela: “ah, eu não gosto de negro” (risos). Eu falava: “ô dona Nabila, não fala isso não... cê fica com esse racismo...”. Porque era muito velhinha, então o tempo... eu não consegui não tirar isso da cabecinha dela, sabe? E aí ela tomava remédio controlado, então mesmo que ela fosse lúcida, eu não conseguiria tirar aquilo da cabecinha dela. Então, na hora que ela via um negro, ela olhava: “nossa, odeio negro!” E, assim, era um custo eu segurar ela! “Não pode, não pode falar isso. Dona Nabila, negro é igual a senhora, tem sangue, tem tudo...” Ela: “Não... igual eu não é não. Eu... eu sou rica, eu tenho tudo. Eu sou eu.” Aí sabe, aquela coisa... E quando fumava juntava com os remédio, ficava doida, menina! E eu tinha que ficar de olho naquilo. A própria família dava cigarro, sabia que ela não podia fumar. Aí tinha almoço no domingo. Então eu olhava ela sexta, sábado e domingo. Então eu ficava com ela o final de semana, fora de casa. Voltava só na segunda. E a família dava cigarro. Então quando entrava com remédio, menina, nossa! Ela ficava toda transformada! Eu não dormia de madrugada por causa dela, do medo que eu tinha dela levantar daquele quarto sozinha (risos) e abrir aquela varanda e ficar lá embaixo, que ela ficava no quarto andar do apartamento. E, assim, o apartamento é uma

área fechada. São vários quarto, são duas sala integrada, a casa é enorme pra uma senhora sozinha... Então eu fiquei seis meses com ela lá, até eles arrumaram uma outra moça... Não, arrumaram outra moça não. O filho dela, o filho não, o irmão dela levou ela pra morar com ele. Pra não precisar ficar pagando mais ninguém pra ficar com ela. Uai, e depois da dona Nabila que eu vim pra cá... que aí eu fiquei um ano caçando serviço lá... Então, “não, vou dar meu jeito”...

Pesquisadora: Você acha que o tipo de serviço que você faz aqui é igual, melhor ou pior do que os que você já teve antes, pensando em todos os aspectos juntos?

Entrevistada: Não, Sol... pra mim é... igual não é, porque cada um foi uma coisa, né? Aqui não tem como falar que é igual, é totalmente diferente do que eu já fiz. Limpar casa é aquela rotina, né? Cê lava, passa, cozinha, tira pó e pronto. É... cuidar de idoso é outra coisa, cê tá cuidando de uma criança grande, velha, numa idade já que precisa de cuidado. E aqui não, aqui é de tudo um pouco, aqui é usar a cabeça, a imaginação... sua imaginação te manda, ela é pequena pra tanta coisa que cê pode criar. E às vezes cê se pega, assim, perdido... Igual eu tô perdida hoje (risos), “o que que eu vou fazer?”. Então aqui é melhor do que as outras coisa que eu já fiz. É trabalhar um pouco mais a cabeça...

Pesquisadora: E participando daqui isso te estimulou a participar de outros grupos? Grupos de mulheres, grupos de bairro, grupos de escola dos filhos? Cê tem vontade, tem interesse, já chegou a participar?

Entrevistada: Não, Sol. Meu grupo é só aqui mesmo. E, assim, outro grupo que eu vou é só, assim, na reunião lá, que é um compromisso meu. Mas não tenho tempo também, nem se eu quisesse, né? Escola... eu mal... tenho que faltar pra ir na reunião deles, porque reunião eu não posso faltar de jeito nenhum. Bairro não tem nem como também porque eu nem sei quem é... Neves, né? Já viu... A precariedade daquele povo... E também não teria tempo, mesmo que eu quisesse alguma coisa, eu não teria tempo...

Pesquisadora: Bom, então já respondendo um pouco disso, como você descreveria sua atuação no seu bairro, em outros espaços, na igreja, escola?

Entrevistada: Eu escreveria “sem tempo” (risos). Virgínia tá precisando de um tempinho... Mulheres da Vila tá na correria, Mulheres da Vila tá aqui, ó... só num corre de um lado, corre

do outro, que até dezembro nós tá aí atarefada. Até dezembro nós temos praticamente uma feira atrás da outra.

Pesquisadora: Feiras longas?

Entrevistada: É... a mais longa vai ser dezesseis dias em Vitória. Imagina... Mas, assim, essa ficou com a Nísia. Então, eu não tenho condições de eu ir... Curitiba também não, 16 dias fora de casa... A que eu vou ficar mais dia fora de casa é Rio de Janeiro, 9 dias com Olga.

Pesquisadora: E como que é lá na sua casa esses dias que você fica fora? É tranquilo?

Entrevistada: Não! Fica tranquilo não, minha cabeça fica a mil... Minha filha na parte da manhã fica praticamente sozinha, porque os três estuda... Manuele tá no Integrada, então pega aula 7 e larga 5. Iago e Vinícius estuda na parte da manhã. Micaela Vitória estuda na parte da tarde. Então Vinícius chega às 11, leva a Micaela pra escola com o Iago, volta pra dentro de casa, fica até 5:10, 5:15 ele vai na escola, pega Micaela e Manuele e volta pra casa. Então, assim, é muito tempo pra quatro criança ficar praticamente sozinha, entendeu? Ele tem 14, ela tem 12, Micaela tem 8 e Iago tem 6. A cabeça fica a mil, fia. E ele trabalha 12 por 36, então tem o dia que eu sei que ele tá em casa, mas tem o dia que eles fica sozinho. Então, assim, eu fui agora lá pra Jequitibá três dias. Por mais que era três dias, minha cabeça tava lá em casa... o que que aqueles menino tão fazendo? O que eles tão aprontando? Longe de mãe, eles tão aproveitando tudo que eles têm que aproveitar... Mas, assim, graças a Deus a sorte que eu tenho é que eles são muito tranquilos, sabe? Posso reclamar não. São crianças tranquila que não me dá trabalho. E, assim, nós tá assim... agora igual eu falei com cê nós tá na correria, porque agora o homem quer casar... (risos)

Pesquisadora: Cê não tá querendo não?

Entrevistada: Eu nunca me vi casando não, Sol. Nunca me vi casando pra falar a verdade... Não é uma coisa complicada? Você se ver casando? Ainda não tô me vendo nessa situação não... os outro tá perguntando: “cê tá muito tranquila, não tá não?” Ô, na hora que a ficha cair, caiu, mas agora por enquanto eu tô tranquila...

Pesquisadora: Mas o que muda no final das contas é um papel, né? Se a gente for pensar bem... porque você vai continuar vivendo da mesma forma que você vive...

Entrevistada: Ah, é Sol... porque tem sete ano, né? Sete ano junto, mas, assim, se você for pensar nas possibilidades da vida, o papel é um pouco mais complicado... Casar é muito fácil, mas se ocê for separar, no futuro é um pouquinho mais complicado...

Pesquisadora: Mas eu digo, assim, o dia a dia, a rotina...

Entrevistada: É, é lava, passa, enxuga, filho, casa e marido. Lá em casa ainda são seis cachorro, dois papagaio e um cágado (risos). Então, tá tranquilo nessa parte... Mas, assim, eu nunca me vi casando. Quer dizer, com quinze anos eu quase casei, casei mesmo, de véu, grinalda, essas coisa assim... Mãe queria que casasse...

Pesquisadora: Agora vai ser só civil? Ou vai ter igreja também?

Entrevistada: Não, só civil. Não, caço igreja não... não tem meu pai mais, meus irmão quer não... Já tá sendo complicado pensar no civil sem eles... Acho que é por isso que não quero nem que a ficha caia, vai ser complicado falar assim: “tô casando... mas peraí, cadê o resto?” Porque o do meu irmão, eu tava no casamento do meu irmão do meio. Ainda, o juiz de paz ainda brincou com o meu irmão: “cê comeu o Papa dela, né?” Porque ela chamava Simone da Rocha Papa. Aí o juiz de paz ainda brincou com ele: “É... cê comeu Papa dela, né?” Aí todo mundo começou a rir, achou uma graça naquilo e ele morrendo de rir. Em vez de dar prosseguimento no negócio, enquanto ele não parou de rir... E, assim, o caçula não teve nem tempo pra isso, né? Porque já morava acho que uns cinco anos com a Camila e teve o Kaique, mas se pensar... no caso, todos dois morreram com vinte e cinco anos, então... Aí eu não me vejo na igreja entrando, sabe? Sem meu pai, sem eles...

Pesquisadora: É uma ocasião familiar, né? Não é só vocês dois, né?

Entrevistada: É, não é só... cê falou certim. Não é só eu e ele, tá faltando gente aí nessa tropa aí... família dele tá completa, mas a minha não. A minha tá faltando gente. E hoje eu só tenho minha mãe, só eu e ela. E, assim, ela ainda tá um pouco complicada ainda pra conseguir levar ela pro cartório, boba... Braço duro na queda aquela ali... Teimosa! Falei: “mãe, cê quer ser minha testemunha?” “Não quero.” Falei: “então tá bom então se ocê não quer”. Eu, minha mãe, essa vida nossa aqui foi pra ser assim, sabe? É pra mim cuidar e obedecer, porque... (risos) não dá certo não... Minha mãe é muito complicada. Ela é um sargentim de sai. Os outro falava assim quando eu era pequena assim: “e a sua mãe?” “Minha mãe é um sargento de saia, gente! Não vai lá em casa não. Não passa na porta, que ela vai brigar com cês.”

Pesquisadora: Ela era brava?

Entrevistada: Sempre foi, desde pequenininha. Minha mãe nunca gostou de amigo na porta da minha casa, minha mãe nunca gostou de eu fazer trabalho com amigo... Então se eu aprendi um... até a 8ª eu tive que ser sozinha no pulso. Tinha trabalho pra fazer, eu já falava com a professora: “não manda, não posso ir pra casa de ninguém, minha mãe não aceita, nem lá em casa, nem eu ir pra casa de ninguém...” Então minhas professora já sabia que meu trabalho tinha que ser sozinha. Isso até depois de velha... tava fazendo o que? 8ª e eu não podia ir na casa de ninguém, ninguém podia ir lá em casa...

Pesquisadora: E qual que era a justificativa dela?

Entrevistada: Não, minha mãe nunca gostou de amizade. Minha mãe falava assim que quando cê não tem o que fazer, cê deita na cama e dorme. Minha mãe nunca gostou de nhem nhem lá em casa. Nunca!

Pesquisadora: E a amizade dela com a Simone? Então, ela se contradiz, né?

Entrevistada: Ali, foi... nossa, menina! Ali foi quando Simone morava no Leblon ainda! Não, mas aí a gente já tava grande, meu irmão já tava numa idade boa... E, assim, começou porque Simone começou a receber os indígena na casa dela. Entendeu? Simone começou a levar os índio pra lá. E, assim, como é que cozinha pra esse tanto de gente que ficava semanas e semanas lá? Aí não tinha como, sabe? E, assim, é o que eu te falei, já de pequena, Simone já tava com a gente, porque desde a vila... o negócio da vila. E, assim, minha mãe... doze anos Simone já tava no meu aniversário, tem foto de Simone no meu aniversário de doze anos... Pr'ocê ver que já é muitos anos junto... “Ô, Cecília, tô precisando d'ocê, tô precisando d'ocê...” E aí, mãe ia lá cozinhar pra esses índio.

Pesquisadora: A Simone morava no Leblon?

Entrevistada: Morava. Morava com a mãe dela ainda. Então... Aí, as duas se agarrou mais ainda, entendeu? Minha mãe ficava mais lá que dentro de casa. Eu não passava lá de jeito nenhum porque os índio tinham tentado roubar meu irmão caçula...

Pesquisadora: Os índios? Sério?

Entrevistada: É, porque muito puxado, a nossa aparência é muito puxado. E Ernane, quando ele era pequenininho, o cabelinho dele fazia aqui e minha mãe gostava de cortar o cabelinho

cocarzinho. Ficava com aquele cabelinho assim... Os índio batia os olho, minha filha, e achava que era deles: “É meu, é meu!” “Não!” Minha mãe: “Não, esse aqui é meu!” “Não, é meu!”

Pesquisadora: Mas eles tinham uma criança parecida?

Entrevistada: O que mais tinha era criança parecida com meu irmão caçula! Aí eles achava que minha mãe tava roubando meu irmão. Não... aí foi uma confusão, menina, pra falar que meu irmão era da minha mãe... E eu não passava lá não! Nem pisava quando os índio tava lá, minha filha... Nem pisava! Minha mãe já não gostava que eu vivia em rua, né? Rua pra mim, quando eu era pequena, era o quê? Era sair pra fazer pintura de pano de prato, que eu aprendi, crochê...

Pesquisadora: Você fazia onde?

Entrevistada: Simone arrumou um pessoal, quando a gente era pequeno, da vila que dava curso de graça pra gente. Então, curso de pintura... tinha uma senhorinha da pintura e tinha a senhorinha do crochê, que ensinava a gente a fazer crochê. E aí depois com os anos foi crescendo e aí aprendi... é... bordar com lantejoula, pedraria, qualquer coisa assim, que era um modo de ganhar um dinheiro... E hoje é bordado de linha, né? A gente faz um tiquim de cada... bordado de linha. A minha mãe me ensinava isso, quando eu era pequena, que nós tinha que ocupar a cabeça da gente, e se não tinha nada pra fazer, nenhuma trouxa de calcinha pra lavar, é melhor dormir. Cê ganhava mais.

Pesquisadora: Esse espaço que você falou onde tinham esses cursos era um espaço fixo?

Entrevistada: Sim, era dentro da escola. Atrás da escola tinha uma sala vaga. E aí eles conseguiu aquele espaço pra dar aula pras crianças, pra ensinar as crianças a fazer alguma coisa. E arrumaram essa senhorinha que mora lá no Leblon até hoje, que eu vejo ela lá até hoje, pra ensinar a pintura do pano de prato e o crochê. E aí nós aprendeu, todo mundo aprendeu. Quem quis, né? Eu e Olga já tava junto na época... pr'ocê ver também que nós duas anda junta desde pequena. Ela também aprendeu a fazer pintura no pano de prato também, essas coisa. Só que assim, a sem vergonhice não deixou nós fazer isso não...

Pesquisadora: E pra gente fechar, você acha que estando participando aqui da Maloca diariamente, do ano passado pra cá, isso te ajudou a conhecer melhor a política e facilitou ou possibilitou sua atuação? Não pensando, necessariamente, em política partidária, mas

pensando que estar nesse grupo mesmo da rede de confecção é uma forma de fazer política, né? Como que você vê isso hoje?

Entrevistada: Mudou muito a cabeça pro lado disso. Era muito fechada nesses ponto. Quer dizer, quando você não cresce com esses ensinamento, você não sabe o que tem pra frente. Mas aí quando cê cresce e vê outras coisa, vê outros modo, aí cê vê que tudo é política hoje, tudo se baseia na política. É... é pra mulher, é pra qualquer coisa. E aí hoje minha cabeça é bem mais aberta pra isso, pra várias coisa.

Pesquisadora: Tipo o quê?

Entrevistada: Ah, menina... antigamente... antes eles falava assim: “tem dois homem beijando ali”. Eu falava: “Credo! Deus do céu que vergonha!” Hoje em dia, eu falo assim: “Ah, é normal, se eles quer, é problema deles”, né? Então, pr’ocê ver que vai mudando a sua cabeça em algumas coisa... “Ah, tem duas menina ficando ali.” “Problema é das duas, deixa as duas quietinha. Isso significa que elas tão fazendo uma à outra feliz.” Mas se fosse antigamente: “Toma vergonha na sua cara, sô! Vai caçar um... um homem pr’ocê! Para com isso! Sem vergonha! Isso é sem vergonhice!” Não, aí, com tudo, sua cabeça vai mudando, vai passando o tempo cê vai mudando sua cabeça... Consciente da política... Cê vê hoje são situações diferente com pessoa diferente, ideias diferente... Aí você começa a estudar sobre a política daquilo, aí sua cabeça muda, de várias coisa...

Pesquisadora: Quando você fala estudar, você já pegou pra ler alguma coisa, algum material que já passaram?

Entrevistada: Sim, sim... E aí, é por isso que eu tô te falando, que aí cê vai mudando sua opinião. Antigamente, eu era cabeça fechada demais! Nossa Senhora! Eu era cabeça muito fechada. Hoje em dia não. Hoje minha cabeça já deu uma ampliada... até pra aceitar as pessoas, né? Que nem todo mundo cê aceita na sua vida... E aí quando cê não aceita, você tá fechada pra tudo, cê não tá aberto pras coisas... Aí quando eu vim pra cá... dentro desse um ano, menina, eu mudei muito minha vida... Conheci a praia que eu não conhecia, conheci pessoas novas... Simone falou uma coisa essa semana que ela tá certa: “Nós é responsável por tudo que a gente cativa”. Tudo que a gente cativa a gente é responsável pelo aquilo... E, assim, cê vai conhecendo as pessoas... é tanta pessoa diferente, é tanta pessoa... nossa, gente! São energias, são pessoas totalmente diferente... nossa! E aquilo vai abrangendo mesmo seu mundo, né? Cabeças diferente, pensamentos diferente... até em questão de política, eles são

tudo diferente! Então, hoje você tem que respeitar o que a pessoa pensa. Se fosse antigamente não, você batia boca com ela. Hoje em dia não, deixo ela falando. É o que ela pensa, gente! Ninguém vai mudar o que ela pensa...

Pesquisadora: Mas você também coloca a sua opinião, o seu pensamento?

Entrevistada: Sim, coloco. Se a pessoa quiser ouvir bem, se ela não quiser também não tem problema... Mas, assim, foi bom demais esse um ano aqui! Nossa Senhora! Consegui viajar com minha família toda! Meu sonho que eu tinha!

Pesquisadora: Pra praia, né?

Entrevistada: É! Nós voltou da praia, de Salvador, da feira de Salvador... e chegamos aqui e fomos pra Vitória. Foi lá que meu marido me pediu em casamento!

Pesquisadora: Que bonito! Não sabia não...

Entrevistada: (risos) Na areia da praia! Ele escreveu lá... porque eu já tinha chamado ele pra casar, Sol... eu chamei quatro vez pra casar... falei: “amor, vão casar comigo?” Ele: “vão”. Ele nunca falou não, mas, assim, esse “vão” nunca vai... aí eu falei um dia assim: “olha, no dia que cê quiser casar comigo, cê me fala, tá? Que eu não te chamo ocê pra casar mais não. Tá bom?” Aí na praia ele escreveu, nós foi ver o dia amanhecer, aí ele colocou bem grande lá na areia da praia assim: “Amor, casa comigo?” Aí eu olhei e falei assim: “Uhum... tá... tá querendo me enganar de novo, né?” Aí não acreditei, não dei infa no que ele falou não, deixei pra lá... Aí quando a gente... quando eu voltei agora do, do... voltei foi esses dia de Jequitibá, ele falou assim: “já tá preparando já? Já pegou o papel pra gente casar mesmo? Vamo lá comprar as aliança”. Aí ele quer assim, né? Ele correu atrás, tá correndo... Aí foi lá, já comprou as aliança, tá mexendo com os papel, já chamou os padrinho... Eu falei: “Oh, meu Deus, vou casar mesmo!” (risos) Mas assim, foi na praia, e aí saí com os menino... Iago conheceu a praia, Manu... Que Micaela e Vinícius já conhecia a praia por conta da Simone, porque minha mãe já tem um bom tempo que tá na Maloca e eles já viajaram muito. Então os menino já conheceu vários lugar, praia principalmente. Mas eu, Manu e Iago, e Dedé, que é a filha dele, nada disso... Nunca tinha conhecido a praia... Ah, menina, nós tava parecendo peixe! Ninguém queria sair da água! Era uma briga... até pra fazer comida... quem é que saia? Porque Nísia virou um camarão, só tomava sol. Virgínia entrou dentro d’água, que ninguém tirava... (risos) Eduardo o tempo todo lendo um livro na beira da praia, ele não entra dentro

d'água... Rafael e Xavier, menina! Cê tinha que tomar cuidado, que aqueles ali parece peixe quando vê água também... (risos) E Nossa Senhora, gente, que que foi aquilo? Ô Pai amado! Ôs menino, viu? Também foi uma felicidade... Meu marido então... ele tinha um medo de praia, menina! Na hora que eu vi já tava lá no meio dela...

Pesquisadora: Ele nunca tinha ido também não?

Entrevistada: Já tinha, mas ele quase se afogou uma vez quando era criança. E quando via praia ficava aquela coisa assim: “eu não gosto de praia, eu não gosto de praia...” Aí quando foi agora com a gente... Nossa Senhora! Ele só faltou falar que era o peixe boi, que ele não queria sair de dentro d'água também mais não, fia! Nós ficava o dia inteiro... (risos)

Pesquisadora: E vocês estão pretendendo voltar?

Entrevistada: Eu quero. Mas final do ano agora eu falei que eu queria ir pra praia, mas eu não vou na praia. Eu vou lá ver minha vó, a mãe de mãe. Minha vizinha já tá velha... noventa e poucos anos, né? Se eu não me engano 95 ou 96, alguma coisa assim... E aí, eu liguei pra ela essa semana, ela falou assim: “ô fia! Sua vó já tá quase morrendo... cê não vai vim não?” Falei: “ô vó! Final do ano eu tô querendo ir pra aí, começo do ano eu tô querendo ir pra aí... eu e os menino...”. Aí ela: “ô, minha Nenzinha! Na hora que cê chegar aqui, eu vou pegar um pau, vou te meter na sua cabeça, que cê não mandou os menino pra mim nas férias...” Aí eu fui explicar pra ela que nas férias os menino não teve, né? E minha mãe... quando eles teve... minha mãe já tinha ido... Aí ela falou assim: “É... eu acho que vou acabar esse restim de minha vida aí com cês...” Eu falei: “ah, vó! Cê não vem nada não! Para com isso!” Mas aí eu tô querendo ver se começo do ano agora eu vou lá pra minha vó, ficar lá uns dias... Apesar de que eu não gosto de roça, não sou chegada à roça... Mas, assim, pela véia, eu faço qualquer coisa, né?

Pesquisadora: É... tem que ser, né? A gente não sabe o dia de amanhã, né?

Entrevistada: É! E depois a consciência fica, né? Porque a mãe de meu pai, até o tempo que eu pude ficar com ela, eu fiquei. É tanto que no dia... no dia que ela internou, na quarta pra quinta, antes dela morrer, diz que a primeira coisa que ela pediu foi pra me chamar... meu tio não teve coragem de me ligar! E naquele dia, eu cheguei de noite pra ir no hospital, falei: “ô mãe, eu vou lá no hospital”. Mas já tava tarde... minha mãe falou assim: “cê não vai conseguir entrar, porque é IPSEMG, eles não deixa a gente entrar fora do horário...” Aí na quinta que eu

levantei de manhã cedinho, eu falei: “não, eu vou lá ver minha vó!” Aí antes de chegar lá no ponto do ônibus, meu tio ligou: “não vem não que sua vó morreu”. Aí a única coisa que eu tive foi virar as costas e voltar pra casa de minha mãe, contar a notícia, né? Aí depois de um tempo, meu tio foi e falou: “sua vó chamou, queria te ver...” Que quem ficou a maioria da vida dela com ela, foi eu, entendeu? Quando ela adoecia... eu deixei meus filho com minha mãe, minha mãe criou meus filho praticamente sozinha... que eu ficava mais... cê vê... foi com quem? Manuele? Manuele também... Micaela! Micaela era pequenininha, menina, os peito inchado de tanto leite, mas muito leite... e já tinha uma semana com ela, que eu tava com ela lá... e aqui tava assim, aquilo me dando febre, que tava sentindo mal estar... ruim! Aí a moça falou assim comigo assim... enfermeira... não tava aguentando me ver mais... falou assim: “menina, eu acho que lá no nono andar tem a sala lá de maternidade... sobe lá, pede a menina te ajudar a tirar esse leite... já empedrou...” E aí, ela me ajudando a tirar aquele leite... e aquilo doía, aquilo eu chorava junto... nossa! Foi... Mas minha vó, eu fiquei com ela até no finalzinho. Aí essa agora, essa que eu não tô cuidando dela, mas eu tenho que cuidar dela...

Pesquisadora: Mas longe é difícil também, né?

Entrevistada: Nossa! Vale do Jequitinhonha, minha filha! Doze hora de viagem... Imagina pensando daqui até lá...

ANEXO E – Tabela de eventos em que a associação mulheres da vila como expositora – jan/2017 a abr/2019

Ano	Mês	Evento	Município
2017	Janeiro	10ª Bienal da UNE	FORTALEZA
2017	Fevereiro	1ª Mostra de Direitos Humanos	BELO HORIZONTE
2017	Abril	XIX Congresso Mundial de Educadores e Educadoras Sociais	CAMPINAS
2017	Maio	Feira de Economia Solidária	BELO HORIZONTE
2017	Junho	Colóquio Letras e Mulheres	BELO HORIZONTE
2017	Junho	I Feira de Economia Popular Solidária na Câmara Municipal	BELO HORIZONTE
2017	Junho	LV Congresso Nacional UNE	BELO HORIZONTE
2017	Junho	6º Congresso Nacional do PT	BRASÍLIA
2017	Junho	XIX Encontro Nacional do Colegiado Nacional de Gestores Municipais de Assistência Social	PORTO SEGURO
2017	Julho	XVIII Feira Nacional de Negócios e Artesanato	OLINDA
2017	Agosto	13º Mundos de Mulheres & Fazendo Gênero 11	FLORIANÓPOLIS
2017	Setembro	VI Congresso Latino-americano de Agroecologia	BRASÍLIA
2017	Setembro	IV Conferência Estadual de Promoção da Igualdade Racial	CAETÉ
2017	Setembro	1º Quintal Serra do Cipó	JABOTICATUBAS
2017	Setembro	13ª Feira Mineira de Artesanato	TIRADENTES
2017	Outubro	II Festival de Arte e Cultura da Reforma Agrária	BELO HORIZONTE
2017	Outubro	XII Conferência de Assistência Social	BELO HORIZONTE
2017	Outubro	Festival da Arte Negra	BELO HORIZONTE
2017	Outubro	Encontro Nacional de Mulheres do PT	BRASÍLIA
2017	Outubro	28º Congresso de Educação do Sindicato dos Profissionais em Educação no Ensino Municipal – SP	SÃO PAULO
2017	Novembro	III Encontro Internacional de Revitalização de Rios	BELO HORIZONTE
2017	Novembro	IV Encontro do Movimento Pedagógico Latino-Americano	CONTAGEM
2017	Novembro	Arte Santo	VITÓRIA
2017	Dezembro	Feira Nacional de Artesanato	BELO HORIZONTE

2018	Fevereiro	Pré-candidatura à presidência Lula	BELO HORIZONTE
2018	Fevereiro	Encontro Estadual para Formação de Ativistas de Movimentos Populares e Sindicais - Frente Brasil Popular	BELO HORIZONTE
2018	Março	Semana Ser Professor	BELO HORIZONTE
2018	Março	Mulheres Mineiras na Luta!	BELO HORIZONTE
2018	Março	Fórum Alternativo Mundial da Água	BRASÍLIA
2018	Março	Fórum Social Mundial	SALVADOR
2018	Abril	II Congresso Internacional Paulo Freire	BELO HORIZONTE
2018	Abril	12ª Feira Internacional de Artesanato	BRASÍLIA
2018	Maio	Feira Economia Popular Solidária FAFICH	BELO HORIZONTE
2018	Maio	Conferência Nacional Popular de Educação	BELO HORIZONTE
2018	Junho	11º Congresso do Sind-UTE/MG	BELO HORIZONTE
2018	Junho	IV Encontro Nacional de Agroecologia	BELO HORIZONTE
2018	Junho	Plenária Estadual do Congresso do Povo	IBIRITÉ
2018	Julho	XVIV Feira Nacional de Negócios e Artesanato	OLINDA
2018	Agosto	11º Congresso dos Trabalhadores em Educação Chico Mendes	BRASÍLIA
2018	Setembro	IV Congresso Nacional de Formação de Professores e XIV Congresso Estadual Paulista sobre Formação de Educadores	ÁGUAS DE LINDÓIA
2018	Outubro	29º Congresso de Educação do Sindicato dos Profissionais em Educação no Ensino Municipal - SP	SÃO PAULO
2018	Outubro	X Congresso Brasileiro de Pesquisadores/as Negros/as - COPENE	UBERLÂNDIA
2018	Novembro	Mercado Delas - Festival Mulheres do Mundo	RIO DE JANEIRO
2018	Novembro	Arte Santo	VITÓRIA
2018	Dezembro	XVI Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social	VITÓRIA
2018	Dezembro	Feira Nacional de Artesanato	BELO HORIZONTE
2018	Dezembro	XIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais	GUARULHOS
2019	Abril	13ª Feira Internacional de Artesanato	BRASÍLIA